

N.º 16 | 2023

# CEM

CULTURA, ESPAÇO & MEMÓRIA

REVISTA DO CITCEM  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO  
TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

## NESTE NÚMERO:

- DOSSIÊ TEMÁTICO**  
«Fluxos globais»  
(ed. Gisele C. Conceição, Fabiano Bracht)
- VÁRIA**
- NOTÍCIAS**

**CEM N.º 16**  
CULTURA, ESPAÇO & MEMÓRIA

# CEM N.º 16

## CULTURA, ESPAÇO & MEMÓRIA

Direção: Inês Amorim

Edição do dossiê temático: Gisele C. Conceição,  
Fabiano Bracht

Design gráfico: Helena Lobo Design | [www.hldesign.pt](http://www.hldesign.pt)

Capa: BLONDEAU (1809). *Mappe-Monde our carte generale de la terre*. In David Rumsey Map Collection. Disponível em <<https://www.davidrumsey.com>>.

© 2023 Autores

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória  
Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | [www.citcem.org](http://www.citcem.org)  
[citcem@letras.up.pt](mailto:citcem@letras.up.pt)

Esta revista é sujeita a *double-blind peer review*  
Esta é uma obra em Acesso Aberto, disponibilizada online (<https://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM>) e licenciada segundo uma licença Creative Commons de Atribuição Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY 4.0)



ISSN: 2182-1097

DOI: <https://doi.org/10.21747/2182-1097/cem16>

Periodicidade: Semestral

Porto, dezembro de 2023 (1.ª edição)

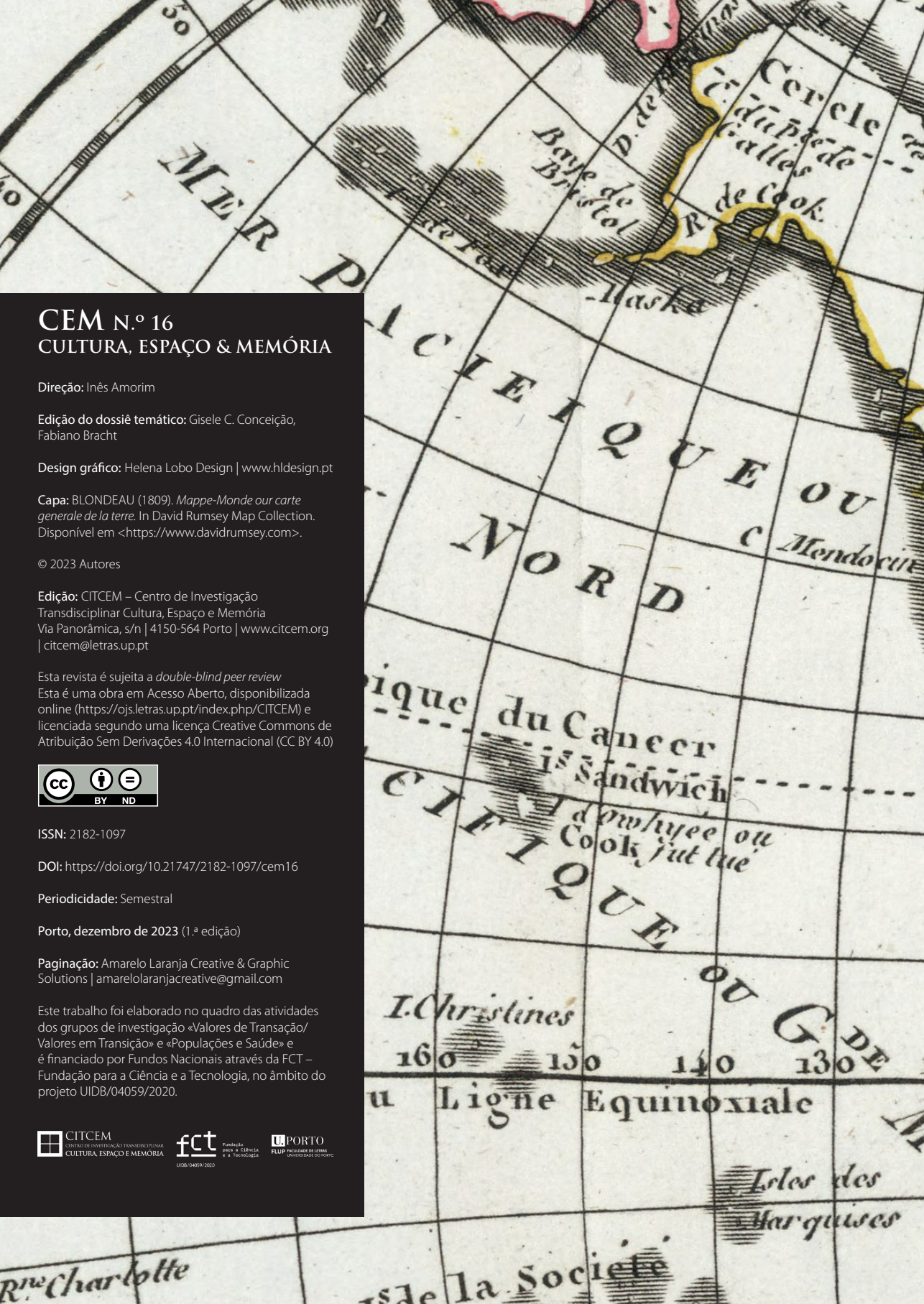
Paginação: Amarelo Laranja Creative & Graphic Solutions | [amarelolaranjacreative@gmail.com](mailto:amarelolaranjacreative@gmail.com)

Este trabalho foi elaborado no quadro das atividades dos grupos de investigação «Valores de Transação/Valores em Transição» e «Populações e Saúde» e é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/04059/2020.

CITCEM  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

fct  
FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA  
UIDB/04059/2020

PORTO  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO





## EDITORIAL *pág. 5*

### APRESENTAÇÃO

#### FLUXOS GLOBAIS

■ Gisele C. Conceição

■ Fabiano Bracht *pág. 7*

### FLUXOS GLOBAIS

#### A CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS

#### MÉDICOS NO IMPÉRIO PORTUGUÊS:

#### O CASO DA VARÍOLA NO JORNAL ENCICLOPÉDICO

■ Rafael Dias Campos *pág. 11*

#### DIÁSPORA, PRODUÇÃO

#### E CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS NO ATLÂNTICO: AS

#### CONTRIBUIÇÕES DE UM AÇORIANO PARA O ENTENDIMENTO

#### DA GEOGRAFIA DO SUL DO BRASIL (1750-1781)

■ Denise A. S. de Moura *pág. 27*

#### IMIGRAÇÃO AÇORIANA, PERCURSOS E TRAJETÓRIAS

#### DE VIDA NAS CHARQUEADAS DE PELOTAS

#### — RIO GRANDE DO SUL, C. 1750-1830

■ Stéfani Hollmann

■ Milene dos Anjos *pág. 43*

#### ALÉM DE GIL VICENTE: REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS,

#### ARTÍSTICAS E POPULARES SOBRE OS CIGANOS

#### PORTUGUESES DA ÉPOCA MODERNA

■ Francisco Mangas *pág. 63*

### VÁRIA

#### INSUBMISSAS LÁGRIMAS MATERNAS:

#### A MATERNIDADE NEGRA EM CONCEIÇÃO EVARISTO

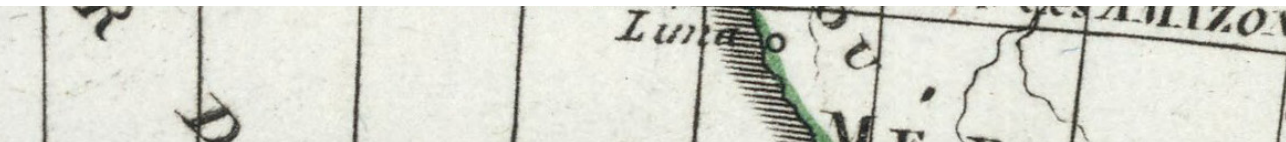
■ Ana Luiza de Figueiredo Souza *pág. 81*

### NOTÍCIAS

#### AS OFICINAS DE INVESTIGAÇÃO CITCEM 2023/2024

■ Carla Sequeira

■ Joana Lencart *pág. 107*



## CONSELHO EDITORIAL

Inês Amorim  
Alice Lucas Semedo  
Antero Ferreira  
Flávio Miranda  
Francisco Topa  
Lúcia Rosas  
Luís Borges Gouveia  
Maria João Oliveira e Silva  
Mário Jorge Barroca  
Mariana Selas

## CONSELHO CONSULTIVO

Bernardo Vasconcelos e Sousa (Universidade NOVA de Lisboa)  
David Reher (Universidade Complutense de Madrid)  
Fernando Rosas (Universidade NOVA de Lisboa)  
Francisco Bettencourt (King's College)  
Hilario Casado Alonso (Universidade de Valladolid)  
Ingrid Kasten (Universidade de Berlim)  
Joaquim Ramos Carvalho (Universidade de Coimbra)  
Jochen Vogt (Universidade de Essen)  
Jorge Alves Osório (Universidade do Porto)  
José Augusto Cardoso Bernardes (Universidade de Coimbra)  
José Pedro Paiva (Universidade de Coimbra)  
José Portela (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)  
Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)  
Maria Helena Cruz Coelho (Universidade de Coimbra)  
Maria Manuela Gouveia Delille (Universidade de Coimbra)  
Mathieu Poux (Universidade Lumière Lyon II)  
Mona Haggag (Universidade de Alexandria)  
Nuno Gonçalo Monteiro (Universidade NOVA de Lisboa)  
Octávio de Medeiros (Universidade dos Açores)

## APOIO À EDIÇÃO

Estefânia Cruz Lopes  
Marta Sofia Costa

O Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) lança mais um número da sua revista. Neste ano, 2.º semestre de 2023, introduziu uma novidade editorial, na linha de uma procura crescente de acesso aberto e exclusivamente em formato digital. Evitar a pegada ecológica orienta, profundamente, a política do CITCEM, tendo em consideração as preocupações ambientais, uma decisão que aponta para a sustentabilidade das formas de distribuição da informação em formatos que, além de eficazes, poupam recursos de diferente natureza.

Esta edição reúne um conjunto de textos que respondeu à chamada de artigos sob o tema abrangente de «fluxos globais de circulação de conhecimento», estruturado em torno de tópicos como «conhecimento circular», «diversidade de povos e culturas», «ambiente e clima», «mundo natural», «mares e continentes», etc. O dossiê representa, pois, um contributo para o avanço historiográfico, como legitimamente observam os seus coordenadores, Gisele C. Conceição e Fabiano Bracht no texto que desenvolveram e para o qual remetemos.

Aos artigos temáticos juntam-se um artigo na secção *Vária*, da autoria de Ana Luiza de Figueiredo Souza, e um texto elaborado pelas responsáveis da organização das Oficinas de Investigação do CITCEM (OIC), que funcionam desde 2011, espaço de divulgação e discussão regular de projetos de investigação individuais (dissertações de mestrado ou teses de doutoramento, projetos de pós-doc., etc.) ou coletivos, dos investigadores e colaboradores do CITCEM. Na presente edição (2023-2024), Joana Lencart e Carla Sequeira estruturaram um programa coerente, mediando as propostas submetidas por vários quadrantes científicos, cujas sessões transdisciplinares juntarão, igualmente, investigadores convidados de outros centros ou universidades nacionais e/ou estrangeiras que fortalecem o carácter laboratorial em torno de temas atuais como «gestão e valorização do património», «história ambiental», «bem-estar e mortalidade», «contributos para um Repositório Genealógico Nacional», «arquitetura urbana e gestão da água», «práticas arquitetónicas, artísticas e musicais em ambiente de museu», «perspetivas do ensino da História», «confluências culturais literárias transatlânticas», «relações de poder», «público e privado — o acesso a dados pessoais na internet», e muitas outras (<https://oficinascitcem.wixsite.com/oiccitcem>).

Obedecendo a uma política e a um processo de avaliação científica cega por especialistas, a quem sinceramente agradecemos, pela gratuidade e generosidade com que se empenham, sublinhamos que são estes e os autores que garantem a qualidade da publicação, indexada em várias plataformas nacionais e internacionais.

**Inês Amorim**

(A Coordenadora Científica do CITCEM)

# APRESENTAÇÃO

## FLUXOS GLOBAIS\*

O número da revista «CEM» que agora se publica procurou traduzir as dinâmicas dos fluxos globais de circulação de conhecimento. A ideia central de que se parte é a de que uma grande diversidade de agentes históricos, no contexto da expansão marítima europeia, no período moderno, produziu, partilhou e fez circular conhecimentos a respeito de povos e culturas, climas, mares e aspetos do mundo natural que se revelaram fundamentais para a construção, por parte dos europeus, da conceção de um mundo global. Boa parte desta circulação deu-se através da circulação de pessoas, a partir de fluxos migratórios.

O número 16 da «CEM» recebeu contribuições que discutem como o conhecimento produzido a partir do processo da expansão europeia, em particular ibérica, fez parte da ampliação da escala europeia da noção do mundo, e assim, de culturas, espaços geográficos, clima e ambiente natural. Dentro deste amplo escopo, a Medicina, enquanto disciplina e prática médica, esteve no centro da produção e circulação de conhecimentos.

É também notório que as contribuições aqui publicadas estejam dedicadas ao estudo, em termos históricos, do papel dos indivíduos e das comunidades migrantes, através de processos espontâneos ou forçados, na produção e circulação de conhecimento. O foco destes trabalhos está direcionado às transferências interculturais ocorridas entre migrantes e populações locais, com ênfase especial nos processos de produção compartilhada de conhecimentos permeados por disputas de poder, negociação e coerção que influenciaram o desenvolvimento de expressões de alteridade em espaços permeáveis à sua coexistência.

É ainda preciso lançar o repto para que novos trabalhos e iniciativas continuem a ser pensadas relativamente a este tema, que vem, ao longo das últimas duas décadas, ganhando cada vez mais espaço. O enquadramento teórico proposto para este número prendeu-se com a ideia de que ao colocar o conhecimento, e não a ciência, ou a cultura, ou as ideias, no centro da reflexão historiográfica, abrem-se novos horizontes e novos caminhos para a investigação. Partimos da noção de que produção e a circulação do conhecimento, em termos históricos, estão intimamente ligadas ao estabelecimento de processos comunica-

---

\* DOI: <https://doi.org/10.21747/2182-1097/cem16apr>.

cionais, essencialmente marcados pela ação de uma vasta gama de agentes através do estabelecimento e a manutenção de redes de contatos e de circulação.

Neste número da «CEM», poderão encontrar textos que abordam a produção de conhecimentos em diversos níveis, assim como a circulação de pessoas, conhecimento e agentes não humanos. Boa leitura!

**Gisele C. Conceição**  
**Fabiano Bracht**

**FLUXOS**  
**GLOBAIS**



# A CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS MÉDICOS NO IMPÉRIO PORTUGUÊS: O CASO DA VARÍOLA NO *JORNAL ENCICLOPÉDICO*\*

RAFAEL DIAS CAMPOS\*\*

**Resumo:** *O Jornal Enciclopédico foi um periódico português imbuído do pensamento iluminista que publicou discussões médicas de relevo para o Império lusitano. Inserido no conjunto de publicações de popularização dos saberes que ajudaram na difusão de uma esfera pública, localizada primordialmente na corte, o periódico contou com a participação de pensadores que preconizaram um olhar atento para as gentes. De forma similar a jornais estrangeiros semelhantes, o conjunto documental aqui analisado debateu temas os mais diversos e contou com um corpo de autores e tradutores que pretendiam inserir Portugal no rol dos países progressistas, comprometido com a ilustração de seu povo. Como uma doença especialmente importante para os domínios imperialistas europeus, a varíola significou elemento essencial de debate e, por isso mesmo, recebeu atenção especial dos editores do periódico. Esse artigo discute justamente a inserção desse tema nas trocas de conhecimentos, através do referido jornal luso.*

**Palavras-chave:** *Jornal Enciclopédico; circulação de conhecimento; Iluminismo.*

**Abstract:** *The Jornal Enciclopédico was a Portuguese periodical impregnated with Enlightenment thinking that published important medical discussions for the Portuguese empire. as part of the set of publications for the popularization of knowledge that helped the diffusion of a public sphere, primarily located in the court, the journal had the participation of thinkers who advocated an attentive look at the people. In a related way to similar foreign newspapers, the document analyzed here examined diverse topics and had a body of authors and translators who intended to insert Portugal in the list of progressive countries, committed to the enlightenment of its people. A disease that was especially important for European imperialist domains, smallpox was an essential element of debate, and for this very reason, it received special attention from the journal's editors. This article precisely discusses the insertion of this theme in the exchange of knowledge, through the Portuguese newspaper.*

**Keywords:** *Jornal Enciclopédico; circulation of knowledge; Enlightenment.*

A percepção do Iluminismo como uma transformação filosófica unívoca que se espalhou pela Europa desde Paris e ganhou adeptos através do globo ainda persiste<sup>1</sup>. Mas a perspectiva de que o mundo ibérico seria um território atrasado por excelência deixou há algum tempo de ser defendida com o afincado de outrora.

---

\* Gostaria de expressar minha sincera gratidão aos pareceristas pelas valiosas sugestões, que foram extremamente bem-vindas e que contribuíram significativamente para enriquecer e orientar este trabalho.

\*\* Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Email: rafael.campos@uftm.edu.br.

<sup>1</sup> DARNTON, 2005: 17-18.

Investigações profundas contradizendo a assim chamada «lenda negra» têm sido publicadas nas últimas décadas, salientando que as ideias e ações daqueles homens de letras foram parte de complexos processos de construção de saberes e de multifacetadas relações de domínio em territórios d'aquém e d'além-mar<sup>2</sup>. Esses trabalhos evidenciaram, como salientou Júnia Furtado, que a lenda negra conformava uma visão apriorística, preconceituosa mesmo, que preferia atribuir sinais de atraso às regiões consideradas periféricas, ao invés de analisar os agentes históricos pesquisados<sup>3</sup>. Essas investigações ganharam o reforço de pesquisas recentes, que terminaram por fazer perceber, de forma diametralmente oposta ao preconizado por Robert Darnton, que «a propagação do pensamento científico no século XVIII não era um processo centrípeto»<sup>4</sup>.

As discussões médicas debatidas no *Jornal Enciclopédico* apresentam-se assim enquanto uma efetiva possibilidade para se perceber quão mutável e difuso se deu o processo de circulação de conhecimentos, seja em escala global, seja tendo o domínio imperial português como ponto de observação privilegiado. Não fortuitamente, argumentamos que o conhecimento apresentado no jornal foi fruto da correlação entre interesses que ultrapassaram as fronteiras territoriais de Portugal. Como exemplo disso, podemos perceber nas páginas do periódico a existência de debates e investigações mutuamente acontecendo em Portugal, Inglaterra e França ou em seus respectivos domínios coloniais. Dessa correlação, é possível notar autores originários da América Portuguesa debatendo questões que, à partida, fariam sentido apenas para os centros de poder em Lisboa, Londres ou Paris. O que, como apontado por Kapil Raj<sup>5</sup>, permite perceber que uma considerável parte da assim chamada «ciência ocidental» se deu fora desta, seja em relação a suas fronteiras físicas/territoriais, seja em relação às fronteiras do conhecimento, da produção e circulação de saberes e das habilidades e técnicas. Em perspectiva similar, a pesquisadora Londa Schiebinger salientou categoricamente que «a circulação de pessoas, plantas (como alimento e remédio), doenças e conhecimento impulsionaram os testes médicos no mundo atlântico do século XVIII»<sup>6</sup>.

A existência desta circularidade ampla não elimina, no entanto, a historicidade espacial mais atinente às realidades locais. Saberes, como bem salientou

---

<sup>2</sup> ASTIGARRAGA, *ed.*, 2015; BARRERA-OSORIO, 2006; CAÑIZARES-ESGUERRA, 2009; FIGUEIRÔA, SILVA, PATACA, 2007; LAFUENTE, PIMENTEL, 2012; PIMENTEL, 2000; PIMENTEL, PARDO-TOMÁS, 2017; PORTUONDO, 2009; RAJ, 2007, 2010; SAFIER, 2010; SCHIEBINGER, 2017.

<sup>3</sup> FURTADO, 2012.

<sup>4</sup> PALMA, 2021: 23.

<sup>5</sup> RAJ, 2007.

<sup>6</sup> SCHIEBINGER, 2017: 147 (tradução nossa). A autora apresentou uma perspectiva relevante, ainda que distinta da aqui adotada, mas não deixa de ser importante analisar a sua proposta de *nexus* «colonial», do «comércio de escravizados» e da «conquista». Para mais, cf. SCHIEBINGER, 2017.

Monique Palma, «não se produzem sem agentes»<sup>7</sup> e estes, invariavelmente, estavam relacionados às vicissitudes e visões do mundo ao redor. Não por acaso, Kapil Raj notou ser imperioso observar que os espaços de circulação do conhecimento mudam historicamente e, com essas mudanças, as preocupações e interesses de seus agentes<sup>8</sup>. O autor, em ocasião posterior, ao redefinir uma «concepção transformadora de circulação», fez justamente a todos perceber que «nem tudo circula» e, principalmente, que as condições para ideias, livros, práticas, povos e materiais circularem podiam justamente depender «da troca de favores, patronagem, amizade, obrigação ou simplesmente trocas econômicas, para citar algumas possibilidades»<sup>9</sup>. Além disso, ele reconheceu, como havia salientado Ângela Domingues acerca das produções filosófico-naturais «segredadas» pela Coroa lusa<sup>10</sup>, que «nem todos desejam que tudo circule livremente»<sup>11</sup>. Desta forma, acreditamos poder retomar o que o autor havia defendido, ou seja, que essas interações «são elas próprias [resultantes de] um local de construção e reconfiguração do conhecimento»<sup>12</sup>, é dizer que: «o local pode ser fator de influência na produção de conhecimento, tanto no que diz respeito à transmissão do conhecimento, quanto àquilo que se observa e a maneira como se observa»<sup>13</sup>.

Assim, é justamente por também notar a construção e transformação do conhecimento como um processo em constante adaptação, que podemos perceber em Bordeaux uma relação muito mais intrincada com as discussões econômicas e com a escravidão e as liberdades humanas do que em Montpellier, embora ambas as cidades estivessem ligadas ao comércio transatlântico. Este fenômeno explica-se em grande parte devido ao intenso envolvimento que Bordeaux tinha no tráfico de escravizados com as Antilhas<sup>14</sup>. De modo semelhante, o trabalho de Hélène Berlan<sup>15</sup> permite notar uma relativa ausência de debates sobre o escorbuto na Faculdade de Medicina da Universidade de Montpellier, o que não se verifica se observamos especificamente os estudantes brasileiros que por lá passaram,

---

<sup>7</sup> PALMA, 2021: 13.

<sup>8</sup> RAJ, 2007; CONCEIÇÃO, 2019: 134-138. Apesar de não se relacionar diretamente ao foco do presente trabalho, pode ser interessante observar que nem todos esses processos de circulação de saberes foram, digamos, bem recebidos por diferentes povos. É exemplar, neste sentido, a existência uma classificação hierárquica dos seres no século XVIII que tinha o negro como inferior. Para se chegar nesse lugar-comum-etnocêntrico, que definia padrões de inferioridade para os povos não europeus, foi preciso a existência de trocas as mais variadas, ainda que essas ideias de superioridade tenham sido posteriormente criticadas e refutadas. Para uma percepção sobre estas visões que definiam negros como inferiores e até subespécies no século XVIII, veja CAMPOS, 2014. Para críticas a estas perspectivas, consultar CAMPOS, 2017; 2018: 50-56, 247-255.

<sup>9</sup> RAJ, 2013: 345 (tradução nossa).

<sup>10</sup> DOMINGUES, 2006, 2013.

<sup>11</sup> RAJ, 2013: 345.

<sup>12</sup> RAJ, 2013: 343.

<sup>13</sup> CONCEIÇÃO, 2019: 195.

<sup>14</sup> HUBERT, BLOCK, CAUNA, 2010; LAFONT-COUTURIER *et al.*, 1999.

<sup>15</sup> BERLAN, 2013.

uma vez que escreveram sobre o tema em trabalhos posteriores ou chegaram mesmo a defender tese sobre a matéria<sup>16</sup>.

Dito de outra forma, os saberes trazidos da América mostram que houve efetivamente uma grande troca ao redor do globo e que estas circulações globais de conhecimentos se transfiguraram ao longo do tempo, permitindo-nos questionar a ideia de uma produção de conhecimentos (euro)centrada. Foi o que demonstrou proficuamente Monique Palma ao examinar a circulação de saberes médico-cirúrgicos no mundo lusófono<sup>17</sup>. Após a exposição de um vasto conjunto documental, ainda que por ela própria considerado não exaustivo, a investigadora nos deu provas suficientes de que o conhecimento circulou ao redor dos diferentes espaços de saber, sem grandes entraves acerca de onde vinham aqueles homens, sendo mais relevante a posição e o reconhecimento/pertencimento social do que a origem propriamente dita<sup>18</sup>, como também demonstrado anteriormente por Nuno Gonçalo Monteiro<sup>19</sup>, ainda que em ocasião e com perspectivas diversas. Além disso, a autora não deixou de perceber, após ampla análise documental, que estas trocas podiam ser até mesmo de cultura material e que todas aquelas trocas de conhecimentos e, por exemplo, de espécimes botânicos podem, e devem, ser enquadradas no conjunto das circulações de saberes<sup>20</sup>. É também o que se percebe com alguma segurança da análise de Jeremy L. Caradonna acerca das premiações em França<sup>21</sup> ou até mesmo da posição geográfica dos «coletores» da Real Academia Medico-Portopolitana<sup>22</sup> e de tantas outras academias e sociedades de então<sup>23</sup>.

Assim, a participação em academias e sociedades de letras e/ou científicas; o cumprimento de serviços ao público, seja como médico em hospitais ou de cabeceira («particular»); a administração de jardins botânicos, então voltados para a medicina e a farmacopeia; ou mesmo a divulgação de ideias relacionadas com o bom governo e a saúde dos povos por meio de opúsculos, traduções e panfletos, não foram apenas ações científicas e culturais, mas também construções de uma reputação pública, simbólica, necessária para a consumação de uma almejada ascensão social que, concomitantemente, ultimou por efetivar todo um complexo processo de circulação de conhecimentos.

Desta feita, parece-nos ter ficado claro que se pretende aqui argumentar que a produção de conhecimentos não seria necessariamente afeita apenas ao local ou

---

<sup>16</sup> CAMPOS, 2018.

<sup>17</sup> PALMA, 2021: 287-296.

<sup>18</sup> PALMA, 2021: 296, 310.

<sup>19</sup> MONTEIRO, 2009.

<sup>20</sup> PALMA, 2021: 311-312.

<sup>21</sup> CARADONNA, 2012.

<sup>22</sup> REAL ACADEMIA MEDICO-PORTOPOLITANA, 1749.

<sup>23</sup> CAMPOS, 2018: 288.

ao global<sup>24</sup>; que esse processo não ocorreu exclusivamente por meio do envio de informações da colônia para a metrópole; ou mesmo que os lócus de produção de conhecimento não eram afeitos a apenas dois ou três espaços privilegiados (como a Universidade de Coimbra ou a Academia Real das Ciências), como enfatizou Gisele Conceição em diferentes ocasiões de sua obra<sup>25</sup>, principalmente quando salientou que os «processos de reconfiguração do conhecimento ou ressignificação, podem acontecer em zonas de contato, a partir do envolvimento de variados agentes, instrumentos, técnicas, conhecimentos específicos» e que «poderiam, ainda, envolver [...] jogos de poder e hierarquia entre os agentes participantes neste sistema de reconfiguração»<sup>26</sup>. De uma parte, perceber isso implica necessariamente também considerar que muitas dessas produções e intercâmbios estavam fortemente atrelados ou eram produzidos ao serviço dos domínios imperiais.

Nesse sentido, o que se procura previamente ressaltar justamente é que diversos trabalhos produzidos nesse contexto tinham a dominação colonial entranhada em seu ADN e que isso não limita a forma como esses saberes foram gerados e transmitidos, muito pelo contrário. Reconhecer que a produção do conhecimento setecentista foi igualmente uma produção imperialista, na medida em que terminou elaborada no seio de sociedades imperiais, ao mesmo tempo em que possuiu um patente interesse de domínio e controle, não implica simplesmente rotular como imperialistas aqueles que integravam essas sociedades<sup>27</sup> e nem mesmo em minimizar, como procuramos demonstrar anteriormente, os processos de circulação desses saberes ao redor do globo.

Ainda assim, é premente ressaltar que este processo de administração de povos sob controle e seus saberes não se deu por mera relação de domínio, ainda que também o tenha sido. A produção imperialista, interessada em conhecer o outro — os povos e suas produções, a natureza que os cercava e as relações humanas engendradas em outros contextos — ainda que sob um olhar com pouquíssima alteridade, estava atrelada a ações administrativas e consequentes relações sociais ao redor de diversas partes do mundo. Como exemplo mais claro podemos citar o Museu Britânico e sua sumptuosa seção sobre o *Enlightenment*, com recolhidas de produções naturais e culturais de diversos pontos do globo<sup>28</sup>. É certo, acerca disso, que o Império britânico angariou uma infinidade de objetos e artefatos referentes à cultura material de povos com quem teve contato ou de civilizações antigas, consideradas exemplares, mas não foi o único a fazê-lo. As coletas enviadas ao longo do século XVIII por viajantes e naturalistas a serviço

---

<sup>24</sup> Para uma visão mais detalhada sobre esse debate, cf. SUBRAHMANYAM, 1997.

<sup>25</sup> CONCEIÇÃO, 2019: 45-48, 150.

<sup>26</sup> CONCEIÇÃO, 2019: 181.

<sup>27</sup> CAREY, FESTA, 2009: 8; MUTHU, 2003.

<sup>28</sup> DOMINGUES, ALVES-MELO, 2021; SLOAN, BURNETT, 2003.

do Império luso podem ser igualmente vistas em diversos museus portugueses. As viagens filosóficas apoiadas pela Coroa percorreram praticamente todas as regiões da América Portuguesa e alguns núcleos museológicos, como o Museu da Ciência (Universidade de Coimbra), o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Universidade de Lisboa) ou o acervo museal da Academia das Ciências de Lisboa, para ficarmos em poucos exemplos, permitem perceber com clareza recolhas das mais diversas partes do globo em que o Império português se fez presente.

Perceber estes aspectos da ilustração é uma necessidade premente para inclusivamente se tentar evitar visões apaixonadas e ingênuas acerca dos «progressos» trazidos por aqueles homens de letras e, em simultâneo, reconhecer que a ciência setecentista tinha, ela própria, uma base social, econômica e política fortemente atrelada a esse contexto imperial de exploração e domínio. Não foi por mero acaso que muitos dos artigos publicados no *Jornal Enciclopédico* estavam visivelmente impregnados desse ideal imperial, ainda que tenham sido parte do processo de circulação de conhecimentos médicos, além do fato de a própria publicação (*dedicado à Rainha N. Senhora*, como se percebe em seu título) pertencer a esse universo.

## UNIVERSALISMO EM REVISTA: UMA INTRODUÇÃO À CORNUCÓPIA DE JORNAIS ENCICLOPÉDICOS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII

Analisando as trocas de conhecimento no *Jornal Enciclopédico*, pretendemos dar a conhecer que a produção intelectual de regiões fora do eixo do canal da Mancha não eram subprodutos (meras reproduções inacabadas) dos saberes, supostamente mais aprimorados, produzidos em Londres ou Paris. Evidências das mais variadas matizes sobejam nesse sentido e não podem ser desconsideradas. Além dos vários debates supracitados, são exemplares as adaptações shakespearianas de Jean-François Ducis nos anos de 1770, a recepção de produções literárias e filosófico-naturais germânicas e até a própria *Encyclopédie*<sup>29</sup>. Sucesso editorial de então e grande força motriz de inúmeras publicações ilustradas, essa obra permeou o mundo letrado com ideais que norteariam a publicação portuguesa, ainda que nela se perceba uma clara visão eurocêntrica<sup>30</sup>.

De modo semelhante, a *Encyclopédie Méthodique* de Panckoucke e o *Journal Encyclopédique*, com suas resenhas bibliográficas, observações e novidades de diversas regiões da Europa, foram publicações que acabaram por estabelecer um

---

<sup>29</sup> LAUDIN, 2019.

<sup>30</sup> DELVA, 1982; SOMAIN, 2018.

parâmetro dos temas que deveriam ser abordados em periódicos ilustrados congêneres. Editado por Pierre Rousseau entre os anos de 1756 e 1771, o jornal chegou a ser considerado como uma continuação do famoso *Dictionnaire raisonné* de Diderot e d'Alembert, sendo que diversos debates estrangeiros foram incorporados, ainda que tenha privilegiado obras francesas, inclusivamente devido às limitações linguísticas do público leitor<sup>31</sup>.

Não foi por acaso, portanto, a perceptível presença no *Journal Encyclopédique* de publicações não apenas de notícias ou experimentos de ilustrados franceses, ou de membros correspondentes de suas academias. Parte importante das páginas do jornal enciclopédico de Pierre Rousseau estavam voltadas a conhecer, consideravam eles, o que de melhor se estava a produzir fora do mundo francófono, ainda que tenham falado pouco do universo lusitano propriamente dito. Nelas, podemos notar um anúncio do *Verdadeiro método de estudar*, de Luís António Verney<sup>32</sup>, bem como o trecho de uma memória não assinada sobre o estado das ciências naqueles domínios. Nessa última, são citadas diversas proezas dos ilustrados lusos, como a criação da Academia dos Singulares em 1663, numa clara tentativa de apresentar a anterioridade da fundação de academias e sociedades científicas como elemento positivo e distintivo dos saberes em Portugal<sup>33</sup>.

Tal como esses projetos editoriais, o *Jornal Enciclopédico* saiu à luz de forma quase ininterrupta entre os anos de 1788 e 1792, apesar de ter um número isolado em julho de 1779 e um último em 1806<sup>34</sup>. Publicou diferentes temas relacionados às artes e ciências, bem como artigos noticiosos, peças teatrais e anedotas, com debates morais e filosóficos variados<sup>35</sup>. Inicialmente editado por Félix António Castrioto, este periódico original, embora ainda quase completamente desconhecido, também contou com a colaboração de Manoel Joaquim Henriques de Paiva. Estava eivado das compreensões universalistas do Iluminismo, de forma que não somente debateu noções médicas sobre os mais diferentes e curiosos assuntos, como também estampas e mesmo temas musicais foram alvo dos amplos interesses desses enciclopedistas<sup>36</sup>.

Numa análise quantitativa do *Jornal*, destaca-se o número de traduções ou comentários de textos estrangeiros, o que não chega a ser nenhuma surpresa devido às perspectivas ilustradas aqui mencionadas. Como se viu, estar a passos iguais com a modernidade de outras regiões era uma preocupação manifesta destes letrados e a maneira mais direta de se garantir isso era justamente através

---

<sup>31</sup> BRUNEEL, 2019.

<sup>32</sup> VERNEY, 1762.

<sup>33</sup> VERNEY, 1762.

<sup>34</sup> REIS, 2007.

<sup>35</sup> REIS, 2002, 2006.

<sup>36</sup> *Estampas publicadas em Paris neste ano de 1788 [...]*, 1788.

da publicação, ainda que muitas vezes resumida, de autores estrangeiros ou da edição noticiosa de novidades europeias. Pouco mais de 20% das publicações da seção de Medicina estavam relacionadas a autores estrangeiros, sendo que esse número sobe para aproximados 40% se se observar apenas os artigos de História e Filosofia Natural, trazendo então uma média de 30% para assuntos de ciências valendo-se de argumentos, ideias ou debates estrangeiros.

Claro que uma análise assim superficial não permite uma observação crítica das nuances e perspectivas de cada questão, além de desconsiderar as outras seções, já que também nelas houve intensas trocas de conhecimento; como no caso de uma tradução direta de carta publicada no acima referido *Journal Encyclopédique* editado por Pierre Rousseau, também dito «de Bouillon»<sup>37</sup>. No entanto, esse rápido olhar permite uma abordagem introdutória para se perceber o grau de aceitação, os temas e as preocupações, bem como avaliar em que medida ocorreu a inserção de autores e abordagens fora do Império português no *Jornal*. Além disso, permite considerar que os debates travados no periódico português serviram, tal como diversas outras publicações ilustradas, para a divulgação, consolidação e contestação de ideias, além de representar prestígio social para o autor do texto ou da tradução, ou seja, estiveram ativamente integrados no processo de circulação de conhecimentos médicos na segunda metade do século XVIII.

## VARÍOLA E CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS MÉDICOS NO *JORNAL ENCICLOPÉDICO*

Os debates médicos elencados no *Jornal* se voltaram para questões relacionadas com os mais diferentes temas e seus editores estiveram bem atentos ao que ocorria fora do território luso, seja porque muitos artigos foram escritos por autores estrangeiros, seja porque publicaram discussões baseadas em ideias, modelos ou teorias destes escritores de outras terras. Dentre as questões que em alguma medida estavam relacionadas com trocas de conhecimentos com o mundo além-fronteiras, talvez uma das mais urgentes para o imperialismo europeu estivesse relacionada com a varíola.

Tema relevante e assaz debatido devido, em grande parte, à quantidade de pessoas vitimadas por essa enfermidade, as bexigas, como a doença era então referida, marcou a sua presença nas páginas do *Jornal Enciclopédico*. De forma semelhante, a técnica conhecida por inoculação da varíola, defendida por diversos médicos e agentes de saúde, era propagandeada como a mais eficaz maneira

---

<sup>37</sup> Carta transferida do *Jornal Enciclopédico de Bouillon* [...], 1789.

de amenizar os efeitos da doença e, para muitos outros, inclusive curar as pessoas desse mal. Toda essa relevância pôde ser verificada logo na primeira edição, posto que saiu uma notícia sobre as vantagens dessa técnica, com uma forte argumentação em favor de sua aplicação:

*E não tem bastante força estes exemplos para nos obrigarem a imita-los? Que meio pode haver melhor para fazer conhecido este expediente que o falar dele no Jornal Enciclopédico? [...] e eu me congratularei de ter dado ocasião a se repetirem observações nesta matéria, e de ver por fim adoptado na minha Pátria este método de preservar inumeráveis vidas dos estragos, que por elas fazem as bexigas &c<sup>38</sup>.*

Como se percebe, numa clara tentativa de enfatizar a necessidade de o Império luso seguir o exemplo estrangeiro, o articulista vangloria-se da possibilidade de o método se propagar em terras lusitanas, além de ter ressaltado que o procedimento já havia sido realizado por pessoas «especiais», ou seja, monarcas da Alemanha, Rússia, França, Suécia, Inglaterra, bem como diversos outros Príncipes. Pouco tempo depois, após retomada a edição do jornal, em agosto de 1788, foi novamente publicada uma notícia sobre o tema. Dessa vez, era a tradução de um artigo vindo de Hamburgo, em que o autor exaltava uma prática judaica que teria a vantagem de evitar o contágio da doença. Segundo seu autor, a limpeza adequada do umbigo dos recém-nascidos, friccionados com sal e lavados logo após, seria a condição para o referido sucesso<sup>39</sup>.

No mês seguinte, mais um artigo sobre o tema veio à luz. Igualmente trocando conhecimentos com colegas internacionais, o autor ressaltou que Portugal estava *pari-passu* ao estrangeiro, como se pode notar pelo trecho a seguir: «não sei coisa, que V.m. ignore pois que lê igualmente como eu os Jornais Latinos, ingleses, franceses &c.»<sup>40</sup>. Dessa vez, publicado com base em fatos ocorridos na Caparica, região próxima a Lisboa, o texto (que posteriormente chega a comentar sobre outra moléstia) principia realizando duras críticas a profissionais considerados como pouco versados: «não é de admirar que assim suceda numa Corte, aonde não só o número dos doentes é maior, mas também o dos falsos médicos, cirurgiões e curadores, que deles tratam»<sup>41</sup> e conclui sua análise incomodado com o fato de ser necessária alguma autoridade para se ser ouvido e, claro, de ele não a possuir, de modo que a inoculação continuava, segundo o próprio, não sendo aplicada em Portugal:

---

<sup>38</sup> Carta sobre a inoculação das bexigas [...], 1779: 68.

<sup>39</sup> Meio de extinguir as bexigas, 1788.

<sup>40</sup> Carta dirigida aos editores do Jornal Enciclopédico [...], 1788: 382.

<sup>41</sup> Carta dirigida aos editores do Jornal Enciclopédico [...], 1788: 376.

«Falta-me o que nós chamamos *imponere*, isto é, os cabelos brancos, a verbosidade, o belo espírito, os agradados, os repentinos graciosos e outras coisas do mesmo toque, que constituem a ciência de grande parte dos médicos desta Corte»<sup>42</sup>.

Criticando métodos de cura pouco experimentados, mas que continuariam a ser utilizados ao longo do século XIX, o articulista cita todo um rol de práticas pouco ortodoxas e de eficácia duvidosa. Dentre elas, salta à vista o curioso e excêntrico «pó de jasmim»: «enchendo-lhes o estomago de porcarias, tais como o excremento de cães, a que chamam *pós de jasmims*»<sup>43</sup>. Como forma de contração aos problemas referidos no texto, ele elenca um conjunto de bons nomes, quase todos estrangeiros, que deveriam servir de exemplo aos esculápios, como Herman Boerhaave, Thomas Sydenham, William Cullen, dentre outros. Embora também tenha mencionado João Curvo Semedo e Mirandela (o famoso Francisco da Fonseca Henriques, natural dessa cidade), importa salientar que o fez, com alguma ressalva, na condição de se «saber ler» esses escritores, ou seja, com uma valoração inferior se comparada aos demais citados<sup>44</sup>.

Nesse sentido, é de notar que o autor ressalta tratamentos exóticos justamente para rejeitar profissionais por ele considerados pouco capacitados, o que termina por inseri-lo no conjunto dos ilustrados portugueses de então, que passaram a considerar charlatanismo os cuidados de saúde realizados por práticos e curadores populares<sup>45</sup>. Além disso, suas críticas não ficaram isoladas aos casos mais peculiares da Medicina, já que o texto, numa linguagem eufemística, chega a destratar os agentes que se recusavam a tratar, nas ocasiões supostamente imperativas, a varíola com sangrias: «E que direi daqueles declamadores da sangria, que absolutamente a negam em toda a casta de bexigas? [...] Mandá-los curar para o polo austral»<sup>46</sup>.

De todo esse conjunto de críticas, destaca-se do texto uma visão médica setecentista já bastante conhecida, a saber, a teoria humoral e sua aplicação como princípio norteador do tratamento médico. Ambas amparam os comentários realizados no artigo, guiando seu autor acerca de quais e quando os elementos em excesso ou falta deveriam ser controlados, de forma a restabelecer a perfeitamente proporcional condição humoral do corpo; fosse isso feito seja por irritação, decocção, expurgo, raleamento ou quaisquer outros métodos empregados para a conservação da saúde<sup>47</sup>.

---

<sup>42</sup> Carta dirigida aos editores do *Jornal Enciclopédico* [...], 1788: 391.

<sup>43</sup> Carta dirigida aos editores do *Jornal Enciclopédico* [...], 1788: 377.

<sup>44</sup> Carta dirigida aos editores do *Jornal Enciclopédico* [...], 1788: 375–376.

<sup>45</sup> CAMPOS, 2018: 64–68.

<sup>46</sup> Carta dirigida aos editores do *Jornal Enciclopédico* [...], 1788: 379.

<sup>47</sup> REZENDE, 2009.

Não muito tempo depois, agora em fevereiro de 1789, o *Jornal Enciclopédico* publicou mais um artigo sobre o tema da varíola e o método da inoculação. Esse documento, assim como quase todos os demais deste *corpus* documental, vinha à luz na forma de uma carta endereçada aos editores do periódico. O texto, um dos mais longos do jornal, se inicia por meio de um retrospecto histórico da doença, pontuando locais de ocorrência e difusão da inoculação da varíola pelo mundo. Um dos pontos essenciais dessa argumentação, citando fatos ocorridos no estrangeiro, era ressaltar que houve um momento de aversão inicial nessas localidades, como que dando a perceber que aquela mesma resistência presente em Portugal seria naturalmente dissipada posteriormente: «A este tempo os Médicos do Colégio Real de Londres temiam pôr em prática aquilo mesmo, que sabiam era já tão comum na Asia»<sup>48</sup>.

O autor complementa sua análise criticando uma posição sanitária cada vez mais comum aos dias atuais: os grupos antivacina. O texto defende a inoculação sublinhando que inúmeros infortúnios aconteceram devido à má conduta dos pacientes ou imperícia dos próprios inoculadores, numa construção argumentativa que nega qualquer problema na inoculação em si, ao mesmo tempo em que critica abertamente o médico Anton de Haen, discípulo de Boerhaave, e elogia físicos que atuaram em defesa da inoculação, como Jacob de Castro Sarmiento e Samuel Auguste David Tissot<sup>49</sup>.

Semelhante a outras alegações presentes no jornal, como já discutimos aqui anteriormente, o articulista responsabiliza os charlatães por muitos dos males em causa ou à má qualidade do «veneno» (o substrato da inoculação). Nesse sentido, o autor defende que uma melhor atenção à inoculação seria dada através da instalação de hospitais especialmente dedicados para o efeito. Além disso, em sua defesa da inoculação, o autor estabeleceu uma relação direta entre o clima e uma maior eficácia da inoculação, onde os habitantes de regiões com climas como o Brasil e a ilha da Madeira teriam vantagens em relação aos povos de localidades mais frias<sup>50</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos evidenciar ao longo deste trabalho que a circulação de saberes médicos se deu no século XVIII por diferentes formas e que a inquirição, o debate e a publicação de textos originais e noticiosos em um jornal português ainda pouco conhecido foi parte importante de um complexo e multifacetado processo de

---

<sup>48</sup> Carta sobre a inoculação das bexigas, 1789: 155.

<sup>49</sup> Carta sobre a inoculação das bexigas, 1789: 157–158.

<sup>50</sup> Carta sobre a inoculação das bexigas, 1789: 163–170.

construção conjunta do conhecimento. Acreditamos ter demonstrado que esses conhecimentos médicos não foram unidirecionais (de Lisboa para a América Portuguesa, em nosso caso; da Europa para o restante do globo, de forma geral) e nem mesmo bidirecionais, de parte a outra. Esperamos ter clarificado que ocorreu uma circulação efetiva entre estas e diversas outras fronteiras (não apenas físicas) de conhecimento. Não deixamos de enfatizar, no entanto, que os intercâmbios com autores de outras regiões da Europa se deram, mais das vezes, de maneira desigual e que estas trocas foram fortemente tributárias da noção de nobreza setecentista onde o *auctoritas*, ou seja, a autoridade dos grandes autores, continuava a imperar fortemente. Tanto assim, que foi inúmeras vezes empregado em diferentes artigos do *Jornal*, onde autores importantes acabavam sendo citados enquanto uma referência suficiente, um índice de qualidade de que aquele método de tratamento era adequado. Verificamos que a citação de obras estrangeiras dava certa segurança para o autor. Teoricamente amparados na ideias de físicos reconhecidos, eles podiam defender com certa tranquilidade a aplicação de modelos próprios, ainda que, na prática, realizassem alterações significativas nas visões médicas destes autores que citavam.

Assim, a análise das discussões presentes no *Jornal Enciclopédico* acerca da varíola permite notar que o periódico publicou diversas questões dedicadas à saúde dos povos, com um olhar especial para o universo marítimo, imperial mesmo, alinhando-o com seus congêneres internacionais. Como se viu também, esse cuidado não se produziu sozinho. Diversas trocas de conhecimentos ocorreram em diversos outros jornais amparados nos princípios enciclopédicos de então. Com isso, concluímos que a circulação de conhecimentos médicos aqui estudada conferiu papel essencial para a integração do *Jornal Enciclopédico* e, principalmente, de seus autores à rede internacional de *gens de lettres*.

## FONTES

### Fontes impressas

REAL ACADEMIA MEDICO-PORTOPOLITANA (1749). *Estatutos da Real Academia Medico-Portopolitana*. Porto: [s.n.], Fac-símile.

### Fontes online

FRAGMENS d'un Mémoire d'un Savant Portugais au sujet de l'état des Sciences en Portugal. «Journal Encyclopédique: dédié à Son Altesse Sérénissime, Mgr. Le Duc de Bouillon». 13. Tom. IV, part. II (jun. 1762) 76–90 (448-450). [Consult. 10 mar. 2022]. Disponível em <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015056034930&view=1up&seq=456&skin=2021>>.

VERNEY, Luís António (1762). *Essai sur les moyens de rétablir les Sciences & les Lettres em Portugal, adresse à M. M. les Auteurs du Journal des Savans; par Antoine Texeira Gamboa* [Luís António Verney] [...]. «Journal Encyclopédique: dédié à Son Altesse Sérénissime, Mgr. Le Duc de Bouillon». 13. Tom. IV, part. II (jun.) 66–76 (446-448). [Consult. 5 mar. 2022]. Disponível em <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015056034930&view=1up&seq=456&skin=2021>>.

### **Biblioteca Nacional de Portugal**

*CARTA sobre a inoculação das bexigas* [Carta escrita ao editor do Jornal Enciclopédico]. «Jornal Enciclopédico: dedicado á Rainha N. Senhora e destinado para instrução geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes». Caderno I (1779) 66–68. Cota: j-3-b.

*CARTA dirigida aos editores do Jornal Enciclopédico, que contém algumas reflexões práticas sobre a cura das bexigas, e a história de uma péssima moléstia, observada em Caparica, termo de Almada*. «Jornal Enciclopédico: dedicado á Rainha N. Senhora e destinado para instrução geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes». (1788) 373–392. Cota: j-3-b.

*ESTAMPAS publicadas em Paris neste ano de 1788 / Estampas publicadas em Madrid neste ano de 1788*. «Jornal Enciclopédico: dedicado á Rainha N. Senhora e destinado para instrução geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes». (1788) 131–135. Cota: j-3-b.

*MEIO de extinguir as bexigas, extraído da Gazeta Mercantil de Hamburgo de 15 de janeiro de 1787*. «Jornal Enciclopédico: dedicado á Rainha N. Senhora e destinado para instrução geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes». (1788) 91–196. Cota: j-3-b.

*CARTA sobre a inoculação das bexigas*. «Jornal Enciclopédico: dedicado á Rainha N. Senhora e destinado para instrução geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes». (1789) 150–179. Cota: j-3-b.

*CARTA transferida do Jornal Enciclopédico de Bouillon, na qual se responde às reflexões de Mr. Sabatier antigo professor de eloquência, sobre o perigo, a que estão expostos os costumes, explicando-se nas aulas os Autores Gregos e Latinos*. «Jornal Enciclopédico: dedicado á Rainha N. Senhora e destinado para instrução geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes». (1789) 350–359. Cota: j-3-b.

## **REFERÊNCIAS**

- ASTIGARRAGA, Jesús, ed. (2015). *The Spanish Enlightenment revisited*. Oxford: Voltaire Foundation. (Oxford University Studies in the Enlightenment; 02).
- BARRERA-OSORIO, Antonio (2006). *Experiencing Nature: The Spanish American Empire and the Early Scientific Revolution*. Austin: University of Texas Press.
- BERLAN, Hélène (2013). *Faire sa médecine au XVIIIe siècle: Recrutement et devenir professionnel des étudiants montpelliérains (1707-1789)*. Montpellier: Presses Universitaires de la Méditerranée.
- BRUNEEL, Claude (2019). *La médecine dans le Journal encyclopédique*. In TILKIN, Françoise, dir. *L'encyclopédisme au XVIIIe siècle*. Liège: Presses Universitaires de Liège, pp. 37–57.

- CAMPOS, Rafael Dias da Silva (2017). *Envisioning a New World: Americans' Reactions to European Narratives in the Late Eighteenth Century*. In JCB Fellows talk at the John Carter Brown Library. Providence. [Consult. 28 set. 2023]. Disponível em <<https://prezi.com/u3buc9hv24sd/envisioning-a-new-world-americans-reactions-to-european-na/>>.
- CAMPOS, Rafael Dias da Silva (2018). *Os 15 de Montpellier: Medicina, política e relações de poder nas Luzes entre Montpellier, Coimbra e o Brasil (ca. 1770–ca. 1820)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Tese de doutoramento.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge (2009). «Enlightened Reform» in the Spanish Empire: an overview. In PAQUETTE, Gabriel B., ed. *Enlightened Reform in Southern Europe and its Atlantic Colonies, c. 1750-1830*. Farnham; Burlington, VT: Ashgate, pp. 33–36.
- CARADONNA, Jeremy L. (2012). *The Enlightenment in Practice: Academic Prize Contests and Intellectual Culture in France, 1670–1794*. Ithaca: Cornell University Press.
- CAREY, Daniel; FESTA, Lynn (2009). *Introduction: some answers to the question: «What is Postcolonial Enlightenment?»*. In CAREY, Daniel; FESTA, Lynn, eds. *The Postcolonial Enlightenment: Eighteenth-Century Colonialisms and Postcolonial Theory*. Oxford: Oxford University Press, pp. 1–33.
- CONCEIÇÃO, Gisele C. (2019). *Natureza ilustrada: processos de construção e circulação de conhecimento filosófico-natural sobre o Brasil na segunda metade do século XVIII*. Porto: CITCEM. doi: 10.21747/978-989-8970-21-3/nat.
- DARNTON, Robert (2005). *Os dentes falsos de George Washington*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DELVA, Jean-Paul (1982). *Homme ou animal ? L'Orang-Outang dans le Journal encyclopédique de Pierre Rousseau*. «Revue belge de Philologie et d'Histoire». 60:2, 305–311. doi: 10.3406/rbph.1982.3378.
- DOMINGUES, Ângela (2006). *Notícias do Brasil colonial: a imprensa científica e política a serviço das elites (Portugal, Brasil e Inglaterra)*. «Varia História». 22:35, 150–174. doi: 10.1590/S0104-87752006000100009.
- DOMINGUES, Ângela (2013). *Na confluência da política, da diplomacia e da ciência: a fronteira na Amazônia colonial*. In *Seminário Permanente de História do Brasil*. Lisboa.
- DOMINGUES, Ângela; ALVES-MELO, Patrícia (2021). *Iluminismo no mundo luso-brasileiro: um olhar sobre a Viagem Filosófica à Amazônia, 1783-1792*. «Ler História». 78, 157–178. doi: 10.4000/lerhistoria.7879.
- FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M.; SILVA, C. P. da; PATACA, Ermelinda Moutinho (2007). *Investigating the colonies: native geological travellers in the Portuguese Empire in the late eighteenth and early nineteenth centuries*. In JACKSON, P. N. Wyse, ed. *Four centuries of geological travel: The search for knowledge on foot, bicycle, sledge and camel*. London: The Geological Society, pp. 297–310. doi: 10.1144/SP287.23.
- FURTADO, Júnia Ferreira (2012). *Oráculos da geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean-Baptiste Bourguignon d'Anville na construção da cartografia do Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- HUBERT, François; BLOCK, Christian; CAUNA, Jacques de (2010). *Bordeaux au XVIIIe siècle: le commerce atlantique et l'esclavage [Bordeaux in the 18th century: trans-Atlantic trading and slavery]*. Bordeaux: Le Festin.

- LAFONT-COUTURIER, Hélène *et al.* (1999). *Regards sur les Antilles: collection Marcel Chatillon*. Bordeaux: Musée d'Aquitaine.
- LAFUENTE, Antonio; PIMENTEL, Juan (2012). *Momentos y lugares de la ciencia española, siglos XVI-XX*. Madrid: CSIC.
- LAUDIN, Gérard (2019). *L'Allemagne littéraire et savante dans le Journal encyclopédique*. In TILKIN, Françoise, *dir. L'encyclopédisme au XVIIIe siècle*. Liège: Presses Universitaires de Liège, pp. 143–167.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo (2009). *A circulação das elites no império dos Bragança (1640-1808): algumas notas*. «Tempo». 14:27, 51–67. doi: 10.1590/S1413-77042009000200005.
- MUTHU, Sankar (2003). *Enlightenment against Empire*. Princeton: Princeton University Press.
- PALMA, Monique (2021). *Cirurgiões, práticas e saberes cirúrgicos na América portuguesa no século XVIII*. Badajoz: Fundación Yuste – Academia Europea e Iberoamericana.
- PIMENTEL, Juan (2000). *The Iberian Vision: Science and Empire in the Framework of a Universal Monarchy, 1500-1800*. «Osiris». 15, 17–30. doi: 10.1086/649316.
- PIMENTEL, Juan; PARDO-TOMÁS, José (2017). *And yet, we were modern. The paradoxes of Iberian science after the Grand Narratives*. «History of Science». 55:2 (Special Issue: Iberian Science: Reflections and Studies), 133–147. doi: 10.1177/0073275316684353.
- PORTUONDO, María M. (2009). *Secret Science: Spanish Cosmography and the New World*. Chicago: University of Chicago Press.
- RAJ, Kapil (2007). *Relocating Modern Science. Circulation and the Construction of Knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. New York: Palgrave Macmillan.
- RAJ, Kapil (2010). *Introduction: Circulation and Locality in Early Modern Science*. «The British Journal for the History of Science». 43:4, 513–517. doi: 10.1017/S0007087410001238.
- RAJ, Kapil (2013). *Beyond Postcolonialism... and Postpositivism: Circulation and the Global History of Science*. «Isis». 104:2, 337–347. doi: 10.1086/670951.
- REIS, Fernando Egídio (2002). *The Popularisation of science in Portugal in the eighteenth century: The Encyclopaedic Journal (Jornal Enciclopédico)*. In DESPY-MEYER, Andrée, *ed. Institutions and Societies for Teaching, Research and Popularisation*. [Turnhout]: Brepols Publishers, pp. 295–305. doi: 10.1484/M.DDA-EB.4.00891.
- REIS, Fernando Egídio (2006). *Felicidade, utilidade e instrução: a divulgação científica no Jornal Enciclopédico dedicado à Rainha 1779, 1788-1793, 1806*. Porto: Porto Editora.
- REIS, Fernando Egídio (2007). *Scientific Dissemination in Portuguese Encyclopaedic Periodicals, 1779–1820*. «History of Science». 45:1, 83–118. doi: 10.1177/007327530704500104.
- REZENDE, Joffre Marcondes de (2009). *Dos quatro humores às quatro bases*. In REZENDE, Joffre Marcondes de. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina*. São Paulo: Editora FAP-UNIFESP, pp. 49–53.
- SAFIER, Neil (2010). *Global Knowledge on the Move: Itineraries, Amerindian Narratives, and Deep Histories of Science*. «Isis» 101:1: 133–145. doi: 10.1086/652693.
- SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; CAMPOS, Rafael Dias da Silva (2014). *Apontamentos acerca da Cadeia do Ser e o lugar dos negros na filosofia natural na Europa setecentista*. «História, Ciências, Saúde – Manguinhos». 21:4, 1215–1234.

- SCHIEBINGER, Londa (2017). *Conclusion: The Circulation of Knowledge*. In SCHIEBINGER, Londa. *Secret Cures of Slaves: People, Plants, and Medicine in the Eighteenth-Century Atlantic World*. Stanford: Stanford University Press, pp. 147–165.
- SLOAN, Kim; BURNETT, Andrew (2003). *Enlightenment: discovering the world in the eighteenth century*. London: British Museum Press.
- SOMAIN, René (2018). *O Brasil na Encyclopédie de Diderot et d'Alembert*. «Confins. Revue franco-brésilienne de géographie / Revista franco-brasilera de geografia». 38. doi: 10.4000/confins.17086.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay (1997). *Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia*. «*Modern Asian Studies*» 31:3, 735–762. doi: 10.1017/S0026749X00017133.

# DIÁSPORA, PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS NO ATLÂNTICO:

AS CONTRIBUIÇÕES DE UM AÇORIANO PARA O ENTENDIMENTO DA GEOGRAFIA DO SUL DO BRASIL (1750-1781)

DENISE A. S. DE MOURA\*

**Resumo:** *Na diáspora açoriana podem ser identificados legados na produção e disseminação de conhecimentos geográficos. O entendimento da geografia da América do Sul na segunda metade do século XVIII foi ampliado graças às explorações, mapeamento, levantamento de dados e produção de informações realizadas por um migrante do Faial. De modo geral, a historiografia focaliza a migração de casais e suas formas estáveis de fixação no território de adoção. Mas a diáspora açoriana teve uma leva de emigrados solteiros, como foi o caso de Antonio da Silveira Peixoto. Através de suas cartas, de correspondências oficiais, de funcionários régios e mapas de engenheiros militares será acompanhado o fenômeno da produção e circulação de conhecimentos da geografia do sul do Brasil com o objetivo de contribuir para uma história deste tema mais inclusiva e em interseção com a própria história das migrações.*

**Palavras-chave:** *imigrantes; migrantes; pessoas deslocadas; conhecimento; transferência de conhecimento.*

**Abstract:** *In the Azorean diaspora, legacies in the production and dissemination of geographic knowledge can be identified. The understanding of the geography of South America in the second half of the 18th century was expanded due to the explorations, mapping, data collection and production of information carried out by a migrant from Faial. In general, historiography focuses on the migration of couples and their stable forms of settlement in the adopted territory. However, the Azorean diaspora had a wave of single emigrants, as was the case of Antonio da Silveira Peixoto. Through his letters, official correspondence, royal officials and maps from military engineers, the phenomenon of production and circulation of knowledge on the geography of southern Brazil will be observed with the aim of contributing to a more inclusive history of this topic and in the intersection with the history of migration itself.*

**Keywords:** *immigrants; migrants; displaced persons; knowledge; know-how transfer.*

## INTRODUÇÃO

As diásporas deixaram legados de impacto na produção e disseminação de conhecimentos em diferentes ramos. O conhecimento do interior da América do

---

\* Universidade Estadual Paulista. Email: denise.moura@unesp.br.

Sul, de suas vias terrestres e fluviais foi ampliado através de expedições de mapeamento e exploração realizadas no século XVIII. Algumas delas tiveram a participação de imigrantes dos Açores como exploradores e mapeadores. O estudo do caso de um deles mostra como uma das vias fluviais mais importantes do sul do Brasil, o rio Iguaçu<sup>1</sup>, teve o conhecimento de sua extensão e navegabilidade produzido e levado para escritos e mapas da época através das observações, levantamento de dados e produção de informações realizadas por um migrante do Faial sem formação científica ou técnica formal obtida nas academias militares, onde ocorria a formação dos engenheiros militares, profissionais da cartografia<sup>2</sup>.

Estudos de caso como estes esclarecem sobre os diferentes grupos, experiências e estratégias da diáspora portuguesa e em especial açoriana para o Brasil, tema bem investigado nas últimas décadas<sup>3</sup> e contribui em retrospecto para dar legitimidade e autoridade ao conhecimento produzido por indivíduos sem formação técnico-científica escolar ou acadêmica e migrantes.

No quadro mais amplo da história dos fluxos migratórios ao redor do mundo, documentar trajetórias individuais através de métodos prosopográficos contribui para o enfrentamento de desafios ainda em vigor no entendimento do fenômeno das migrações e da imigração açoriana para o Brasil em particular.

Deve-se aos métodos demográficos os esclarecimentos hoje alcançados em relação à imigração açoriana para o Brasil, seus matizes e o alerta de quanto ainda pode ser feito com os estudos de caso. Entretanto, a migração de casais e famílias açorianas e suas formas estáveis de fixação no território de adoção ainda são mais focalizados e as abordagens individualizadas ou em perspectiva de gênero têm sido anunciadas<sup>4</sup>.

A diáspora açoriana também teve uma leva de emigrados solteiros, como foi o caso de Antonio da Silveira Peixoto, cujas histórias podem ter sido absorvidas pelo modelo da família heterossexual e mesmo invisibilizadas pelos necessários números da demografia, mas que demandam rostos, como admitem especialistas<sup>5</sup>.

Através das cartas escritas por este açoriano, de correspondências das autoridades coloniais e de mapas de engenheiros militares pode ser acompanhado o processo da produção e circulação de conhecimentos da geografia do sul do

---

<sup>1</sup> O nome deste rio deriva do tupi-guarani e significa «muita água» ou «água grande». É o mais extenso afluente do rio Paraná. Nasce no planalto de Curitiba e sua foz é dada no rio Paraná formando uma fronteira natural tripartida entre Brasil-Argentina-Uruguai. Possui 1200 km de extensão.

<sup>2</sup> BUENO, 2011.

<sup>3</sup> ANGELO, 2020.

<sup>4</sup> FRANZEN; 2004; ROSA, SCHEMES, 2022.

<sup>5</sup> RODRIGUES, 2002: 245.

Brasil e pensar o próprio fenômeno da imigração como formador de novos agentes de conhecimento nos países de adoção. A história do conhecimento, usualmente vinculada à história das elites, pode ser um campo de observação de outras categorias sociais e de dar-lhes visibilidade no campo da cognição. No caso específico dos emigrados dos Açores no Brasil, para além de se fixarem no território eles também o produziram em escritos, posteriormente ecoados em mapas.

A história do conhecimento, embora tenha sido sempre uma pauta dos pesquisadores no âmbito da história da ciência, nas duas últimas décadas tem ampliado seu diálogo com historiadores pós-colonialistas e se beneficiado de novos prismas e conceitos, criticando noções de autorias exclusivas na produção técnica, científica, intelectual e as abordagens difusionistas, em favor do entendimento das «zonas de contato» e da circulação<sup>6</sup>.

A «zona de contato» é um ponto de encontro entre agentes portadores de diferentes formações e experiências, sendo um ponto de comunicação interepistêmica<sup>7</sup>. Seus lugares de ocorrência são aqueles convencionalmente não admitidos pela ciência ocidental como portadores de status epistêmico. Na América colonial o mato ou um rio percorrido por soldados de diferentes procedências, emigrados ou locais, indígenas ou afrodescendentes na condição de escravos, com a presença de um engenheiro militar (ou não) e instrumentos técnicos (ou não) são um exemplo desta «zona de contato».

Quanto à circulação do conhecimento produzido, entendida como movimento, mas também transformação no processo de deslocamento, este é um lugar privilegiado para observar as repercussões das ações dos atores sociais, dentre eles os emigrados. Os conhecimentos sobre uma estratégica linha fluvial do sul do Brasil produzidos por um emigrado dos Açores ao circularem para os mapas forjaram e naturalizaram o direito da Coroa portuguesa sobre terras disputadas com a Coroa de Espanha, produziram o espaço de uma capitania e foram também uma estratégia diaspórica. Conhecimento não é entendido neste texto como algo literal, mas como representação conforme propósitos variáveis em seu contexto de produção e circulação.

Estes conceitos teóricos e formas de entendimento foram aplicados ao estudo de caso de um açoriano emigrado para o sul do Brasil nas levas imigratórias do século XVIII, no contexto das disputas geopolíticas entre Portugal e Espanha pela definição de seus limites na América. Neste contexto, um membro da nobreza portuguesa, D. Luís de Sousa Botelho Mourão, 4.º Morgado de Mateus, foi nomeado governador da capitania de São Paulo, cuja extensão territorial compreende o que é hoje o Estado do Paraná. Um dos tópicos de sua agenda era

---

<sup>6</sup> PRATT, 1991; SECORD, 2004: 661-668; BURKE, 2016: 113.

<sup>7</sup> MIGNOLO, 2010: 17.

o de organizar expedições de mapeamento para produzir melhor entendimento do território. Seu governo durou de 1765 a 1775 e as 11 expedições organizadas por ele ocorreram entre 1768-1773. Antonio da Silveira Peixoto comandou uma delas, a do rio Iguaçu.

Assim, na primeira parte do texto é apresentada a figura deste açoriano, com o objetivo de contribuir com um rosto para os números e nas partes dois e três são acompanhados os processos de produção e circulação de seus conhecimentos. Na circulação ocorre a elisão de tantos agentes sociais partícipes da produção de um dado conhecimento, resultando na interpretação equivocada destes terem sido meros informantes dos detentores de formação técnico-científica.

## UM NOBRE INSULAR NO INTERIOR DO BRASIL MERIDIONAL

Investigadores da história dos domínios ultramarinos portugueses e da diáspora açoriana concluíram sobre o papel decisivo de homens e mulheres ilhéus na conquista da soberania portuguesa no Brasil no século XVIII através da ocupação e colonização do território. Já em 1619 chegaram ao Maranhão, alvo dos interesses geopolíticos de franceses e holandeses, 200 casais açorianos. A partir deste episódio, este movimento migratório atingiu fluxo constante pois como observaram alguns autores, aos olhos da Coroa os Açores tornaram-se um «repositório inesgotável de homens que poderiam ser canalizados para a colonização e defesa da fronteira»<sup>8</sup>.

Alguns destes emigrados do arquipélago foram responsáveis por produzir informações para uma das principais ferramentas de fabricação dos estados modernos: as imagens cartográficas. A importância de seus relatos geográficos, tais como os que descreveram o rio Grande do Registro<sup>9</sup>, pode ser demonstrada na sua circulação em diversos formatos entre uma audiência formada por autoridades régias e engenheiros militares.

Desde a publicação na França do mapa e dissertação do geógrafo Guillaume Delisle, em 1720, representando visualmente violações portuguesas da linha de Tordesilhas, Portugal se engajou em um movimento progressivo de produção de mapas das terras de sua fronteira interna com a Espanha na América do Sul.

Os desentendimentos surgidos no terreno entre as comissões demarcatórias de ambas Coroas ibéricas, encarregadas de verificar as fronteiras naturais estipu-

---

<sup>8</sup> CORDEIRO, MADEIRA, 2003: 101-102; RODRIGUES, MADEIRA, 1999: 111.

<sup>9</sup> Na terminologia portuguesa o rio hoje conhecido como Iguaçu era chamado Rio Grande do Registro, em virtude do registro régio instalado na altura da vila de Curitiba onde era cobrado o tributo sobre a passagem de animais cavale e muare Iguaçu é um vocábulo proveniente do Tupi Guarani, significa «água grande», sendo comumente empregado pelos espanhóis. Cf. <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/iguacu/>.

ladas pelo Tratado de Madrid (1750), foram fator desencadeante de reformulações político-administrativas no sul do Brasil, com a instalação de governadores em capitânicas geograficamente favoráveis para a penetração no território, tais como malhas de rios ou caminhos. Tais governadores foram encarregados de consolidar a soberania portuguesa território adentro do centro-sul, como foi o caso de D. Luís de Sousa Botelho Mourão na capitania de São Paulo.

Esta região era formada por uma rede de vias terrestres e fluviais estratégicas para a penetração em direção às terras disputadas, demarcadas já na ocasião do Tratado de Madrid pela fronteira natural do rio Paraná, cujo principal afluente era o rio Iguaçu<sup>10</sup>.

Peso exagerado foi atribuído à questão militar na agenda deste governador, quando esta buscou superar os déficits cartográficos portugueses<sup>11</sup>. O exercício do mapeamento e da cartografia ocorria dentro da atividade militar. O engenheiro militar, formado nas academias militares, era também geógrafo e um criador de mapas. A recolha de dados no terreno para esta confecção ocorria através dos Regimentos, formados por «[a]ventureiros habituados à vida dos sertões (interior)», comandados por oficiais que arcavam com os custos de seus pagamentos<sup>12</sup>. Uma das principais orientações dadas aos oficiais foi descrever o território<sup>13</sup>.

Seguindo os passos de Silveira Peixoto na documentação paroquial vê-se que sua entrada no Brasil ocorreu justamente nesta conjuntura de maior necessidade de observadores do território munidos de habilidades para descrevê-lo, formando assim relações geográficas para um público específico como o do servidor do Império situado na colônia ou em Lisboa. Tais escritos deveriam ser consistentes o suficiente para os prover de informações para imaginarem o território e, conseqüentemente, as fronteiras internas na América.

Este açoriano seguramente não era um engenheiro militar de formação, pois em um auto de justificação feito em 1781, com o objetivo de produzir um documento oficial para futuras petições à rainha D. Maria, em nenhum momento mencionou este qualificador, dizendo e confirmando por documentação ser um aparentado da «principal nobreza das Ilhas dos Açores»<sup>14</sup>.

Seu nascimento havia ocorrido em 1737 na paróquia de Santa Catarina do Castelo Branco, numa das ilhas do centro do arquipélago, a ilha do Faial<sup>15</sup>. Seu auto de justificação é rico em dados sobre sua vida, como a informação de ter

---

<sup>10</sup> [Ofício do governador de São Paulo para o conde de Oeiras...], 1770.

<sup>11</sup> BELLOTTO, 2007; MOURA, 2022.

<sup>12</sup> MOURA, 2022: 62.

<sup>13</sup> [Expedição q sae deste porto de Nossa Senhora da Conceção de Cayacanga...], 1769.

<sup>14</sup> [Requerimento do capitão António da Silveira Peixoto...], 1781.

<sup>15</sup> Conforme informações levantadas pela pesquisadora Maria Norberta Amorim em registros paroquiais e gentilmente cedidos para esta pesquisa.

residido no Rio Grande em 1762, quando foi obrigado a migrar para a vila de Paranaguá fugindo da invasão das tropas castelhanas. Nesta ocasião estava com 25 anos e nesta vila litorânea tinha loja de fazendas secas e arrematou o contrato de subsídios. Saiu em expedição em outubro de 1769 e em janeiro de 1770 recebeu carta patente de capitão concedida pelo governador D. Luís de Sousa<sup>16</sup>. Sua trajetória nega afirmações generalizantes sobre a condição de pobreza dos ilhéus emigrados e aponta para um quadro mais diverso<sup>17</sup>.

O fenômeno da imigração, açoriana em especial, é abordado em seu comportamento unidirecional e sedimentador de comunidades regionais no território de adoção que reinventam suas tradições como uma das estratégias diaspóricas, visando inserção social e sobrevivência material e identitária. Nas trajetórias individuais e estudos de caso, entretanto, podem ser verificados comportamentos multidirecionais deste fenômeno. Além do Rio Grande do Sul, este açoriano viveu dois outros momentos de deslocamentos internos, dirigindo-se para Paranaguá, uma cidade litorânea e, posteriormente, para a cidade de São Paulo, onde faleceu em 1814 aos 77 anos<sup>18</sup>.

Sua história também ilumina a história da diáspora açoriana para uma região, como São Paulo, que tem recentemente merecido maior atenção dos pesquisadores nos últimos anos<sup>19</sup>. Mas a produção de conhecimentos também foi uma estratégia de inserção social no novo meio.

## PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS COMO EXPERIÊNCIA E OPERAÇÃO SOMÁTICA

Em 1749, ficou concluído o *Mapa dos Confins do Brazil com as terras da Coroa de Espanha na América Meridional*, conhecido como *Mapa das Cortes*, documento usado na assinatura do Tratado de Madrid (1750) e peça cartográfica chave e cheia de estratégias geodésicas para favorecer a Coroa portuguesa em extensão territorial em relação a Espanha, principalmente na parte centro-sul do Brasil<sup>20</sup>.

Nesta parte todas as linhas fluviais então propostas pelos portugueses como limites naturais foram representadas com ênfase visual através do recurso estético de ampliação da espessura da linha em relação às de outros rios sem o mesmo atributo geopolítico. No parágrafo 5 do Tratado de Madrid estas linhas eram a do

---

<sup>16</sup> Conforme informações levantadas pela pesquisadora Maria Norberta Amorim em registros paroquiais e gentilmente cedidos para esta pesquisa.

<sup>17</sup> SCOTT, BERUTE, MATOS, *org.*, 2014: 10.

<sup>18</sup> Arquivo Metropolitano de São Paulo. *Livro de Óbitos*. Livro de Óbitos da Catedral da Sé de 1810-1820, pp. 176-178.

<sup>19</sup> GALVANESE, 2022; ANGELO, 2017.

<sup>20</sup> FURTADO, 2012: 525; FERREIRA, 2001: 60-87.



As verificações em terreno executadas pelas comissões demarcatórias das duas Coroas resultaram em discordâncias em relação a topônimos e cursos destes limites fluviais que, somadas a outros motivos desencadearam a anulação do Tratado de Madrid em 1761 pelo Tratado de El Pardo. Com esta anulação, as incertezas dos direitos e legitimidades da Coroa portuguesa nas terras do sul do Brasil retornaram, impulsionando a necessidade de fomentar o mapeamento da região para gerar descrições geográficas precisas para serem usadas como subsídios para os engenheiros militares criarem mapas embasados e com correspondentes escritos para circularem entre os servidores régios de modo a provê-los de argumentos para fazer afirmações sobre os direitos territoriais de Portugal.

Se até então o rio Iguazu aparecia nos poucos mapas portugueses sobre esta região com esta terminologia — inclusive no Tratado de Madrid — no projeto de mapeamento do governador da capitania de São Paulo tornou-se rio Grande de Curitiba ou rio Grande do Registro, em referência à antiga passagem onde estava instalado o posto fiscal para pagamento do tributo régio português sobre os animais cavaleares e muares dirigidos para as feiras de Sorocaba.

Como expressado a Silveira Peixoto, o objetivo da expedição sob seu comando era de «procurar o caminho ou por terra, ou por agoa por onde se possa chegar com mais comodidade até a barra que este Rio Grande do Registro faz no Paraná»<sup>22</sup>.

E assim este açoriano se envolveu na produção do conhecimento, mas também na produção deste rio como rio Grande de Curitiba ou rio Grande do Registro entre outubro de 1769 e outubro de 1770, quando concluiu sua jornada. A descrição detalhada de seu curso na nomenclatura portuguesa era uma estratégia geopolítica para a consolidação de uma soberania submetida à dúvida. Ao longo de sua navegação catalogou direções, dimensões de cada trecho, avaliou o comportamento das águas e identificou obstáculos para o entendimento de seu curso e navegação.

Na ausência dos instrumentos necessários para a identificação das direções corretas nos deslocamentos terrestres e fluviais, tais como a bússola, em momento algum referida em seu diário, o recurso utilizado por Silveira Peixoto foi o compartilhamento de sensações em campo. Assim, em um trecho do rio subiu em um pau para observá-lo e «todos os camaradas assentamos que o dito rio para baixo corria ao norte, e íamos mal guiados»<sup>23</sup>. Este era um procedimento cognitivo próprio dos povos nativos de várias partes do globo, mediado por sensações derivadas da observação a olho nu, cujas impressões ao serem trocadas coletivamente procuravam minimizar os riscos de direções equivocadas que no meio natural poderiam ser fatais.

---

<sup>22</sup> [Expedição q sae deste porto de Nossa Senhora da Conceção de Cayacanga ...], 1769.

<sup>23</sup> [Expedição q sae deste porto de Nossa Senhora da Conceção de Cayacanga ...], 1769.

Estudiosos da cartografia e geografia povos constataram que estes desenvolveram «visão telescópica» tanto para observações astronômicas como topográficas<sup>24</sup>. O uso deste método pressupõe um modo de existência holístico destes povos em relação ao meio terrestre e celeste e ao entrar em uma zona de contato cultural como a fronteira interna do Brasil, Antonio da Silveira Peixoto incorporou este modo de existir, habilitando-se para aplicar seus métodos com êxito.

Mais do que levantar informações geográficas para fornecer aos servidores régios, Silveira Peixoto as coletava, verificava e corrigia como fez com um mapa acusado por ele de ter sido a razão de seus enganos na marcha<sup>25</sup>. Também questionava baseado em sua experiência os discursos de autoridade dos antigos entrantes<sup>26</sup>.

Silveira Peixoto demonstrava a sua agência na produção do conhecimento do rio Grande de Curitiba ao nomear seus tributários. Nas ordens que levava fora instruído pelas determinações do governador de dar nome a tudo, sendo as nominatas «como os do Reyno» e esta orientação foi reforçada ainda por Afonso Botelho, comandante-geral da expedição. Os lugares notáveis deviam ser chamados com os nomes das autoridades régias<sup>27</sup>.

Na medida em que processos de conhecimento são fenômenos dinâmicos, caracterizados por trocas de saberes e circunstâncias vividas em loco, na prática este açoriano não meramente se limitou a aplicar orientações recebidas, mas nomeou de acordo com suas experiências vividas no caminho. Foi assim que ao pousar juntamente com a tropa que o acompanhava ao pé de um ribeirão muito «turbo» (opaco) colocou-lhe o nome de Ribeirão Turbo e ao passarem um ribeirão «com uns poucos de pinhos finos que há muitos dias não [viam] pinhos, e lhe fica o nome Rio dos Pinhos<sup>28</sup>.

A toponímia de fato tem uma dimensão geopolítica, pois um dos objetivos da produção do conhecimento do rio Grande do Registro era também uma maneira de o produzir como parte do território de soberania portuguesa. Entretanto no plano do terreno esta dimensão se diluía na agência de entrantes, alguns deles emigrados. Suas descrições de um espaço geográfico observado através de seus instrumentos somáticos circularam e foram usadas não só por eles próprios, em circunstâncias de seus interesses, mas também por servidores régios e profissionais da cartografia.

---

<sup>24</sup> HUTOROWICZ, ADLER, 1911: 670.

<sup>25</sup> [PEIXOTO], 1901 [1771]: 393-401.

<sup>26</sup> *Relação de Antonio da Silveira Peixoto*, 1956: 109.

<sup>27</sup> [Listagem de 8 cartas de Afonso Botelho enviadas para Antonio da Silveira Peixoto...], 1769.

<sup>28</sup> *Relação de Antonio da Silveira Peixoto*, 1956: 109-110.

## CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS

Antonio da Silveira Peixoto escreveu suas observações na forma de cartas enviadas periodicamente para o comandante geral das expedições Afonso Botelho. Este, por sua vez, as transformou em uma Relação, contendo a narrativa diária de sua jornada. Pelas respostas dadas ao comandante pode ser pressuposto o teor das cartas de Silveira Peixoto, que misturava aos assuntos de interesse imediato, como a descrição do rio Grande do Registro, todos os tipos de problemas surgidos em uma expedição, desde os infraestruturais aos de relações humanas. Na Relação todas estas questões extrageográficas foram subtraídas.

Este documento foi encaminhado para o conde de Oeiras em julho de 1770 e em janeiro de 1774 foi anexado a um extenso dossiê de 349 páginas formado por Afonso Botelho e oferecido à rainha D. Maria, reunindo uma gama variada de tipos de manuscritos, de ofícios e diários. Em outro momento, sem data registrada, esta mesma Relação foi enviada juntamente com outras em um dossiê para o «Brigadeiro», certamente referindo-se ao engenheiro militar Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria com os dizeres «Para ver o Brigadeiro estas Relações que pode ter alcance dellas alguma nota para acrescentar o seu mapa»<sup>29</sup>.

As 11 expedições não contaram em momento algum com a presença deste engenheiro militar, embora este mantivesse estreita correspondência com o governador D. Luís de Sousa que, considerando o dossiê enviado para o Brigadeiro, certamente pretendia amplificar e revestir de maior dignidade a sua empresa de mapeamento com mapas feitos por um cartógrafo profissional.

Situação muito oposta foi verificada na carta corográfica da capitania de São Paulo, datada de 1791-1792 e produzida pelo engenheiro Antonio Roiz Montesiño por ordem do governador da capitania Bernardo José de Lorena.

Avaliando a legenda descritiva na lateral direita superior e o cartucho ornamentado na lateral direita inferior, vê-se que esta é uma imagem cartográfica herdeira dos artefatos e contexto da época das expedições demarcatórias do Tratado de Madrid e das expedições de mapeamento organizadas por D. Luís de Sousa. Seu propósito é o de exibir os limites da capitania de São Paulo em relação a outras capitanias e aos domínios de Espanha. Gráficamente este objetivo aparece na *Explicação dos Signaes*, conforme escrito no cartucho: a linha pontilhada com ponto representaria as fronteiras com os domínios de Espanha e o pontilhado exclusivamente assinalaria as fronteiras com outras capitanias.

---

<sup>29</sup> Documentos respectivamente em Projeto Resgate - São Paulo Alfredo Mendes Gouveia. AHU, Cx. 27, D. 2547; Biblioteca Nacional - Brasil (RJ). *Coleção Morgado de Mateus*. Doc. n.º 09,3,014; Fundação da Casa de Mateus. Doc. n.º 1040.01.



**Fig. 2.** *Mapa Corográfico da Capitania de São Paulo, 1791-1792*

Fonte: Coleção João Baptista de Campos Aguirra. Museu Paulista, 1-05217-0000-0000

Na legenda descritiva, sob o título *Explicações do Mapa*, são listados todos os pontos da capitania observados por engenheiros militares. É dado crédito às observações da vila de Guaratuba, no litoral, ao próprio autor da carta corográfica, Antonio Matozinho. O rio Tietê havia sido observado pelo astrônomo do rei Francisco José de Lacerda. A «parte do Paraná donde se encontra o rio Pardo athe as Sete Quedas [fora] fora observada em [ilegível] pelo Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria». Ao final da listagem, que prossegue tratando de outros pontos da capitania, foi informado que «todos os documentos que [provavam] as referidas divisões [estavam] na Secretaria de Governo», instituição da capitania de São Paulo na qual são conservados todos os manuscritos das expedições de mapeamento organizadas por D. Luís.

Embora o rio Iguaçu não seja mencionado na listagem da legenda descritiva, na representação visual possui proeminência. Toda a malha fluvial que corria em direção ao rio Paraná, assim como seus nomes, estão visualmente destacados com linha de espessura ampliada. Na legenda descritiva a figura de Antonio da Silveira Peixoto, um não profissional da cartografia, está elidida. Esta parte do mapa deu visibilidade e reconheceu as ações dos engenheiros militares e listou apenas os lugares visitados, percorridos e observados por eles.

O rio Grande de Curitiba, como dito acima, não contou com a presença de qualquer um deles em todo o seu percurso. Quando esta representação visual é cruzada com a Relação de Antonio da Silveira Peixoto são identificados vários sinais da atuação deste açoriano. Sua missão, como visto acima, era a de produzir um rio do Registro, desfigurando o rio Iguaçu para os espanhóis. O costume pode ter impedido a supressão deste último nome, mas no mapa o projeto do governador e a ação do açoriano aparece na frase «Rio Iguaçu ou Rio Grande de Curitiba».

Toda a linha do rio Iguaçu está representada, desde a vila de São José, nas proximidades de Curitiba, mas principalmente passando pelo registro de Curitiba, identificado por um sinal de edificação, significando o posto fiscal régio. Deste ainda sai uma linha pontilhada que termina na vila de Sorocaba, onde era negociado o gado muar e cavalar que obrigatoriamente passava por este posto.

Todos os pontos deste rio que davam acesso ao interior da capitania estão assinalados com pontilhados. Dois portos fluviais mencionados na Relação — Vitória e Cayacanga — estão indicados na linha do rio. Por fim, a menção ao ribeirão Santo António também aparece na imagem cartográfica.

Até então inexistia uma noção clara de que o rio Pepiri-guaçu não fazia foz no rio Iguaçu, como mostrou o parágrafo 5 do Tratado de Madrid. Na continuidade desse rio havia um outro, o Santo António, chamado Ribeirão pelo açoriano. Na ligação do rio Santo António-Pepiri-guaçu era dado acesso do rio Grande de Curitiba ou Iguaçu com o Uruguai e deste modo a Coroa portuguesa assegurava o direito de navegação de uma das margens do Uruguai, lançado no parágrafo 8 do Tratado de Santo Ildefonso (1777)<sup>30</sup>.

Em 1781 todo o conhecimento do curso e navegação de um dos principais afluentes do rio Paraná retornou para Antonio da Silveira Peixoto revestido de outro significado, sendo aplicado em seu próprio benefício como uma moeda peticionária na lógica do Antigo Regime português. Em seu auto de justificação para obter patente militar e soldo alegou ter empregado todos os esforços «para os descobrir e reconhecer os vastíssimos sertões do Tibagi aonde nunca tinham os nossos penetrados [...] conquistando assim em treze meses de marcha quatrocentos e vinte leguas de terrenos para este Reino [...] no ultimo Tratado de Limites com a Hespanha [...]»<sup>31</sup>. No circuito de produção e circulação de conhecimento geográfico de uma região estratégias geopolíticas eram tecidas pelos Estados, também os imigrantes costuravam as de caráter diaspórico, abrindo para si próprio um horizonte de inserção no meio de adoção.

---

<sup>30</sup> Disponível em <[https://pt.wikisource.org/wiki/Primeiro\\_Tratado\\_de\\_Santo\\_Ildefonso\\_\(ortografia\\_atualizada\)](https://pt.wikisource.org/wiki/Primeiro_Tratado_de_Santo_Ildefonso_(ortografia_atualizada))>.

<sup>31</sup> [Requerimento do capitão António da Silveira Peixoto...], 1781.

## CONCLUSÃO

Este texto se apoiou no estudo de caso de um emigrado do Faial para compreender um processo de produção-comunicação-circulação de conhecimento geográfico. Neste circuito ocorreram estratégias geopolíticas e diaspóricas. Os emigrados foram novos agentes de conhecimento nos locais onde se estabeleceram, como ocorreu no Brasil meridional. No século XVIII, havia uma demanda por conhecimento geográfico dos domínios ibéricos nesta região devido às disputas geopolíticas ibéricas por definição de fronteiras, abrindo um canal para a inserção social do emigrado em expedições de mapeamento e exploração.

## ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E FONTES

### Biblioteca Digital Luso-Brasileira

MAPA dos confins do Brazil com as terras da Coroa de Espanha na América Meridional [...] Mapa das Cortes. «Biblioteca digital luso-brasileira». 1749. [Consult. 18 ago. 2023]. Disponível em <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/15346>>.

### Biblioteca Digital da UNESP

[PEIXOTO, Antonio da Silveira] (1901 [1771]). *Cópia da Carta do Capitão Silveira Peixoto a Pedro José Soares* [de Figueiredo Sarmento], *Governador da Colonia do Sacramento, etc.* In ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Documentos Interessantes para a História e Costumes de S. Paulo*. São Paulo: Typographia Andrade & Mello, vol. 34, pp. 393-401.

### Biblioteca Nacional – Brasil (RJ)

SOUZA, Afonso Botelho de Sampaio e (1774). *Noticia da Conquista, e Descobrimto dos Certõens do Tibagy na Capitania de S. Paulo, no governo do General D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, conforme as Ordeñs de Sua Magestade. Offerecido à Raynha N. Sñra. Por Affonso Botelho de S. Payo, e Souza (...) principiando no anno de 1768 athé o de 17(74)* [Manuscrito]. [Acampamento da Esperança]. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Brasil. 09,3,014 - Manuscritos. Disponível em < [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1461596/mss1461596.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1461596/mss1461596.pdf)>.

SOUZA, Afonso Botelho de Sampaio e (1956). *Introdução*. In SOUZA, Afonso Botelho de Sampaio e. *Noticia da Conquista, e Descobrimto dos Certõens do Tibagy na Capitania de S. Paulo, no governo do General D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, conforme as Ordeñs de Sua Magestade. Offerecido à Raynha N. Sñra. Por Affonso Botelho de S. Payo, e Souza (...) principiando no anno de 1768 athé o de 17(74)* «Anais da Biblioteca Nacional». 76, 178 (180).

### Arquivo Histórico Ultramarino

[OFÍCIO do governador de São Paulo para o conde de Oeiras, comunicando ter recebido do ajudante de ordens Afonso Botelho [...] uma carta expedida de Paranaguá em 9 (de 1770) com informa-

*ções sobre a expedição do capitão Antonio da Silveira Peixoto*] [Manuscrito] 4 de julho de 1770. Projeto Resgate - São Paulo Alfredo Mendes Gouveia. AHU, Cx. 27, D. 2547.

[REQUERIMENTO do capitão António da Silveira Peixoto ao (ouvidor geral do Cível, Manuel de Albuquerque e Melo) pedindo a justificação dos seguintes itens...] [Manuscrito]. 13 de outubro de 1781. Projeto Resgate - São Paulo Alfredo Mendes Gouveia. AHU, Cx. 35, D. 2994.

### Fundação da Casa de Mateus

[EXPEDIÇÃO q sae deste porto de Nossa Senhora da Conceição de Cayacanga por ordem do Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> senhor D. Luis de Sousa Botelho Mourão (...) para efeito de navegar pelo rio do Registro abaixo, sendo comandante da dita Expedição o Cap<sup>o</sup> Antonio da Silveira Peixoto (...)] 28 de setembro de 1769] [Manuscrito]. 28 de setembro de 1769. Doc. n.º 1040.32.

[LISTAGEM de 8 cartas de Afonso Botelho enviadas para Antonio da Silveira Peixoto em Cópia das ordens, carta e mais papéis que levou o Capitão Antonio da Sylveyra Peixoto comandante da expedição que partio do porto de Nossa Senhora da Conceição pelo Ryo do Registro abaixo aos 16 de outubro de 1769 pelas duas horas da tarde] [Manuscrito]. 16 de outubro de 1769. Doc. n.º 1040.32.

### Arquivo Metropolitano de São Paulo

Arquivo Metropolitano de São Paulo. *Livro de Óbitos*. Livro de Óbitos da Catedral da Sé de 1810-1820, cota 2-2-30.

RELAÇÃO de Antonio da Silveira Peixoto. In *Notícia da conquista e descobrimento dos Sertões do Tibagi*. «Anais da Biblioteca Nacional». 76 (1956) 108-111. Disponível em <[http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630\\_1956\\_00076.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1956_00076.pdf)>.

## BIBLIOGRAFIA

- ANGELO, Elis Regina Barbosa (2017). *Trajetórias dos imigrantes açorianos em São Paulo: processos de formação, transformação e as ressignificações culturais*. Jundiá: Paco Editorial.
- ANGELO, Elis Regina Barbosa (2020). *Patrimônio da imigração açoriana em São Paulo: entre memórias, histórias e rituais*. In MONTEIRO, Arle Assumpção; GOMES, Edgar da Silva; AVELINO, Yvone Dias, org. *Tecituras das cidades. História, Memória e Cultura*. São Paulo: EDUC-PIPEq, s. n.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli (2007). *Autoridade e conflito no Brasil colonial: o governo do Morgado de Mateus em São Paulo (1765-1775)*. 2.ª ed. São Paulo: Ed. Alameda.
- BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira (2011). *Desenho e designio: o Brasil dos engenheiros militares (1500-1822)*. São Paulo: EDUSP/FAPESP.
- BURKE, Peter (2016). *O que é história do conhecimento?* São Paulo: Editora UNESP.
- CORDEIRO, Carlos; MADEIRA, Artur Boavida (2003). *A emigração açoriana para o Brasil (1541-1820). Uma leitura em torno de interesses e vontades*. «ARQUIPÉLAGO. História». 2.ª Série. VII, 99-122.

- FERREIRA, Mário Clemente (2001). *O tratado de Madrid e o Brasil meridional: os trabalhos demarcadores das partidas do sul e a sua produção cartográfica (1749-1761)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- FRANZEN, Beatriz Vasconcelos (2004). *Mulheres açorianas na formação do Rio Grande do Sul*. «ARQUIPÉLAGO. História». 2.<sup>a</sup> Série. VIII, 11-20.
- FURTADO, Júnia Ferreira (2012). *Oráculos da geografia iluminista: Dom Luís da Cunha e Jean-Baptiste Bourguignon D'Anville na construção da cartografia do Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- GALVANESE, Marina Simões (2022). *Imigrantes açorianos na transição da escravatura para o trabalho livre no Brasil (décadas de 1830 e 1840)*. «Revista de História (São Paulo)». 181, 1-36.
- HUTOROWICZ, H. de; ADLER, B. F. (1911). *Maps of Primitive Peoples*. «Bulletin of the American Geographical Society». 43:9, 669-679.
- MIGNOLO, Walter (2010). *Desobediência epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo.
- MOURA, Denise A. Soares de (2022). *Simulacros de Impérios: territórios, mapeamentos e invenção das fronteiras ibero-americanas (século XVIII)*. Cidade de França, SP: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Tese de livre docência.
- RAJ, Kapil (2007). *Relocating Modern Science. Circulation and the Construction of Knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- RODRIGUES, José Damião (2002). *Entre duas margens: a circulação atlântica dos açorianos nos séculos XVII e XVIII*. «ARQUIPÉLAGO. História». 2.<sup>a</sup> Série. VI, 225-245.
- RODRIGUES, José Damião; MADEIRA, A. B. (1999). *A emigração para o Brasil: as levas de soldados no século XVIII*. In *Portos, escalas e ilhéus no relacionamento entre o Ocidente e o Oriente. Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Regresso de Vasco da Gama a Portugal*. [Ponta Delgada]: Universidade dos Açores, pp. 109-131.
- ROSA, Leticia Vieira Braga da; SCHEMES, Claudia (2022). *Imigrantes açorianas e o imaginário da mulher gaúcha*. «Revista de História Regional», 27:1, 387-411.
- PRATT, Mary Louise (1991). *Arts of the Contact Zone*. «Profession», 33-40.
- SCOTT, Ana Silvia Volpi; BERUTE, Gabriel Santos; MATOS, Paulo Teodoro de, org. (2014). *Gentes das ilhas: trajetórias transatlânticas dos Açores ao Rio Grande de São Pedro entre as décadas de 1740 a 1790*. São Leopoldo: Editora Oikos.
- SECORD, James A. (2004). *Knowledge in Transit*. «Isis». 95:4, 654-672.



# IMIGRAÇÃO AÇORIANA, PERCURSOS E TRAJETÓRIAS DE VIDA NAS CHARQUEADAS DE PELOTAS

— RIO GRANDE DO SUL, C. 1750–1830\*

STÉFANI HOLLMANN\*\*

MILENE DOS ANJOS\*\*\*

**Resumo:** *No fim do século XVIII, os territórios ao sul da América Portuguesa junto à fronteira com a América Espanhola foram ocupados por indivíduos de origens diversas. Estes além de povoar e manter o território da região sul da capitania do Rio Grande de São Pedro também foram responsáveis por realizar investimentos e dinamizar a economia da região. Paralelamente, aplicaram recursos nas primeiras charqueadas na região de Pelotas, transformando esta na principal fornecedora de carne seca do Brasil, até finais do século XIX. Estes investimentos garantiram aos seus proprietários distinção socioeconómica. Com base na reconstituição dos percursos de vida de três indivíduos vinculados ao arquipélago dos Açores, que migraram para o Rio Grande do Sul, é objetivo deste trabalho traçar algumas trajetórias, observar estudos de caso concretos em mobilidade geográfica e acompanhar as tentativas de alcançar ascensão sócio-ocupacional através da migração. As fontes históricas analisadas assentam em documentação paroquial através das quais é possível reconstituir as redes migratórias.*

**Palavras-chave:** açorianos; migrações; Rio Grande do Sul; trajetórias de vida; zonas de fronteira; charqueadores.

**Abstract:** *At the end of the 18<sup>th</sup> century, the territories in South Portuguese America near the border with Spanish America were occupied by individuals from different origins. In addition to populating and maintaining the Rio Grande de São Pedro territory, they were also responsible for making investments and boosting the region's economy. At the same time, resources were invested in the first charqueadas in the Pelotas region, transforming it into the leading supplier of jerky meat in Brazil until the end of the 19<sup>th</sup> century. These investments ensured their owner's socio-economic distinction. Based on the reconstitution of the life paths of three individuals linked to the Azores archipelago who migrated to Rio Grande do Sul, the objective of this work is to trace some trajectories,*

---

\* Trabalho e publicação desenvolvidos no âmbito do projeto de pesquisa *Construindo um mundo global: migrantes através do Atlântico – Local2Global*. Projeto de investigação científica no âmbito e financiado pelo Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM).

\*\* FLUP/CITCEM. Email: stefanihollmann@hotmail.com. Doutoranda em História pela Universidade do Porto, investigadora colaboradora do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) e bolsista da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Referência 2020.04534.BD). Licenciada e Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

\*\*\* FLUP/CITCEM. Email: milene\_ferriange@hotmail.com. Doutoranda em História na Universidade do Porto, FLUP. Investigadora do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM). Bolsista de doutoramento FCT financiada pelo orçamento português e pelo orçamento comunitário através do Fundo Social Europeu (Referência 2021.05346.BD).

*observe concrete case studies in geographic mobility and accompany the attempts to achieve socio-occupational ascension through migration. The analyzed historical sources are based on parish documentation through which it is possible to reconstitute the family migration networks.*

**Keywords:** Azoreans; migrations; Rio Grande do Sul; life trajectories; border zones; charqueadores.

## INTRODUÇÃO

Desde a segunda metade do século XX que o estudo dos fluxos migratórios, espontâneos ou forçados, de homens e mulheres naturais das ilhas do arquipélago dos Açores, que ao longo do período colonial migraram para regiões do sul do Brasil, tem suscitado especial interesse junto de uma diversificada comunidade de investigadores<sup>1</sup>. Dentro de um tema tão amplo, a presença de açorianos no processo português de ocupação em territórios alvo de conflitos e disputas refletiu-se na historiografia existente, com trabalhos sobre a sua participação na formação de importantes segmentos do povo brasileiro ao longo dos séculos XVII e XVIII<sup>2</sup>.

Numa altura em que Portugal e Espanha negociavam os limites entre os territórios sul-americanos, a travessia intensa e numerosa do Atlântico, de população masculina e feminina, controlada pela monarquia portuguesa, regulou a saída de açorianos e orientou a sua fixação em território brasileiro, contribuindo para o desenvolvimento territorial e económico de novas zonas no Brasil. Num primeiro momento, tinham como destino a Amazónia (Pará e Maranhão) e, mais tarde, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul<sup>3</sup>. Este movimento migratório de indivíduos constituiu um elemento de consolidação, de fixação de núcleos povoadores com a função de salvaguardar os interesses da Coroa portuguesa no Brasil. Entre 1748 e 1757, estima-se que tenham entrado no Rio Grande do Sul um grande número de açorianos, cerca de 2300 indivíduos, valor que representava dois terços da população sul-rio-grandense. Cerca de 30 anos depois, em 1780, 55% da população total do Rio Grande do Sul era composta por açorianos<sup>4</sup>.

Neste contexto, após décadas de disputa entre os vizinhos ibéricos pelo domínio da praça da Colónia do Sacramento, no Rio da Prata, a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, em 1777, estabeleceu, definitivamente, o território do Rio Grande de São Pedro aos portugueses. Espaço este que, segundo o Tratado de Tordesilhas, pertencia à Coroa de Castela, mas que devido às incursões bandeirantes em rastreio de mão de obra indígena para ser escravizada, assim como a

---

1 FORTES, 1978; CORDEIRO, MADEIRA, 2003; TORRES, 2004; ROSA, SCHEMES, 2013; SCOTT, BERUTE, MATOS, 2014; ROSA, 2018, 2019.

2 BARROSO, SILVA, 1993; RODRIGUES, 2002; BARROSO, BROCHADO, TASSONI, 2002; RODRIGUES, MADEIRA, 2003.

3 PEDREIRA, 2001; GRAEBIN, 2004; RODRIGUES, ROCHA, 2008.

4 LAYTANO, 1969: 408.

busca por caminhos terrestres que ligassem Laguna — até 1680 o território mais ao sul da América Portuguesa — à Colónia do Sacramento (fundada na margem oposta a Buenos Aires no Rio da Prata e o primeiro incumprimento concreto do Tratado de 1494 por parte dos portugueses) acabaram por instalar povoados portugueses ao longo do território que se designava Rio Grande de São Pedro. Como uma «Fronteira em Movimento<sup>5</sup>», o território do Rio Grande de São Pedro permaneceu em disputa até finais do século XVIII e não recebeu nenhuma política efetiva de ocupação por parte da Coroa portuguesa, até aproximadamente a década de 1780.

A fim de contextualizar é importante mencionar que, em 1732, os portugueses fundaram o presídio de Rio Grande, próximo da Laguna dos Patos, sendo o único porto atlântico da região, em resposta à fundação do porto de Montevidéu, em 1724, por parte dos espanhóis. Rio Grande, além de porto, também era uma das vilas portuguesas nesse território em constante disputa entre os súbditos ibéricos. Esta zona também serviu como base alternativa aos lusos em relação a Sacramento, que era constantemente sitiada pelos castelhanos<sup>6</sup>. Desta maneira, esta região entre Laguna, em Santa Catarina, e o Rio da Prata foi, até meados do século XIX, uma fronteira perene, fluida, em movimento e manejada<sup>7</sup> pelos indivíduos que por ela circularam, sejam estes agentes públicos ou privados. Apesar da fundação de povoados e da distribuição de terras, a ocupação efetiva do território sulino na América Portuguesa deveu-se a dois factos concretos. O primeiro foi a ocupação espanhola do porto de Rio Grande em 1763, comandada por Pedro de Cevallos. Este que após 13 anos de dominação da vila retirou as tropas de Castela da praça em 1776<sup>8</sup>. O apoderamento de Rio Grande ocorreu paralelamente ao cerco à Colónia de Sacramento. Ambas as frentes — no Prata e no Atlântico — buscavam estrangular a economia lusa no sul, obrigando os portugueses a entregar Sacramento. Em suma, o intuito era a retirada dos lusitanos do Prata e o controle das rotas comerciais na região. Voltando ao continente, Rio Grande era, e é até hoje, o único porto atlântico do Rio Grande do Sul, fazendo-se fundamental a dominação da sua barra, para poder realizar o escoamento da produção por via marítima, em maior escala e de forma mais rápida, assim como receber suprimentos e comércio de outros pontos do Império Ultramarino. Neste

---

<sup>5</sup> KÜHN, 1999. O conceito de fronteira em movimento trata desta fronteira indefinida e pouco estabelecida até fins do século XVIII com a assinatura dos últimos tratados entre Portugal e Espanha que delimitaram as fronteiras. Contudo, também revela o movimento dos agentes nestes limites político-territoriais e que movimenta essa fronteira.

<sup>6</sup> PRADO, 2003.

<sup>7</sup> Utiliza-se do conceito de fronteira manejada de THOMPSON FLORES, 2012, apesar da autora não trabalhar com fronteira no mesmo período do que o analisado neste trabalho, o conceito apresentado também permeia as características fronteiriças de fins do século XVIII e dos seus agentes.

<sup>8</sup> Para a compreensão do domínio espanhol ao porto de Rio Grande, *vd.* VALDEZ, 2018.

sentido, a recuperação do porto por parte dos portugueses, neste momento, foi importante para voltar a girar a produção e economia da capitania. Ainda no contexto da ocupação espanhola, a região de Pelotas teria sido ocupada durante este período por portugueses que se retiraram de lá<sup>9</sup>. Com as fronteiras pacificadas e passando a estar definidas, o ambiente parecia propício para o investimento e a ocupação da região. Nas últimas décadas de Setecentos, a capitania passou a receber muitos imigrantes de diferentes origens, sobretudo açorianos. A Coroa portuguesa promovia a emigração de açorianos, não apenas pelo interesse em garantir um povoamento denso no sul do Brasil, mas por ser a melhor forma de preservar a posse de terra, assim como pela necessidade de aliviar a pressão populacional das ilhas açorianas. O segundo facto importante para a compreensão foi o já mencionado Tratado de Santo Ildefonso, em 1777, que promoveu a retirada dos lusitanos da praça da Colónia do Sacramento, gerando uma migração interna na América Portuguesa e fazendo com que muitos destes indivíduos ingressassem na capitania sulina. Desta forma, Rio Grande passou a ser o porto luso-brasileiro mais ao sul e também o mais próximo do Rio da Prata, ponto de interesse antigo dos portugueses no domínio das rotas comerciais.

Ao longo do século XVIII, a presença de homens, mulheres e crianças açorianos no Rio Grande do Sul, especificamente na vila do Rio Grande (Fig. 3), emergiu no dinamismo demográfico e económico que marcou o povoamento e difundiu marcas identitárias na formação de novas cidades da capitania. Apesar de os territórios ao sul da América Portuguesa terem sido ocupados por indivíduos de origens diversas, o contingente açoriano foi o mais expressivo na formação demográfica e social do Rio Grande. Desta maneira, «podemos e devemos afirmar que existe algo de açoriano em tudo que se nos apresenta como tipicamente sul-rio-grandense»<sup>10</sup>. A presença açoriana implicou, para além de fluxos de pessoas, a transferência de conhecimentos e de experiências, como a aplicação de diferentes expressões linguísticas, novos hábitos alimentares e a influência nas práticas agrícolas como, por exemplo, a introdução do plantio do trigo<sup>11</sup>. É visível e é reconhecido o seu contributo na construção identitária local no território meridional brasileiro. Os seus estilos de dança (Fandango, Chimarrita, Quadri-lha), a aplicação de uma arquitetura com a utilização de figuras e trabalhos em talha dourada, o uso da pedra basáltica, a pintura das paredes brancas de cal, os telhados vermelhos e as janelas do tipo guilhotina foram um elemento visual característico da cultura açoriana<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> GUTIERREZ, 2009.

<sup>10</sup> WIEDERSPAHN, 1979:133.

<sup>11</sup> TORRES, 2004; ALVES, 2005; RAMIREZ, 2005; SILVA, LAROQUE, MACHADO, 2017.

<sup>12</sup> NETO, BEZZI, 2008; BRAGA, 2011; ROSA, BARDEN, LAROQUE, 2018.

O manuseamento e o cruzamento da informação proporcionada pelos registos paroquiais (batismo, casamento e óbito) das ilhas açorianas Terceira, São Jorge e Faial e das freguesias de Rio Grande e São Francisco de Paula (Pelotas), no Rio Grande do Sul, permitem identificar e traçar os percursos de vida de açorianos presentes nas charqueadas de Pelotas em Rio Grande do Sul. Com o objetivo de colaborar para o aprofundamento da literatura sobre a mobilidade e a presença de açorianos no Brasil ao longo do século XVIII, mais concretamente junto à fronteira com o Uruguai, identificamos e apresentamos o percurso de alguns migrantes que, nascidos no arquipélago dos Açores, foram identificados nos registos paroquiais das freguesias acima mencionadas. Com base nas informações proporcionadas é possível traçar o histórico da trajetória individual e familiar, considerando as naturalidades, as idades e as ocupações. Buscar-se-á, em consonância com a informação das suas ocupações, esclarecer o cenário que influenciou a decisão de migrar. Seguindo uma abordagem baseada no indivíduo em mobilidade transoceânica, é objetivo deste trabalho contribuir para o debate científico respondendo às seguintes questões: Quais foram as motivações dos ilhéus açorianos em migrar? Os açorianos buscavam mobilidade socioeconómica através da imigração? Qual a importância do status socioprofissional que poderiam obter na migração? Como é que as redes que se estabeleceram anteriormente à chegada ao Novo Mundo e assim que imigraram auxiliaram a sua trajetória de vida e a escolha da sua ocupação profissional? A sua presença teve impacto no território anfitrião? Qual o contexto histórico nos Açores que levou estes indivíduos a migrarem para o Novo Mundo? Quais foram os pontos atrativos para que estes migrantes fossem para o Brasil?

## 1. FONTES E ÁREA EM ESTUDO

Os registos paroquiais (batismo, casamento e óbito) das ilhas Terceira, São Jorge e Faial dos Açores (Fig. 1)<sup>13</sup> e de Pelotas e Rio Grande<sup>14</sup> (Fig. 2) constituem as fontes primárias para o estudo da presença de açorianos nas charqueadas de Pelotas, no Rio Grande do Sul, entre 1750 e 1830. O seu manuseamento permitiu extrair informações sobre os atos vitais relativos aos indivíduos que nasceram, casaram ou morreram na área em observação e que, por cruzamento nominativo, permitiu acompanhar os percursos de vida dos indivíduos em mobilidade. Privilegiando a metodologia de «reconstituição de paróquias»<sup>15</sup>, assente na construção

---

<sup>13</sup> Base de dados genealógica de algumas ilhas, concretamente as ilhas de São Jorge, Faial e Terceira, que compõem o arquipélago dos Açores (*Base de Dados Paroquiais dos Açores*, [s.d.]).

<sup>14</sup> Arquivo da Diocese de Rio Grande (1779-1830) e Arquivo da Diocese de Pelotas (1812-1830).

<sup>15</sup> AMORIM, 1991.

de uma base de dados demográfica e genealógica por cruzamento nominativo dos atos vitais de todos os indivíduos.

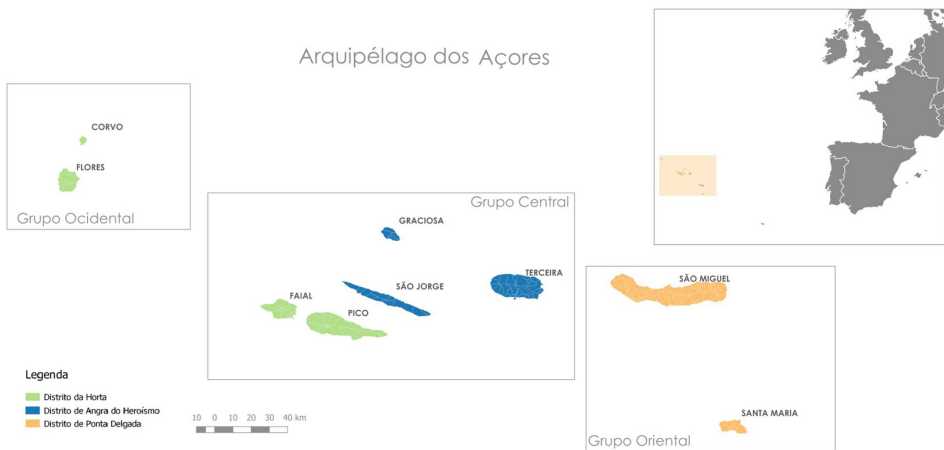
Ao longo das últimas décadas foram desenvolvidas em percurso académico uma série de bases de dados, no âmbito do Mestrado em História das Populações na Universidade do Minho, do Núcleo de Estudos de População e Sociedade (NEPS), pelo grupo de História das Populações (CITCEM) e, mais recentemente, pelo grupo de Populações e Saúde (CITCEM), que foram alojadas numa base de dados central — o Repositório Genealógico Nacional. O RGN, com âmbito geográfico nacional, assenta numa estrutura relacional de informações, tanto individuais como familiares, que fundamenta e possibilita o estudo da reconstituição das redes migratórias em época pré-censitária. Com base na pesquisa e no cruzamento de informações nominativas a essa *database* central foram identificados 37 casos de açorianos que teriam emigrado para o Rio Grande do Sul. Com efeito, o cruzamento dos dados em encadeamento genealógico de colaboração, na perspetiva global, entre os registos portugueses e brasileiros, permitiu identificar a contagem de 37 casos, mas por uma questão de resultados e informações relevantes, centramo-nos em 3 estudos de caso de açorianos que, ao longo do seu percurso vital, emigraram, sozinhos ou acompanhados, para a região estudada e detiveram um papel socialmente destacado na localidade de destino. Trata-se de indivíduos que se fixaram nesta zona recém-povoada e que com a criação de laços familiares, através do casamento com mulheres nascidas na capitania, investiram no novo setor económico da região, as charqueadas. Enraizaram interesses sociais, quando entendemos que a busca por matrimónio era uma estratégia de ampliar as suas redes e influência sociais e de poder. Os registos paroquiais, além de possibilitarem o estudo das trajetórias de vida, também revelam estratégias sociais utilizadas por estes agentes na busca de distinção e ascensão sociais. Tivemos como núcleo de análise inicial o grupo que corresponde à primeira geração<sup>16</sup> de charqueadores, na região de Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul. Este coletivo que se dedicou à produção de charque (carne seca), entre 1780 e 1830, transformou a antiga freguesia de São Francisco de Paula na principal região produtora de carne de todo o Brasil até finais de Oitocentos. Portanto, tomamos como base um dos principais grupos económicos da capitania do Rio Grande de São Pedro e, a partir dele, buscamos identificar açorianos entre os 63 indivíduos desse grupo de produtores de carne seca, para além dos sujeitos os quais se relacionavam com

---

<sup>16</sup> VARGAS, 2013. Na sua tese de doutoramento, Vargas divide mais de um século de produção charqueadora em três gerações administrativas das unidades saladeiras. A primeira geração estende-se entre as décadas de 1780 e 1830, período inicial das instalações das primeiras indústrias de carne; a segunda na década de 1850; e a terceira geração compreenderia as décadas entre 1870 e 1880, aproximadamente. Estas gerações dizem respeito à passagem da administração das propriedades e não necessariamente a gerações sanguíneas/familiares, embora muitas delas sejam passadas a herdeiros, não se toma isso como regra.

as pouco mais de seis dezenas de charqueadores. Para além disso, buscamos compreender as relações pessoais destes indivíduos, considerando a família como essencial tronco de análise e principal rede social destes indivíduos. Ainda cabe mencionar, a importância do estudo do parentesco espiritual, sobretudo nos territórios ultramarinos/meridionais, considerando estes similares aos vínculos sanguíneos em zonas recém-povoadas. Portanto, faz-se fundamental e muito interessante a análise dos registos paroquiais, considerando que este grupo, através dos sacramentos da Igreja católica, buscou o enraizamento social no local onde realizaram os seus investimentos económicos.

Para o presente trabalho contaremos com o estudo de percursos de vida de três indivíduos específicos, naturais das ilhas Terceira, São Jorge e Faial, pertencentes ao grupo central do arquipélago dos Açores (Fig. 1), que chegaram à capitania do Rio Grande de São Pedro em meados do século XVIII. A escolha por estes indivíduos deve-se à importância dos mesmos dentro do grupo analisado. Considerando esta relevância, também foi destes que obtivemos maior quantidade de dados, tanto informações particulares como familiares. Nesse sentido, tomamos estes três indivíduos como amostra central para o desenvolvimento do presente trabalho sobre a imigração e trajetória açoriana no Rio Grande do Sul durante o século XVIII.



**Fig. 1.** Mapa do arquipélago dos Açores

Fonte: Elaboração própria a partir da Carta Administrativa Oficial de Portugal (CAOP)



**Fig. 2.** Mapa do Brasil e Tratados de Fronteira na região sul

Fonte: disponível em <<http://marcosbau.com.br/geobrasil-2/1763-2/>>



**Fig. 3.** Mapeamento do extremo sul da América

Fonte: Territórios portugueses e espanhóis na região do Rio Grande do Sul antes da guerra de 1776-1777. Autor: Jhonatan Gomes Diniz

## 2. O PAPEL DOS ILHÉUS NA CONSOLIDAÇÃO DO TERRITÓRIO E ECONOMIA LUSO-BRASILEIROS

Durante o século XVIII, com a descoberta das minas de ouro na região central do Brasil e com o incentivo por parte da Coroa portuguesa na introdução de novas culturas em território brasileiro, ocorreram algumas mudanças do norte ao sul da colônia. Na busca por demarcação de território, novas zonas distantes dos principais portos atlânticos foram ocupadas. Estas regiões, além de incentivo público, receberam reinvestimento, sobretudo do capital comercial, em diferentes regiões e economias<sup>17</sup>. Assim, no final de Setecentos, o Rio Grande de São Pedro era procurado por homens em busca de mobilidade social, que a tentavam alcançar, através de investimentos em terras e economias. Pelotas, como região recém-povoada e próxima ao porto atlântico, recebeu investimentos económicos, nomeadamente na indústria charqueadora. Devido a inúmeras características geográficas e climáticas, o sul da mencionada capitania pareceu ser propício para receber este investimento.

Desde o início de Setecentos que a produção de carne na região norte do Brasil estava muito vinculada à interiorização da população do território, com mercado consumidor próximo, nos engenhos e nos canaviais onde era alimento principal para a escravaria. Contudo, com a seca que ocorreu em fins do século XVIII na região, emergiu a busca por uma nova zona de produção. O Rio Grande de São Pedro apresentava características positivas para tal. Terras de campo largo, nas quais já havia gado solto, pastagem, clima mais ameno, fronteira recentemente pacificada (pouco povoada) e com necessidade de ocupação das novas terras. O deslocamento da produção de carne para o sul do Brasil emergiu com a chegada de novos habitantes e a busca por ocupar e definir a fronteira junto com os territórios hispânicos. Porém, também foi associada ao deslocamento do eixo económico com o crescimento da importância do Rio de Janeiro que, neste mesmo século, se tornou o principal porto luso-brasileiro no Atlântico, muito em detrimento das relações estabelecidas com o continente africano, sobretudo o comércio da população escrava.

Pelotas não foi a primeira região do Brasil a produzir carne. A produção no nordeste do Brasil já ocorria e servia para o abastecimento local, além de outras zonas da própria província sulina que já fabricavam este produto. Aqui é preciso compreender as características e posição geográfica que ocupou essa região, para visualizar a justificativa de implementação deste complexo charqueador em finais do século XVIII em uma zona ainda pouco explorada e povoada, e que ainda era distante dos polos consumidores desta mercadoria. A historiografia aponta para

---

<sup>17</sup> SAMPAIO, 2003.

um deslocamento do eixo produtor de carne seca para o sul do Brasil em fins de Setecentos por conta de uma forte seca que assolou o nordeste brasileiro<sup>18</sup>. Contudo, a produção de carne não parou definitivamente, o que ocorreu foi a diminuição da produção<sup>19</sup> que poderia ter sido deslocada para outras zonas do Brasil, mas foi a região mais meridional, próxima de outro espaço que iniciava em paralelo a produção de carne, e onde se encontrava um rebanho bovino considerável, que recebeu a atenção destes indivíduos. Simultaneamente à instalação do complexo charqueador em Pelotas, os espanhóis passaram a incentivar a produção de *carne salada y tasajo* no Vice-Reino da Prata, especialmente na Banda Oriental. Os espanhóis foram responsáveis pela introdução dos primeiros rebanhos bovinos naquela região, considerando a presença dos jesuítas e a consolidação das reduções na tentativa de ocupação territorial, quando o Rio Grande de São Pedro ainda era território da Coroa de Castela<sup>20</sup>. Nesse sentido, instalar uma indústria que necessitava desta matéria-prima numa zona onde havia gado em abundância poderia ser benéfico àqueles que conseguissem investir em terras, assim como para a Coroa que de certo modo o incentivou.

O Rio Grande do Sul não produzia gado suficiente para abastecer as charqueadas de Pelotas. O abate era significativo e a reprodução local muito pequena. Deste modo, os charqueadores eram totalmente dependentes do comércio legal ou do contrabando que ocorria na fronteira com a Banda Oriental<sup>21</sup>. Possivelmente, mais dependentes do contrabando do que do próprio comércio legal e isso significava que estes saladeiros tinham interesses no território vizinho. Assim sendo, além da proximidade com o porto de Rio Grande e o fácil escoamento da sua produção, a fronteira com o Uruguai foi um facilitador de acesso à matéria-prima base da indústria que mais se destacou na capitania e que passou a ser instalada paralelamente no Rio da Prata.

De maneira preliminar, pode-se entender que a fixação numa zona de fronteira seria um benefício econômico e social para os indivíduos que buscassem estabelecer a sua charqueada o mais próximo dessas zonas. Para entender a sua trajetória social é fundamental frisar que este grupo foi formado por indivíduos economicamente semelhantes. O que os une neste estudo é que todos se dedicaram à produção de charque em Pelotas, têm relações anteriores com o arquipélago dos Açores e que, em finais do século XVIII e início do XIX, transformaram, através do seu desenvolvimento econômico, a zona de chegada em principal produtora de carne e derivados de gado do Brasil.

---

<sup>18</sup> VIEIRA JUNIOR, 2009.

<sup>19</sup> NOGUEIRA, 2021.

<sup>20</sup> LOBB, 1976.

<sup>21</sup> GUTIERREZ, 2009.

Além de investirem e ocuparem as terras, estes agentes fronteiriços necessitavam ser capazes de defendê-las ou de estendê-las em nome do monarca. Afinal, a propriedade de terra foi-lhes dada em forma de mercê por parte da Coroa. Inclusive esta era uma das prerrogativas para conseguir uma sesmaria, capacidade de controle, posse e cultivo da terra<sup>22</sup>. O Império Ultramarino Português foi construído por esses agentes e pelas redes que tiveram capacidade de estabelecer. Além disso, os interesses públicos e privados, apesar de algumas vezes não serem os mesmos, complementavam-se e garantiram a estrutura e suporte da manutenção do projeto imperial à Época Moderna<sup>23</sup>. As redes estabelecidas pelos indivíduos migrados, entre o local e o central, com a nova zona habitada e a metrópole, eram pilares de sustentação do Império, assim como de suas políticas territoriais e económicas. A Coroa portuguesa moldava as suas políticas conforme as necessidades locais e a necessidade da economia colonial, considerando o poder dos diferentes territórios em relação ao centro de poder<sup>24</sup>. É neste contexto que decorrem alguns recrutamentos militares feitos nas ilhas dos Açores com destino ao Brasil. A movimentação de açorianos, principalmente do sexo masculino em idade ativa, para o exercício militar, assumiu contornos de uma verdadeira emigração, com características singulares que condicionaram o movimento natural dos ilhéus. Os seus efeitos refletiram-se na estrutura demográfica e socioeconómica do arquipélago, por exemplo, com a falta de mão de obra masculina jovem. Por outro lado, a pressão demográfica em algumas ilhas refletia uma forte tensão e desigualdade sobre a posse e distribuição de terra. O arquipélago dos Açores, inserido num quadro global de ruralidade associado a um atraso estrutural da economia insular, compõe um cenário com poucas alternativas para absorver a mão de obra disponível<sup>25</sup>.

Com um ambiente geográfico pouco favorável, com uma complexa orografia, marcado pela ameaça de erupções vulcânicas que sucederam ciclicamente com frequentes manifestações de atividade sísmica, os açorianos desenvolveram a sua economia a partir da exploração da terra e dos recursos oferecidos pelo mar. Apesar das amplas pastagens de gado (bovinos, caprinos, suínos e ovinos), num quadro de economia familiar de subsistência, a proporção do consumo de carne na dieta alimentar foi sempre muito reduzida. O consumo de cereais foi fundamental na preparação do pão e do *bolo*, confeccionado com «farinha de milho com um pouco de mistura de farinha de trigo, escaldadas as farinhas sem fermento, cozido em fornos grandes»<sup>26</sup>. Salientar que, a dimensão do território insular e a

---

<sup>22</sup> LOBB, 1976.

<sup>23</sup> POLÓNIA, 2016, 2020; ANTUNES, POLÓNIA, 2019; BICALHO, 2007; KÜHN, 2009, 2012, 2017.

<sup>24</sup> HERZOG, 2015.

<sup>25</sup> ROCHA, RODRIGUES, 1991; RODRIGUES, ROCHA, 2008.

<sup>26</sup> AMORIM, 1992, 2002.

necessidade de ultrapassar as limitações impostas à exploração agrícola e ao desenvolvimento económico favoreceram a mobilidade de homens e mulheres açorianos que se deslocaram para o Brasil enquanto a Coroa portuguesa buscava consolidar a sua presença colonial.

### 3. IMIGRAÇÃO AÇORIANA COMO RECURSO IMPERIAL NA MODERNIDADE: ESTUDOS DE CASO DE AÇORIANOS ESTABELECIDOS NO RIO GRANDE DO SUL

Com base na reconstituição dos percursos de vida dos homens e mulheres açorianos que emigraram para a região de Pelotas, entre 1750 e 1830, apresentam-se alguns estudos de caso com a descrição biográfica de indivíduos que se fixaram e desempenharam um papel sociodiferencial na sociedade sul-rio-grandense.

O primeiro caso é o de João Simões Lopes, nascido a 16 de dezembro de 1779 na freguesia de Santa Engrácia em Lisboa e falecido com 73 anos a 12 de setembro de 1853 em Pelotas, Rio Grande do Sul. Filho de José Lopes e de Teresa Maria. A família surge na base de dados da ilha do Faial (paróquia de Castelo Branco) sediada no RGN, contudo não temos conhecimento de informações concretas, uma vez que nos registos paroquiais de Pelotas e de Rio Grande o casal é mencionado como natural de Lisboa. A hipótese que se levanta é de que algum dos membros, possivelmente a mãe, seria natural da ilha do Faial. Conhecemos ainda a existência do irmão Francisco, do qual não contamos de mais dados disponíveis. João Simões Lopes, chegando solteiro a Pelotas, buscou matrimónio como forma de enraizamento social, casando-se a 16 de julho de 1815 em Pelotas (Brasil) com Isabel Doroteia da Fontoura, nascida a 11 de janeiro de 1795 em Viamão (Rio Grande do Sul) e falecida com 46 anos a 26 junho de 1841 em Pelotas. Da união resultou o nascimento de 8 filhos, todos nascidos em Pelotas: um dos filhos, João Simões Lopes Júnior, nasceu a 1 de agosto 1817 e faleceu a 25 de outubro de 1893 em Pelotas com 76 anos, e foi agraciado pelo imperador D. Pedro II com o título de Visconde da Graça; sobre uma das filhas, Cândida Clara da Fontoura, temos a informação de que detinha o título de Baronesa de Jarau, provavelmente alcançado pelo casamento com Joaquim José Asumção, Barão de Jarau e charqueador da segunda e terceira geração, filho de pai homónimo, que também se dedicou à produção de charque nas primeiras décadas do século XIX.

Filho de José Lopes, João Simões Lopes foi um dos charqueadores que se dedicou a mais do que uma ocupação. João Simões Lopes foi um dos poucos saladeiros da primeira geração que garantiu sucessão familiar. Foi o principal

importador de sal nos anos de 1804, 1815 e entre 1834 e 1851<sup>27</sup>. Também ganhou o título de Comendador. Comerciante matriculado na Real Junta do Comércio do Rio de Janeiro, pede ao Reino, ainda em fins do século XVIII, que se crie uma alfândega no porto de Rio Grande, a fim de facilitar o comércio na região. Até aquele momento, toda embarcação que chegasse ou saísse de Rio Grande precisava passar pelo porto do Rio de Janeiro, que era responsável pelo controle aduaneiro<sup>28</sup>. Naquele momento, ele teve seu pedido negado, porém, já no início do século XIX, a alfândega foi criada. João Simões Lopes também possuía conexões com o Rio da Prata, no ano de 1819 apareceu em registo da Aduana de Montevideu. O português deveria pagar 1074 pesos de reis para a introdução de produtos no porto de Montevideu. Contudo o capitão-geral pediu para que fosse abonado esta dívida.<sup>29</sup> Lopes deixou de aplicar capital nas entradas marítimas e aplicou no consulado e no hospital. Não foi pago em moeda. Foi provavelmente em mercadoria, como espécie de caridade. A sua dívida com a Aduana foi negociada em troca de uma doação ao hospital, que provavelmente foi paga em mercadorias. Ainda Simões Lopes garantiu sucessão familiar, tendo o seu filho João Simões Lopes Júnior representado a sua família ao longo da segunda geração de charqueadores, recebendo o título de Visconde da Graça e tornando-se muito próximo da corte do então imperador D. Pedro II.

João Jacintho de Mendonça era filho de André Francisco Mendonça e de Maria Anunciada e irmão de Rita Carlota de Bettencourt e Mendonça (Dona), nascida a 7 de maio de 1798 na paróquia de Santa Luzia de Angra do Heroísmo (ilha Terceira), casada com Francisco Bettencourt Pereira e Melo. Estes tiveram 2 filhos, Teotónio e Carlota, nascidos na Horta (Faial). João Jacintho de Mendonça aparece mencionado nas fontes paroquiais de Pelotas e Rio Grande como natural de Santa Luzia nos Açores, na ilha Terceira. Casou com Florinda Luísa da Silva, natural de Rio Grande aos 22 dias de abril de 1816. O sogro, José Tomás da Silva, natural da Candelária, no Rio de Janeiro, também se dedicava à produção de charque neste mesmo momento em Pelotas. Este matrimónio, que gerou pelo menos 13 filhos, aponta para a importância das estratégias matrimoniais nesta região recém-povoada. Uma vez que estes indivíduos aumentavam a sua rede social e incentivavam o alargamento da sua influência na sociedade em que se inseriam. João Jacintho ainda tinha outro cunhado charqueador, Alexandre Vieira da Cunha. Este que, por sua vez, era filho de José Vieira da Cunha, um quarto charqueador que também atuou nas décadas acima mencionadas. Importante mencionar que uma peculiaridade dos charqueadores de Pelotas é

---

<sup>27</sup> BERUTE, 2011.

<sup>28</sup> AHU\_ACL\_CU\_019, CX. 3, D.237.

<sup>29</sup> AGNURG. *Archivo General Administrativo*, Aduana Libro Auxiliar de 1817, Libro 112.

que não possuíam juntas ou associações que os colocassem enquanto grupo ocupacional. Assim, as relações familiares que estabeleceram reproduziam os efeitos da sociedade económica e auxílio na produção e comercialização do produto. Deste modo, os registos matrimoniais e de batismos nesta comunidade são fontes relevantes para o estudo socioeconómico no contexto de migração.

O último caso apresentado é de Simão Pereira da Silva, natural da vila das Velas da ilha de São Jorge. Casou primeira vez com Mariana do Rosário, nascida na paróquia do Topo da mesma ilha e falecida no Rio Grande do Sul (Brasil). Tiveram 3 filhos, todos nascidos em Rio Grande do Sul: Custódio, Joaquina Rosa e Diogo Pereira Silva. Casou segunda vez a 23 de novembro de 1760 em Rio Grande com Ana Maria, nascida a 4 de abril de 1742 na paróquia de Cedros na ilha do Faial (Açores). Tiveram 12 filhos, aparentemente todos nascidos em Mostardas no Rio Grande do Sul. Segundo os dados disponíveis sabemos que alguns deles formaram família. Por exemplo, Luís Pereira da Silva, filho do segundo matrimónio, dedicou-se à produção de charque entre 1780 e 1830 em Pelotas, onde se casou duas vezes. A primeira com Ana Luísa de Jesus, natural de Rio Grande, e a segunda com Luísa Maria de Mostardas. Na globalidade, Simão Pereira da Silva teve 5 filhas, 3 do primeiro casamento e 2 do segundo.

## NOTAS FINAIS

O sul da América Portuguesa era um espaço propício para a composição de relações sociais. Um bom exemplo disso eram os vínculos constituídos por pais e padrinhos perante a pia batismal. A relação religiosa constituía um elemento estratégico de uniões sociais, de composição de alianças e laços de reciprocidade e solidariedade que poderiam auxiliar alguns indivíduos a garantirem maior influência na sociedade, principalmente, em locais em que não possuíam vínculos anteriores, como era o caso de Pelotas, região recém-povoada. A família espiritual, formada por laços de matrimónio e batismo, tinha tanta importância quanto a sanguínea. Nos primeiros momentos em Pelotas, o estabelecimento de vínculos familiares colaborou na consolidação social destes indivíduos, que possivelmente teve reflexo no desenvolvimento das suas redes económicas ou pelo menos no suporte delas.

O grupo de charqueadores ao longo do período em que desenvolveu a sua atividade em Pelotas, criou a «consciência de elite»<sup>30</sup>. O que significa que era um grupo consciente da sua influência e capacidade de persuasão entre o local e o central, entre Pelotas e o Rio de Janeiro, por exemplo. Era uma elite regional —

---

<sup>30</sup> VARGAS, 2013.

uma elite dentro da elite terratenente brasileira, que não disputava espaços com as principais elites brasileiras junto da corte, mas que garantia o seu lugar no poder e na administração local. Garantia nobilitação — com títulos de barões, viscondes, comendadores, patentes militares (como normal em regiões de fronteira) e sabia articular-se a partir dos seus interesses junto à corte, num período em que a diferença entre os interesses privados e públicos era muito ténue. Tratava-se de uma zona de fronteira que necessitava que os interesses públicos e privados estivessem minimamente alinhados para a manutenção do domínio territorial e garantia da administração de um Império tão vasto territorialmente.

A imigração para o Rio Grande de São Pedro possibilitou a estes indivíduos o ingresso em redes transimperiais e transatlânticas que os puseram em uma posição socioeconómica importante dentro das comunidades que se inseriam. A categoria de charqueador, referia-se à posse dos meios de produção do charque, contudo, para além disso, estes indivíduos tinham outros ofícios. Dificilmente se dedicaram exclusivamente a este ramo da pecuária. Além da produção de charque, paralelamente a extração do couro e do sebo enriqueciam a lista de géneros produzidos nas unidades saladeiras. Muito ligados ao comércio destas mercadorias, os agentes aqui estudados circulavam por mais de uma ocupação e faziam assim aumentar a sua influência assim como os montantes que as suas ocupações geravam.

Com o mapeamento de outros indivíduos que migraram dos Açores para a região de Pelotas e Rio Grande, porém, os indivíduos acima mencionados foram alguns dos que mais se destacaram ou tiveram mais desenvolvimento familiar no âmbito local. Os resultados demonstram que o uso de dados em encadeamento genealógico e colaborativo permite apoiar a historiografia existente, mas também enriquecê-la. O acompanhamento dos percursos de vida permitiu-nos conhecer e apresentar o contexto familiar e as trajetórias individuais dos emigrantes açorianos. A identificação de indivíduos e de casais que emigraram para o Brasil com o cruzamento sistemático dos dados proporcionados pelos registos paroquiais de Pelotas (Rio Grande do Sul) favoreceu a validação da informação, o aperfeiçoamento da análise de genealogias e relações de parentesco e permitiu aprofundar o estudo dos percursos dos migrantes desde o Reino e arquipélagos até à costa do Estado do Brasil. Considerando que conhecemos as naturalidades, idades, ocupações e destinos, podemos mapear o enraizamento territorial e socioeconómico junto à fronteira com o atual território uruguaio.

## FONTES

### Archivo General de la Nación – Uruguay

AGNURG. *Archivo General Administrativo*, Aduana Libro Auxiliar de 1817, Libro 112

### Arquivo da Diocese de Pelotas

ADP. 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º Livro de Batismos de Pelotas (1812- 847)

ADP. 1.º Livro de Casamento de Pelotas (1825-1844)

### Arquivo da Diocese de Rio Grande

ADRG. 5.º, 6.º, 7.º 8.º, 9.º Livro de Batismo de Rio Grande (1776-1810)

### Arquivo Histórico Ultramarino

AHU\_ACL\_CU\_019, CX. 3, D.237 (*Projeto Resgate*)

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Luiz Antônio (2005). *Memorial Açoriano: Genealogia do século XVIII – Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST Edições.
- AMORIM, Maria Norberta (1991). *Uma metodologia de reconstituição de paróquias*. «Boletim de la Asociación de Demografía Histórica». IX, 7-25.
- AMORIM, Maria Norberta (1992). *Evolução demográfica de três paróquias do Sul do Pico (1680-1980)*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- AMORIM, Maria Norberta (2002). *População e recursos básicos. As quatro ilhas do ex-distrito da Horta em finais do século XIX*. In *Colóquio o Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX: actas*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, pp. 175–205. [Consult. 16 jan. 2022]. Disponível em <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4348/1/população.pdf>>.
- ANTUNES, Cátia; POLÓNIA, Amélia (2019). *Afterword. Building a global world beyond empires*. In POLÓNIA, Amélia; ANTUNES, Cátia, ed. *Mechanisms of global empire building*. Porto: CITCEM; Afrontamento, pp. 175-179.
- BARROSO, Véra Lucia Maciel; BROCHADO, Suzana S.; TASSONI, Tatiani de Souza (2002). *Açorianos, proprietários de terras no Rio Grande do Sul 1770-1800 (Documentos Interessantes do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – códices F1229, F1230, F1231)*. In BARROSO, Véra Lucia Maciel, dir. *Açorianos no Brasil*. Porto Alegre: EST Edições.
- BARROSO, Véra Lucia Maciel; SILVA, Augusto Gomes (1993). *Presença açoriana em Santo Antônio da Patrulha e no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST Edições.
- BASES DE DADOS Paroquiais dos Açores. «RGN: Repositório Genealógico Nacional». [s.d.]. [Consult. 10 dez. 2022]. Disponível em <[www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)>.
- BERUTE, Gabriel S. (2011). *Atividades mercantis do Rio Grande de São Pedro: negócios, mercadorias e agentes mercantis (1808-1850)*. Porto Alegre: PPG-História da UFRGS. Tese de doutoramento.

- BICALHO, Maria Fernanda (2007). *Dos 'Estados Nacionais' ao 'sentido da colonização': história moderna e historiografia do Brasil colonial*. In ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca, orgs. *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 67-87.
- BRAGA, Reginaldo Gil (2011). *Folias do Divino, bandas e foguetórios em antigos povoados açorianos do Rio Grande do Sul (Brasil): transformando e reorganizando antigas tradições ou (re) inventando raízes baseadas em rotas atlânticas recentes*. «Revista Performa11-Encontros de Investigação em Performance-Portugal». [Consult. 2 fev. 2023]. Disponível em <<http://performa.web.ua.pt/pdf/actas2011/ReginaldoBraga.pdf>>.
- CAOP: *Carta Administrativa Oficial de Portugal*. 2012. [Consult. 28 dez. 2022]. Disponível em <<https://www.dgterritorio.gov.pt/cartografia/cartografia-tematica/caop>>.
- CARNEIRO, David (1938). *História da Guerra de Cisplatina*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.
- CORDEIRO, Carlos Alberto da Costa; MADEIRA, Artur Boavida (2003). *A emigração açoriana para o Brasil (1541-1820): uma leitura em torno dos interesses e vontades*. «ARQUIPÉLAGO. História». 2.ª Série. 7, 99-122.
- FORTES, General João Borges (1978). *Os Casais Açorianos. Presença lusa na formação do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor.
- GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes (2004). *Sonhos, desilusões e formas provisórias de existência: os Açorianos no Rio Grande de São Pedro*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio Sinos. Tese de doutoramento.
- GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya (2009). *Sítio charqueador pelotense*. In BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau, coord. geral. *História Geral do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Méritos Editora, pp. 231-256. Vol. 2: *Império*,
- HERZOG, Tamar (2015). *Frontiers of Possession. Spain and Portugal in Europe and the Americas*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- KÜHN, Fábio (1999). *A fronteira em movimento: relações luso-castelhanas na segunda metade do século XVIII*. «Estudos Ibero-Americanos. PUCRS». 25:2, 91-112.
- KÜHN, Fábio (2009). *Os homens do governador: Relações de parentesco e redes sociais no Continente do Rio Grande (1769-1780)*. In GUAZZELLI, César Augusto Barcellos; THOMPSON FLORES, Mariana Flores da Cunha; ÁVILA, Arthur Lima de, coord. *Fronteiras americanas: teoria e práticas de pesquisa*. Porto Alegre: Susani Letras & Vida.
- KÜHN, Fábio (2010). *As redes da distinção: familiares da Inquisição na América Portuguesa do século XVIII*. «Varia História». 26:43, 177-195.
- KÜHN, Fábio (2012). *Os interesses do governador: Luiz Garcia de Bivar e os negociantes da Colônia do Sacramento (1749-1760)*. «Topoi. Revista de História». 13:24, 29-42.
- KÜHN, Fábio (2017). *Conexões Negreiras: contrabandistas de escravos no Atlântico Sul (Rio da Prata, 1730-1752)*. «Anos 90». 24:45, 101-132.
- LAYTANO, Dante (1969). *Colonização açoriana no Rio Grande do Sul*. [Consult. 21 set. 2023]. Disponível em <[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2018-12/1544024482\\_500d80f57cf30fcd47a3cfac2c20bf21.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2018-12/1544024482_500d80f57cf30fcd47a3cfac2c20bf21.pdf)>.

- LOBB, C. Gary (1976). *The Sesmaria in Rio Grande do Sul: A Successful Frontier Institution, 1737-1823*. «Yearbook of the Association of Pacific Coast Geographers», 38: 49-63.
- MAESTRI FILHO, Mário José (1984). *O escravo no Rio Grande do Sul – A charqueada e a gênese do escravismo gaúcho*. Caixas do Sul, RS: EDUCS: Editora da Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre: EST Edições.
- NETO, Helena Brum; BEZZI, Meri Lourdes (2008). *Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha*. «Sociedade & Natureza». 20:2, 135-155.
- NOGUEIRA, Gabriel Parente (2021). *Às margens do Império: a pecuária das carnes salgadas e o comércio nos portos da porção oriental da costa leste-oeste da América portuguesa nas dinâmicas de um império em movimento (século XVIII)*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Tese de doutoramento.
- PEDREIRA, Jorge M. (2001). *Brasil, Fronteira de Portugal. Negócio, Emigração e Mobilidade Social (séculos XVII e XVIII)*. «Do Brasil à Metrópole. Efeitos sociais». 8, 47-72.
- POLÓNIA, Amélia (2016). *Novas perspectivas sobre a História da Expansão Portuguesa – Estado versus indivíduos na construção do Império marítimo português*. In *Memórias 2015*. Lisboa: Academia da Marinha, pp. 289-307.
- POLÓNIA, Amélia (2020). *Redes formais e informais de trocas técnicas científicas e culturais no Estado da Índia (séculos XVI – XVIII)*. In RODRIGUES, Vítor Gaspar; AVELAR, Ana Paula, coord. . *Os Portugueses e a Ásia Marítima: trocas científicas, técnicas e sócio-culturais (séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Academia de Marinha, pp. 145-158.
- POLÓNIA, Amélia; ANTUNES, Cátia (2019). *Introduction. Mechanisms of Global Empire Building*. In POLÓNIA, Amélia; ANTUNES, Cátia, ed. *Mechanisms of global empire building*. Porto: CITCEM; Afrontamento, pp. 5-10.
- PRADO, Fabrício Pereira (2003). *Colônia do Sacramento: a situação na fronteira platina no século XVIII*. «Horizontes Antropológicos». 9:19, 79-104.
- RAMIREZ, Hugo (2005). *Paradigmas da Açorianidade no Rio Grande do Sul: a obra pioneira dos lusodescendentes*. Porto Alegre: Caravela.
- ROCHA, Gilberta Pavão Nunes; RODRIGUES, Vítor Luís Gaspar (1991). *Contributo para o estudo da população dos Açores nos finais do séc. XVIII*. In *Actas do III Colóquio Internacional – Os Açores e o Atlântico*. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira, vol. II, pp. 53-99.
- RODRIGUES, José Damião (2002). *Entre duas margens: a circulação atlântica dos açorianos nos séculos XVII e XVIII*. «ARQUIPÉLAGO. História». 2.ª Série. 6, 225-245.
- RODRIGUES, José Damião; MADEIRA, Artur Boavida (2003). *Rivalidades imperiais e emigração: os açorianos no Maranhão e no Pará nos séculos XVII e XVIII*. «Anais de História de Além-Mar. IV, 247-263.
- RODRIGUES, José Damião; ROCHA, Gilberta Pavão Nunes (2008). *A emigração açoriana para o Brasil: ritmos e destinos*. In MATOS, Maria Izilda S. de; SOUSA, Fernando de; HECKER, Alexandre, eds. *Deslocamentos e história: os Portugueses*. Bauru, SP: EDUSC, pp. 245-258.
- ROSA, Cibele Caroline da (2018). *Arranchar-se do outro lado do Atlântico: açorianos na freguesia de Taquari (sul da América portuguesa, 1750-1800)*. «AEDOS». 10:22, 106-124..

- ROSA, Cibele Caroline da (2019). *Nas lentes do microscópio: estratégias de inserção socioeconômica de migrantes açorianos no sul da América portuguesa a partir da trajetória do casal Simões Pires (Rio Pardo, segunda metade do século XVIII)*. In KARSBURG, Alexandre; VENDRAME, Maíra Inês, dir. *Variações da Micro-História no Brasil: temas, abordagens e desafios*. São Leopoldo: Oikos, pp. 11-26.
- ROSA, Cibele Caroline da; BARDEN, Júlia Elisabete; LAROQUE, Luís F. Silva (2018). *Patrimônio, memória e identidade: estudo de caso do terno de reis entre descendentes de açorianos no vale do Taquari, Rio Grande do Sul/Brasil*. «Revista Outras Fronteiras». 5:1, 123-137.
- ROSA, Letícia Vieira Braga da; SCHEMES, Claudia (2013). *A colonização açoriana e a fundação de San Carlos*. «Revista Digital Estudios Historicos». 11 (dez.). Disponível em <<http://www.estudioshistoricos.org/11/art16.pdf>>.
- SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de (2003). *Na encruzilhada do império: hierarquia social e conjunturas econômicas no Rio de Janeiro (c. 1650-c.1750)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- SCOTT, Ana Sílvia; BERUTE, Gabriel Santos; MATOS, Paulo Teodoro (2014). *Gentes das Ilhas. Trajetórias transatlânticas dos Açores ao Rio Grande de São Pedro entre as décadas de 1740 a 1790*. São Leopoldo: Oikos Editora.
- SILVA, Cleidirose da; LAROQUE, Luís Fernando da Silva; MACHADO, Neli Teresinha Galarce (2017). *Tradições Culturais Açorianas e de Seus Descendentes na Região Vale do Taquari, Rio Grande Do Sul/Brasil*. «Revista Destaques Acadêmicos», 9:2, 185-205.
- THOMPSON FLORES, Mariana F. da C. (2012). *Crimes de fronteira: a criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889)*. Porto Alegre: PUCRS.
- TORRES, Luiz Henrique (2004). *A Colonização Açoriana no Rio Grande do Sul (1752-63)*. «Biblos». 16, 177-189.
- VALDEZ, Luísa C. (2018). *Desertores portugueses no Rio Grande de São Pedro Espanhol: Análise de casos em uma região de fronteira (1763-1776)*. In OLIVEIRA, Carmen Margarida et al., orgs. *Anais do VII Encontro Internacional de História Colonial*. Mossoró, RN: EDUERN, pp. 25-42.
- VARGAS, Jonas Moreira (2013). *“Pelos margens do Atlântico”: um estudo sobre elites locais e regionais no Brasil a partir das famílias proprietárias de charqueadas em Pelotas, Rio Grande do Sul (século XIX)*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ. Tese de doutoramento.
- VIEIRA JUNIOR, Antônio Otaviano (2009). *De Família, Charque e Inquisição se fez a trajetória dos Pinto Martins (1749-1824)*. «Anos 90». 16:30, 187-214.
- WIEDERSPAHN, Henrique Oscar (1979). *A colonização açoriana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Instituto Cultural Português.



# ALÉM DE GIL VICENTE: REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS, ARTÍSTICAS E POPULARES SOBRE OS CIGANOS PORTUGUESES DA ÉPOCA MODERNA

FRANCISCO MANGAS\*

**Resumo:** O *Auto das Ciganas* de Gil Vicente apresenta-se como um texto-chave na historiografia sobre os ciganos portugueses durante a *Época Moderna*. Nesse texto, do início de Quinhentos, codificam-se abundantes imagens e preconceitos que os acompanhariam ao longo dos séculos seguintes, de convivência com uma sociedade dominante que lhes era, não raras vezes, hostil. Muitas das representações subsistem na sociedade portuguesa contemporânea: importa analisar as suas raízes históricas. A tal se propõe este texto, resultado de um trabalho de investigação em curso que tem procurado compilar e analisar referências a ciganos em fontes literárias e artísticas portuguesas dos séculos XVI a XVIII. Procurar-se-á, assim, alargar o campo de análise para além das conhecidas páginas vicentinas, englobando-as num conjunto mais amplo. A partir desta metodologia, centrada na mobilização de novos textos, numa cronologia ampla, pretende-se apreender permanências e mutações e, de igual modo, caracterizar as principais ideias-chave construídas em relação à minoria cigana no Portugal da *Época Moderna*.

**Palavras-chave:** Ciganos/Roma; representações; *Época Moderna*.

**Abstract:** Gil Vicente's *Auto das Ciganas* is a crucial text in the study of Portuguese gypsies during the *Early Modern Period*. Written in the early 1500s, it encapsulates numerous depictions and prejudices against the Roma, which persisted throughout centuries of their coexistence with a frequently hostile society. Many of these representations continue to exist in contemporary Portuguese society, emphasizing the importance of understanding their historical origins. This paper aims to accomplish just that, presenting the findings of an ongoing research project that aims to gather and identify references to gypsies in Portuguese literature and art from the 16<sup>th</sup> to the 18<sup>th</sup> centuries. By expanding the scope of analysis beyond the well-known works of Vicente, this study seeks to provide a more comprehensive understanding. Through this approach, which involves the examination of new texts within a broader timeframe, the paper aims to explore both continuity and change while examining the dominant society's perceptions constructed about the Portuguese Gypsy minority during the *Early Modern era*.

**Keywords:** Gypsies/Roma; representations; *Early Modern Period*.

---

\* CITCEM/FLUP. Doutorando em História com Bolsa de Doutoramento FCT financiada pelo orçamento português e pelo orçamento comunitário através do Fundo Social Europeu (ref. SFRH/BD/146914/2019). Uma primeira versão do texto foi apresentada no *VII Encontro de Jovens Investigadores em História Moderna* (22-24 de setembro de 2021). O autor agradece os comentários e questões aí colocadas, bem como as anotações e correções resultantes do processo de avaliação por pares a que o artigo foi submetido. Email: franciscodmangas@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

No poema *Tu gitana que adeuinas*, composição musical renascentista preservada no *Cancioneiro de Elvas*, a figura de etnia cigana que o intitula não passa de um artifício secundário. O centro narrativo é colocado no sujeito poético (não cigano, deduz-se) que a ela se dirige buscando conselho sobre uma vida marcada por «venturas», mas também por um inexorável caminho para a última delas — a morte, a única que temia e da qual não conseguiria fugir<sup>1</sup>. Este vilancico é, pois, um caso clássico da forma como os indivíduos de etnia cigana foram representados em manifestações culturais ibéricas, nomeadamente portuguesas, da Época Moderna: uma exotização em torno de características diferenciadoras face à sociedade maioritária (como a leitura da sina, o futuro adivinhado no *Cancioneiro*) e um relevo acentuado colocado nas mulheres ciganas. Neste texto, procura-se recolher e interpretar algumas destas manifestações durante o Portugal da Época Moderna. Olhares de pormenor são impossibilitados pela cronologia longa adotada, mas espera-se perceber eventuais alterações nas perceções em relação à minoria étnica, ao longo do tempo.

Questionamentos deste tipo estão ainda por fazer para o caso português, mas são recorrentes noutras geografias. Relevo particular para os trabalhos de David Mayall em torno da construção das «identidades» ciganas inglesas. Uma edificação feita pelos *outros*, com recurso a imagens e reações ambíguas e contraditórias<sup>2</sup>. Esses processos de construção identitária extravasam, em muito, o mero conjunto das imagens fabricadas nos contextos da cultura letrada ou das manifestações populares. Contudo, a recolha e a tipificação de alguns destes elementos — como aqui se propõe — é um passo necessário para uma melhor perceção do passado histórico deste grupo étnico e das incompreensões e preconceitos que ainda hoje, por vezes, sofre.

## IMAGENS COINCIDENTES: SÉCULOS XVI-XVIII

Um ponto de partida incontornável é o de Gil Vicente, nomeadamente o seu *Auto ou Farsa de umas Ciganas*, representado em Évora, perante a corte, em 1521 ou 1525. *As Martas de Dom Jerónimo*, poema compilado no *Cancioneiro Geral*, provavelmente encerra a primeira referência literária à minoria, em língua portuguesa, mas os versos em que um homem se queixa de ter sido enganado por um «Çigvano» ou uma feiticeira (as martas com que adornava os braços pareciam,

---

<sup>1</sup> *Cancioneiro de Elvas*, [s.d.]: fls. 61v-62.

<sup>2</sup> MAYALL, 2004: VII.

afinal, serem feitas de pele de toupeira<sup>3</sup>) empalidecem quando comparados com a complexidade da «comédia» vicentina. O texto é de grande precocidade no contexto ibérico, colocando personagens de etnia cigana no centro da ação cerca de 100 anos após a entrada na Península de conjuntos de pessoas que viriam a constituir as comunidades *Calón* (documentada a partir de 1425, no seu extremo pirenaico<sup>4</sup>). Em Portugal, os contornos da chegada e instalação destas primeiras comunidades são ainda nebulosos, mas a sua presença e contactos com a restante população seriam já continuados e intensos nestes inícios de Quinhentos. Isso se depreende da maneira como Vicente introduz, sem contextualizar, elementos tradicionais do modo de vida e cultura ciganos, como a leitura da sina ou a venda de cavalos e outros quadrúpedes. A forma como codifica o modo de falar das personagens Roma mostra bem como estas características a elas associadas estavam já difundidas e estereotipadas<sup>5</sup>.

Para além do *Auto das Ciganas*, encontram-se referências mais subtis no *Auto da Lusitânia*, representado cerca de uma década após as *Ciganas*, em 1532, e no *Auto da Festa*, atribuído a Vicente mas de datação dúbia. A *Lusitânia* é por si só notável (numa perspetiva de história social) pela sua cena de abertura, na qual uma família apresentada como judaica encena cenas do seu quotidiano. Também eles assistem à representação do casamento entre *Lusitânia* e o cavaleiro *Portugal*. É significativa a plateia que presencia este matrimónio que, metaforicamente, simboliza o Reino. Especialistas na obra de Gil Vicente notam o «carácter fusional» do texto<sup>6</sup>: neste Portugal ficcional judeus e cristãos convivem, namoram, trocam elogios. Num outro Portugal, o real, o Tribunal do Santo Ofício estava a poucos anos de ser fundado<sup>7</sup>.

É este o contexto em que se insere a entrada em cena de *Vénus e Verecinta*, as «dieras de Grécia e Egipto» que vêm assistir à boda e convencem *Lusitânia* a não se desencantar de *Portugal*. Ora, estas duas deusas falam exatamente da mesma forma que outras mulheres ciganas vicentinas, misturando o castelhano e o português e dando uso a um *ceceo* característico<sup>8</sup>. Bem enquadradas no estereótipo que

---

3 SORIA, 2015: 103. Uma trova de Afonso Valente, também incluída no *Cancioneiro Geral*, tem sido lida como referenciando uma mulher cigana, mas a interpretação é mais dúbia (RAMOS, 2003: 64).

4 MARTÍN SÁNCHEZ, 2018: 19. *Calón* é a designação atribuída aos grupos ciganos ibéricos ou que a partir dessa geografia se espalharam para outras regiões do mundo. Roma, outro conceito utilizado neste texto, estabeleceu-se como uma designação mais generalista, englobando diferentes realidades étnicas e geográficas. O termo cigano, dominante nas fontes dos séculos XVI a XVIII, será, aqui, o utilizado maioritariamente.

5 SALES, 2005; RAMOS, 2003: 71-73.

6 ABREU, 2010.

7 António José Saraiva e Óscar Lopes notam como a cena inicial do *Auto da Lusitânia* de Gil Vicente, centrada em torno de uma família judaica, «sem deformação caricatural ou polémica aparente», provavelmente não poderia ter lugar algumas décadas depois, mesmo não esquecendo estes autores todos os «preconceitos correntes» contra os judeus que o dramaturgo transpõe para outros textos seus amplamente conhecidos (1989: 201).

8 TEYSSIER, 2005: 308.

se solidifica neste e noutros textos literários em relação às mulheres Roma, *Vénus* e *Verecinta* são festivas e ruidosas. Nessa celebração vicentina de um Portugal tolerante, os ciganos marcam a sua presença, ainda que apenas simbólica.

No retrato sobressai o exagero que transforma as quatro mulheres ciganas protagonistas em alvo de riso e chacota. Quando uma delas, Martina, pede a um dos homens que as acompanhavam para cessar os embustes prestes a encetar, ele pergunta-lhe: «Mas então o que queres que façamos?», como se a sua existência e dos ciganos que ele personifica se resumisse a ludibriar os outros. A isso Martina responde: «Cantemos a festa»<sup>9</sup>. Num outro texto vicentino, o *Auto da Festa*, as duas mulheres ciganas aí presentes de novo se confrontam com o mesmo dilema a que o autor as parece querer cingir: roubar ou bailar<sup>10</sup>?

Gil Vicente resolve a dicotomia fazendo do baile e da música uma distração usada pelas ciganas para o engano. No Portugal da Época Moderna será quase sempre nesses dois campos que as perceções da sociedade maioritária os colocam. Uma dimensão expressiva relaciona-se com as manifestações registadas nos contextos de grandes festividades urbanas. A prática de incluir personagens ciganas em procissões e outro tipo de ritos comunais estendeu-se na cronologia, como se depreende das críticas dirigidas, já em 1762, aos que, nesse tempo, levavam nas procissões e «introduziam nos Templos» «danças de ciganas e de mulheres impúdicas»<sup>11</sup>. A crítica não deve ser lida como dirigida apenas e diretamente a este grupo étnico, mas a uma mistura entre o sagrado e o profano vista como excessiva. Aliás, em muitos dos casos, nem os homens nem as mulheres Roma integram as *danças*. Está-se na presença de apropriações que os usam para realçar o exótico e o excêntrico. As pescadeiras e as vendedoras de fruta de Lisboa, que em 1552 se vestiram e dançaram à maneira de ciganas<sup>12</sup>, assumiam uma personagem, contemporizando os objetivos de proporcionar aos que assistiam a espetacularidade do *diferente*, com a evasão do quotidiano destes atores e figurantes populares. A sua «novidade» não estaria, é claro, numa representação fiel das vivências do grupo étnico, mas sim na «variedade e graça de custosos vestidos e na riqueza de cadeas e outras peças de ouro que ajuntaram sobre suas grandes trunfas»<sup>13</sup>.

Se as «danças de ciganas», «fazendo esvoaçar um lenço» (como as descreve um relato de 1571<sup>14</sup>), estão bem documentadas, mais raras são as referências que

<sup>9</sup> VICENTE, [s.d.]a: vv. 46-49.

<sup>10</sup> VICENTE, [s.d.]b: vv. 156-159. *Vd.* também RAMOS, 2003: 73.

<sup>11</sup> BERNARDES, 1762: 143.

<sup>12</sup> *Lembrança das festas q. se fizeram em Lxba ao recebimento do Principe Dom João [...] apud* LIVERMORE, 1984: 19.

<sup>13</sup> Como se lê na descrição das *danças de ciganas* ocorridas aquando da trasladação de Frei Bartolomeu dos Mártires, nos inícios do século XVII (SOUSA, 1984: 758). Agradece-se à Doutora Paula Almeida Mendes a partilha desta referência.

<sup>14</sup> *Viagem do Cardeal Alexandrino apud* HERCULANO, 1884: 52-53.

nos afastam deste tipo de apoderamentos e nos aproximam da participação direta por parte de indivíduos de etnia cigana. As referidas festas de Lisboa de 1552 — dedicadas ao *recebimento* da princesa Joana<sup>15</sup> — tornam-se, por isso, num momento notável para a história da presença *romani* em Portugal:

*Os Ciganos fizeram a historia de D. Cupido cõ hum carro triunfante de quatro cavallos que chamada Cleopatra e Alexandre Rey de Macedonia e sua mulher Taba, e Eneas Trojano vencido de Crasso, e Orfeo cõ hũa viola tangendo, dizendo o vilancette seguinte. Ven todos mi tormentom y quien libre está de amor, escarmiente mi doloros leuevão com elles hia hum Hercoles Thebano e Dalmira e Julio Cesar e a Ra. de Egito*<sup>16</sup>.

A figuração a deambular pelas ruas da cidade insere-se no cunho de retorno à cultura clássica com que estas festividades<sup>17</sup> se vão revestindo. O quadro que apresentam (ou o que os fizeram apresentar) coloca-os num contexto de tormentos e de amores desafortunados. A essa imagem também a sociedade maioritária os querera aderir, tendo em Portugal outras expressões, evidentes no vilancico e abertura deste texto. Contudo, não deixa de ser de monta a forma como são inseridos no cortejo, entre os pedreiros, os carpinteiros e os alfaiates de Lisboa.

A presença inusitada dos ciganos entre os mesteres da cidade torna-se mais clara no contexto dos diferentes movimentos migratórios que os trouxeram ao ocidente peninsular. Também exemplifica como estas fontes podem ajudar a aclarar as primeiras décadas de vivência dos ciganos ibéricos, esparsamente documentadas. Um primeiro fluxo, nos inícios do século XV, originou grupos classificados como «egiptanos» ou «egipcianos»; uma onda mais tardia, apresenta-os como chegados da Grécia<sup>18</sup>. Veja-se: em 1555, anos depois da chegada da princesa Joana, pediam os «grecianos de Lisboa» privilégio para poderem continuar na cidade sem incómodo, apesar da legislação que contra os ciganos se ia erigindo. Esse conceito em que outros os queriam sitiar a eles não se aplicaria e a Coroa avaliza o pedido, embora não se pronuncie sobre o argumento central dos requerentes. A petição havia sido endereçada por um conjunto de homens, entre eles «mestres», com probabilidade ligados ao trabalho do ferro em que este grupo étnico se notabilizou<sup>19</sup>. Talvez seja esse o elo entre os ciganos vestidos como personagens do mundo antigo e os outros grupos de mesterais, em 1552.

---

<sup>15</sup> O contexto mais amplo destas festividades em torno da chegada da princesa castelhana pode ser lido em BUESCU, 2010: 43-45.

<sup>16</sup> *Lembrança das festas [...] apud* LIVERMORE, 1984: 18.

<sup>17</sup> BUESCU, 2010: 43.

<sup>18</sup> GONZALEZ ARPIDE, RODRIGUEZ VALVERDE, 1988: 144; MARTÍN SÁNCHEZ, 2018: 14-21.

<sup>19</sup> ANTT. *Chancelaria Régia, Chancelaria de D. João III, Privilégios*, liv. 5, fl. 129. [3 set. 1555].

O conceito de «cigano» parece, pois, ainda em construção nos inícios da modernidade. O *Livro de Duarte Barbosa* serve de exemplo. Os ciganos surgem, com alguma frequência, em textos de «literatura de viagens» como este. Os autores sublinham o que consideram ser características distintivas destas comunidades, transformando-as em termos de comparação. É significativo que isso seja feito já em 1515 ou 1516 — datas em que se assume ter sido composto este relato. No início do século XVI, o novo conceito era já amplamente conhecido, permitindo ao autor utilizá-lo para tornar inteligíveis aos seus leitores as populações que encontrava no reino de Deli. Este trabalho encerra ainda a particularidade de ter sofrido edições sucessivas ao longo de Quinhentos. Foram sistematizadas na seguinte tabela:

**Tabela 1.** Versões de *Duarte Barbosa* no século XVI<sup>20</sup>

Versão	Datação crítica	Texto
BNP	1539	E andam sempre pelas portas dos reis e grandes senhores e, pola maior parte, muito juntos, assi como andam os <b>egeciamos</b> em nossas partes, e não estão em nenhũa terra senão muito poucos dias
BNP	c. 1542	hamdand sempre polla major parte sempre juntos asy como andam hos <b>gytanos</b> polla Heropa
Biblioteca Universidade de Barcelona	1524	y van muchos juntos asy como los <b>egyçianos</b>
Biblioteca Casa de Cadaval	séc. XVI, sem datação precisa	andão estes polla maior parte iuntos como os <b>egiptanos</b> em nossas partes
BNP	2.ª metade do séc. XVI	andão estes pella mayor parte juntos da maneira que amdão os <b>agitanos</b> em nosas partes
ANTT	2.ª metade do séc. XVI	andão polla mayor parte mujtos juntos asy como andão os <b>çiguanos</b> em nosas partes

No *Livro de Duarte Barbosa*, é a mobilidade das comunidades ciganas o termo de comparação: os jogues de Deli não ficavam em cada terra mais do que um dia, «assim como andavam os egicianos em nossas partes». Cerca de um século depois, na *Peregrinação*, esta ideia de movimento em grupo a eles associada volta a ser repetida — Mendes Pinto usa os ciganos para descrever os pere-

<sup>20</sup> Elaborado a partir da edição de Maria Augusta da Veiga e Sousa do *Livro de Duarte Barbosa* (1996).

grinos que afluíam ao templo de Tinagógó<sup>21</sup>. Não se conhece o paradeiro da versão original do *Livro*, mas as diversas versões que se conhecem para o século XVI mostram como o conceito estava ainda indefinido, embora convergindo para o termo «cigano».

A etimologia revela, na verdade, uma outra imagem persistente em relação aos Roma portugueses da Época Moderna — a sua hipotética ligação ao Egito. O avanço dos estudos sobre estas populações acabaria por situar as suas origens no norte do subcontinente indiano e na longa migração em direção ao ocidente da Península Ibérica<sup>22</sup>. Muitas têm sido as razões apontadas para a persistência da ideia da origem egípcia dos ciganos<sup>23</sup>; as suas manifestações chegaram, em Portugal, quase aos nossos dias. São patentes nos episódios de Natividade representados no Baixo Alentejo, colocando personagens ciganas em adoração ao Menino Jesus<sup>24</sup>. Também nos muitos «vilancicos ciganos», representados na Capela Real ou noutros espaços cortesãos por alturas do Natal ou Dia de Reis, nos quais mulheres ciganas acorrem ao *presépio*<sup>25</sup>.

Pintores do Maneirismo e do Barroco como Diogo Teixeira, Simão Rodrigues, Josefa de Óbidos, entre outros<sup>26</sup>, retrataram este episódio da *Fuga para o Egito*, enquadrando a Sagrada Família num mosaico de mulheres ciganas. Surgem em posição de reverência, mas também de apoio, numa simbiose fabricada entre aqueles obrigados à errância. Embora tema apropriado por alguns dos mais importantes pintores portugueses do seu tempo, o exotismo do conjunto não deixou de causar perplexidade a alguns observadores. Comentando as imagens sacras do Convento de Vila Longa, Agostinho de Santa Maria sublinha o «singular» do que viu:

*forraráõ a Capella de bordo entalhado para se dourar, & mandaraõ fazer a Bento Coelho, insigne pintor destes tempos, hum quadro ao mesmo mysterio do Desterro, cousa singular com muitas siganas, que festejavão o Menino, & muitos Anjos com flores, & frutas*<sup>27</sup>.

---

<sup>21</sup> PINTO, 1953: 198.

<sup>22</sup> FRASER, 2007: 33-60.

<sup>23</sup> Alguns autores interpretam esta classificação de «egípcios» ou «egipcianos» como uma referência à passagem mais demorada de grupos ciganos pelo «Pequeno Egito», no Peloponeso. A menção a um passado no norte de África (porque, com frequência, são também associados ao Egito faraónico) é difundida pelos próprios como justificação para a peregrinação que diziam encetar pela Europa. Esse passado mitificado no Médio Oriente é a base para o surgimento de personagens ciganas ao lado da Sagrada Família.

<sup>24</sup> *Vd.* CARVALHO, 1999: 23-54; ABELHO, 1973: 110-111. A mesma temática, que coloca homens e mulheres de etnia cigana em Belém, na Palestina, ou no Egito, foi frequente, também, em textos castelhanos, alguns deles do século XVI (LOZANO, 2007: 287-293).

<sup>25</sup> NERY, 1996; LOPES, 2014: 88; TINHORÃO, 2019: 177-179.

<sup>26</sup> SERRÃO, 2017.

<sup>27</sup> SANTA MARIA, 1707: 441-442.

Em todas as representações deste tipo, a etnicidade expõe-se pela forma como as personagens surgem vestidas, em particular a forma como escondem o cabelo. «As mulheres deste lugar del guiso todas andam em gargamta asy velhas como moças toucadas a modo de ciganas», lê-se num relato da viagem que levou, em 1543, a infanta D. Maria a Medina del Campo<sup>28</sup>. Torna-se evidente que esta era, desde cedo, uma característica distintiva e identificadora atribuída aos ciganos. Não por acaso, a legislação portuguesa dos séculos XVI a XVIII contra este grupo étnico fará da abolição do seu traje característico um ponto mais do que uma vez reforçado. Este contexto repressivo não deve ser esquecido. É pano de fundo durante todo o período em análise. Quando os ciganos de Lisboa representavam a «história de Cleópatra e Alexandre», em 1552, estavam a fazê-lo perante o monarca que dera início a uma política contrária à sua presença no Reino. Vítor Serrão, historiador da arte que estudou as representações do episódio do Desterro e as figuras que aí se vislumbram, afirma serem exemplo de uma «visão humanista» que a sociedade do tempo também soube esboçar em relação à minoria étnica<sup>29</sup>. Se indiscutivelmente assim é, não passou de um caso excepcional. Como em Gil Vicente, mais força e continuidade tiveram as imagens que os apresentavam como embusteiros e ladrões. O «retrato negativo» projeta-se mesmo nestes momentos «ecuménicos» em torno da Natividade ou do Desterro: num vilancico executado perante o rei, em 1701, as ciganas aproximam-se «pela sombra», só assim «tuvieron franca la entrada»<sup>30</sup>.

O caso português nada tem de excepcional no contexto europeu. Os ciganos cedo ficaram presos a esta dualidade de imagens, a uma identidade estabelecida por outros, que os coloca quase sempre sob uma luz negativa<sup>31</sup>. Eram, afinal, habitantes do mundo subterrâneo onde se reuniam «bárbaros, judeus e outros» — por isso «aparecem e desaparecem», à maneira das «formigas no brasil»<sup>32</sup>. Os artifícios são metafóricos. A *Arte de Furtar* é disso um exemplo. Para além das páginas que dedica, em concreto, ao que considerava ser o «problema» da presença *romani* em Portugal, Padre António Vieira, o pseudónimo usado pelo autor deste texto setecentista, elabora, numa das várias alegorias com que compõe a obra, uma crítica sub-reptícia a estas mulheres e homens. É a história de um alfaiate algarvio, pai que dotou as filhas percorrendo em sua companhia e dos futuros genros o país, buscando esmola junto de «Cameras, e Cabidos, Nobreza, e póvos, por onde passava». A empreitada revelou-se bem-sucedida:

---

<sup>28</sup> *Diario da jornada da Infanta D. Maria apud* SOUSA, 1744: 136.

<sup>29</sup> SERRÃO, 2017.

<sup>30</sup> *Villancicos que se cantaram na Cappella Real do muy alto, e muy poderoso Rey D. Pedro II. N. Senhor nas matinas, & festa do Reyes*, 1701: 7.

<sup>31</sup> MAYALL, 1997: 71.

<sup>32</sup> SANTA RITA, 1762: 371-372.

*E depois de correrem assim o Reyno quasi todo pela pósta, achouse o senhor Conde de Siganos no fim da jornada com mais de tres mil cruzados grangeados por esta arte*<sup>33</sup>.

Os recursos usados nesta descrição são significativos. Para além de elementos mais óbvios, como os do nomadismo, note-se o subterfúgio usado por este alfaiate ficcional para cair nas boas graças daqueles a quem pedia esmola: fingindo-se de nobre, náufrago no regresso da Índia. Ora, já Gil Vicente atribuía às ciganas do seu *Auto* uma nobreza «perdida»<sup>34</sup>; documentados para toda a Europa ocidental estão os salvos-condutos atribuídos aos primeiros grupos de ciganos que percorriam as suas estradas, geralmente dirigidos a um «conde» ou «duque»<sup>35</sup>, como se as estruturas hierárquicas em que estas comunidades se organizavam mimetizassem a ordem social com que se deparavam. Esta imagem parece, pois, ter circulado e subsistido pelo menos até à Restauração, como se o «conde de ciganos» mostrasse a manutenção da memória do passado de grupos de Roma liderados por estes homens com títulos nobiliárquicos.

O jogo de palavras em torno do apelido viria a ser utilizado noutros textos. É o caso das *Boas Festas* cantadas por um Pantalião Siganos enquanto pede esmola aos amigos, sendo por todos rejeitado<sup>36</sup>. O texto nada nos diz sobre a etnia da personagem. O apelido que a acompanha serve para reforçar a repulsa face a este homem andrajoso e pobre, expressando preconceitos correntes contra os que andavam «vagando de huma porta em outra porta»<sup>37</sup>. O século XVIII em que o texto se situa é rico em personagens de etnia cigana, num caminho que culminaria, já na transição para a contemporaneidade, em *O Piolho Viajante*. Antes da chegada a esse destino, importará conhecer essas outras imagens em circulação. Em Setecentos, sobretudo nos seus dois últimos quartéis, modelos literários então em voga — como os entremezes e outro «teatro de cordel» — usam tipos sociais com características exacerbadas para reforço do burlesco das situações que retratam. São os homens de descendência africana, os galegos ou, mais discretamente, os ciganos a servir de pretexto a uma comicidade «descomprometida e chula», de crítica social «chocarreira»<sup>38</sup>.

Em *A Siganinha*, entremez representado em 1794, retoma-se um tema frequente nestas manifestações: os velhos galanteadores ou incapazes de compreenderem os «novos tempos». A personagem que dá título à representação

---

<sup>33</sup> VIEIRA, 1744: 377-378.

<sup>34</sup> VICENTE, [s.d.]a: 57-60.

<sup>35</sup> MARTÍN SÁNCHEZ, 2018: 19.

<sup>36</sup> *Boas festas para mandar aos amigos*: [...], 1784: 8.

<sup>37</sup> *Boas festas para mandar aos amigos*: [...], 1784: 16.

<sup>38</sup> TINHORÃO, 2019: 326.

é um brinquedo nas mãos dos filhos e genros do velho Maurício, embora no fim consiga a todos enganar. Pepa, a «ciganinha», é o elemento propositadamente excêntrico que entra na casa desta família lisboeta, contratada como «criada». Como as ciganas vicentinas, Pepa de Velasco e o seu marido, Pipo, misturam o português com o castelhano — os sotaques carregados divertiam as plateias populares da capital. Pepa também introduzia comicidade com os seus hábitos «estrangeiros»:

*Canto bien las Sigadilhas,  
Com muxo bonitas letras,  
Tambien danço el fandaguito*<sup>39</sup>.

A história de Pepa foi sendo revisitada, pois já em 1776 um outro entremez a reproduzia, com ligeiras nuances. A caracterização é diferente: sabemos que é espanhola de Toledo, mas quis vir «gozar» do Reino dos «Portuguezitos». Para além das suas «boas mãos» para bordar, sabia «cantar de Sigana»: essas eram as suas «qualidades»<sup>40</sup>. O desfecho é o mesmo da versão anterior. Nos fins da Época Moderna, os ciganos portugueses não estavam ainda libertos das perceções neles projetadas por Gil Vicente: dançar ou enganar? Outras destas pequenas peças teatrais usam personagens de etnia *romani* — sempre mulheres<sup>41</sup>. Exceção a este quadro geral encontra-se em *A Vingança da Cigana*, drama de António Leal Moreira, com libreto de Domingos Caldas Barbosa, estreado em 1794 no Teatro de São Carlos<sup>42</sup>. Aqui, ao invés de mera personagem desestabilizadora que abala uma estrutura romântica ou familiar preexistente, a personagem cigana (de novo, Pepa), contribui para a felicidade e para o sucesso amoroso de Camila, mulher rica (num contraste óbvio com a «casa pobre da cigana» que serve de cenário a uma das cenas), que com ela constrói uma amizade que atravessa as diferenças de grupo social:

*Pepa —  
Aqui me tens amiga  
Tu me mandas chamar, e eu to agradeço  
Convidar-me a um prazer, de que eu careço*<sup>43</sup>.

Um ponto de chegada pode ser encontrado n' *O Piolho Viajante*, obra que terá começado a ser escrita no final do século XVIII. Os ciganos são uma das

<sup>39</sup> Novo, e Gracioso Entremez, Intitulado A Sigainha ou o velho logrado pela sagacidade da criada, que por querer casar com ella ficou sem Filhas, sem noiva, e sem dinheiro, 1794: 7.

<sup>40</sup> Entremez Intitulado O Velho Peralta, 1776: 9. Sobre este texto, vd. BRAGA, 2015: 136.

<sup>41</sup> Por exemplo, Entremez das lingoas ou derrota de hum velho louco, 1772; Entremez do Esganarelo ou o Casamento por Força, 1794: 13.

<sup>42</sup> PAIVA, 2007: I, 66.

<sup>43</sup> Segue-se a edição crítica de Rejane Paiva (2007: II, 100).

peças desse mosaico de crítica social e de costumes. Não interessará olhar de forma demorada para o retrato que aí é feito — recupera o já visto para fontes anteriores<sup>44</sup>. Talvez mais importante seja realçar, mais uma vez, a obsessão que estes textos têm com a figura feminina cigana. De entre todas as «cabeças» por onde poderia passar, é na de uma mulher cigana, e não num homem, que este *Piolho* se instala. Dos sessenta e oito tipos sociais representados no texto, menos de dez são mulheres; dos quatro caracterizados pela sua origem étnica ou regional<sup>45</sup>, apenas a cigana é do sexo feminino.

Não será difícil perceber o interesse desmedido pela mulher no contexto das comunidades ciganas vistas à luz das perceções e preconceitos da sociedade dominante. Combinam um suposto exotismo das vestes e das práticas (como a leitura da sina) com modelos de vivência social e em grupo em confronto com os paradigmas vigentes. Desde Gil Vicente até este texto satírico, publicado nos inícios do século XIX, o que vemos são mulheres ciganas a liderar as suas comunidades e procurar ativamente a subsistência dos seus núcleos familiares<sup>46</sup>. O homem cigano «facilmente pode passar despercebido entre os não-Romà» e é na mulher que se «condensam os estereótipos»<sup>47</sup>. O *Piolho* é eloquente ao sublinhar essas características, falando-nos de uma cigana «abelha-mestra» de uma «companhia de ciganos e ciganas»<sup>48</sup>. É quase um outro mundo, um «mundo ao contrário» tão típico de algumas manifestações culturais da Época Moderna, o que aqui se vislumbra. Invertem-se os papéis quando em Gil Vicente as personagens ciganas femininas afastam os seus companheiros homens; essas mesmas figuras e uma feminilidade e exotismo a elas atribuídos e tantas vezes por outros e outras assumidos, apropriados e representados, engalanariam atos públicos e festividades religiosas. É uma dicotomia quase incompreensível aquela a que os ciganos são colocados neste tipo de fontes. De ladrões e trapaceiros profissionais a imagens de santidade, como se lê num vilancico representado na Capela Real, no Dia de Reis de 1673:

*Un Niño cara de Roza [Jesus]  
Hijo de una Niña Hermoza  
Que Gitánica pudiera ser*<sup>49</sup>.

<sup>44</sup> SILVA, [s.d.]: 164.

<sup>45</sup> De acordo com a caracterização de FERREIRA, 2019.

<sup>46</sup> Elemento que se encontra noutras manifestações, um pouco por toda a Europa (vd. SCHOLZ, 2014: 25-26; FERNÁNDEZ-ÁLVAREZ, 2002: 284-285).

<sup>47</sup> SORIA, 2015: 90.

<sup>48</sup> SILVA, [s.d.]: 162-164.

<sup>49</sup> *Villancicos, que se cantaram na Capella Real do muito alto, & muito poderoso Principe Dom Pedro Nosso Senhor nas Matinas, & Festa do Natal, 1673*: 6.

## CONCLUSÃO

Ir «além de Gil Vicente» cedo se erigiu como uma preocupação desta investigação. Como noutras dimensões da historiografia sobre os ciganos portugueses dos séculos XVI a XVIII, a figura tutelar do etnógrafo Adolfo Coelho e das fontes que publica (entre as quais um excerto do texto vicentino<sup>50</sup>) está ainda muito presente. Alargar o *corpus* documental foi, pois, uma prioridade. Na verdade, o *Auto das Ciganas* e o *Auto da Festa*, por onde personagens ciganas entram, pela primeira vez, na história da literatura portuguesa, estabelecem um quadro de representações que se manterá quase inalterado ao longo do amplo período em estudo. O imobilismo das imagens é, talvez, a grande conclusão: a preponderância do feminino, associada a elementos que procuram realçar aspetos exóticos; um enquadramento que se revela quase sempre negativo. Mais do que as vivências das comunidades ciganas do tempo, aqui vemos os preconceitos e o considerado *curioso* pela sociedade maioritária que com eles interagia. Também os seus medos e ansiedades<sup>51</sup>. As imagens e textos aqui trazidos convergem num mesmo sentido — o acentuar da alteridade cigana, como estrangeiros perdidos em terras estranhas, parafraseando uma passagem de Gil Vicente. Estes textos estabelecem, pois, continuidades com a política da Coroa durante este período: assimilar ou expulsar este *outro*, estabelecido no reino.

## FONTES MANUSCRITAS

### Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ANTT. *Chancelaria Régia, Chancelaria de D. João III*, Privilégios, liv. 5.

### Biblioteca Municipal de Elvas

CANCIONEIRO de Elvas. [s.d.]. Públia Hortênsia, Ms. 11793.

## BIBLIOGRAFIA E FONTES IMPRESSAS

ABELHO, Azinhal (1973). *Teatro Popular Português*. Braga: Editora Pax, vol. VI.

ABREU, Graça (2010). *Apresentação – Farsa da Lusitânia*. In *Centro de Estudos de Teatro, Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI – Base de dados textual [on-line]*. Lisboa: Centro de Estudos de Teatro.

BERNARDES, Manuel (1762). *Estimulo pratico para seguir o bem, e fugir o mal*. Lisboa: na Regia officina Sylviana, e da Academia Real.

<sup>50</sup> COELHO, 1892: 164-174.

<sup>51</sup> CLARK, 2004: 228.

- BOAS FESTAS para mandar aos amigos: representaõ-se as esquipaçoes, que acontecem nestes dáres, e tomares [...]. Lisboa: na offic. de Francisco Borges de Sousa, 1784.
- BRAGA, Gabriel Elyσιο Maia (2015). *Preso pela ratoeira: sobre a sedução nos entremezes portugueses do século XVIII*. «Cadernos de Clio» 6:2, 119–144.
- BUESCU, Ana Isabel (2010). *Festas régias e comunicação política no Portugal moderno (1521-1572)*. «Comunicação & Cultura». 10, 35–55.
- CARVALHO, Maria José Albarran (1999). *Inserção do profano no sagrado – a adoração do menino num corpus de peças de Cante*. «Filologia e Lingüística Portuguesa».3, 23–54.
- CLARK, Colin (2004). “Severity has often enraged but never subdued a gipsy”: *The History and Making of European Romani Stereotypes*. In SAUL, Nicholas; TEBBUTT, Susan, ed. *The Role of the Romanies: Images and Counter-Images of Gypsies/Romanies in European Cultures*. Liverpool: Liverpool University Press, pp. 226-246.
- COELHO, Adolfo (1892). *Os ciganos de Portugal: com um estudo sobre o calão*. Lisboa: Imp. Nacional.
- ENTREMEZ DAS LINGOAS ou derrota de hum velho louco. Lisboa: na oficina da viúva de Ignacio Nogueira Xisto, 1772.
- ENTREMEZ DO ESGANARELO ou o Cazamento por Força. Lisboa: na Oficina de Antonio Gomes, 1794.
- ENTREMEZ INTITULADO O Velho Peralta. Lisboa: na Oficina de Francisco Sabino dos Santos, 1776.
- FERNÁNDEZ-ÁLVAREZ, Manuel (2002). *Casadas, Monjas, Rameras y Brujas: La Olvidada Historia de la Mujer Española en el Renacimiento*. Madrid: Espasa Calpe.
- FERREIRA, João Pedro Rosa (2019). Social satire and social stereotypes in O Piolho Viajante (The Travelling Louse). Apresentado na XIX Conference of the International Society for Luso-Hispanic Humor Studies/Sociedad Internacional de Humor Luso-Hispano, La Paz, México, 21 de Novembro de 2019. Disponível em <<https://novaresearch.unl.pt/en/activities/s%C3%A1tira-social-e-estere%C3%B3tipos-sociais-em-o-piolho-viajante>>.
- FRASER, Angus (2007). *The Gypsies*. Malden: Blackwell Publishing.
- GONZALEZ ARPIDE, José Luis; RODRIGUEZ VALVERDE, Pilar (1988). *La Diaspora Gitana: La Tolerancia de los Primeros Años (Análisis Etno-Histórico)*. «Estudios humanísticos. Geografía, historia y arte». 10, 143–157.
- HERCULANO, Alexandre (1884). *Opúsculos*. Lisboa: Viúva Bertrand & Ca., vol. VI.
- LIVERMORE, H. (1984). *The Festivities of December 1552 in Lisbon*. Separata de «Revista da Universidade de Coimbra». 31, 321-336.
- LOPES, Rui Cabral (2014). *O vilancico no reinado de D. João V: Entre a persistência do costume e a mudança de paradigmas litúrgico-musicais*. «Revista Portuguesa de Musicologia». 1:1, 83–96.
- LOZANO, Tomás (2007). *Cantemos al Alba. Origins of Songs, Sounds and Liturgical Drama of Hispanic New Mexico*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- MARTÍN SÁNCHEZ, David (2018). *Historia del Pueblo Gitano en España*. Madrid: Los Libros de la Catarata.
- MAYALL, David (1997). *Egyptians and vagabonds: Representations of the gypsy in early modern official and rogue literature*. «Immigrants & Minorities» 16: 3, 55–82.

- MAYALL, David (2004). *Gypsy Identities 1500-2000 From Egipcians and Moon-men to the Ethnic Romany*. London; New York: Routledge.
- NERY, Rui Vieira (1996). *O Vilancico Português do século XVII. Um fenómeno intercultural*. In CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan, ed. *Portugal e o Mundo: o encontro de culturas na música//Portugal and the World: the encounter of cultures in music*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- NOVO, E GRACIOSO *Entremez, Intitulado A Sigainha ou o velho logrado pela sagacidade da criada, que por querer casar com ella ficou sem Filhas, sem noiva, e sem dinheiro*. Lisboa: na Oficina de Antonio Gomes, 1794.
- O LIVRO de Duarte Barbosa* (1996). Ed. por Maria Augusta da Veiga e Sousa. Lisboa: Ministério da Ciência e Tecnologia; Instituto de Investigação Científica e Tropical; Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- PAIVA, Rejane Ferreira de (2007). *A Vingança da Cigana: Influências da literatura de cordel no contexto operático do final do século XVIII em Portugal*. Lisboa: FCSH-UNL. Dissertação de mestrado, Ciências Musicais (Musicologia Histórica). 2 vols.
- PINTO, Fernão Mendes (1953). *Peregrinação*. Versão Integral em Português Moderno por Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: [s.n.], vol. II.
- RAMOS, Maria Ana (2003). *Ciganos literários do século XVI*. In MENDES, Marília, ed. *A língua portuguesa em viagem*. Frankfurt: Verlag Teo Ferrer de Mesquita, pp. 57-89.
- SALES, João Nuno (2005). *Ciganas*. Lisboa: Quimera.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar (1989). *História da Literatura Portuguesa*. 7.<sup>a</sup> ed. Porto: Porto Editora.
- SCHOLZ, Roswitha (2014). *Homo Sacer e os Ciganos. O anticiganismo – reflexões sobre uma variante essencial e por isso esquecida do racismo moderno*. Lisboa: Antígona.
- SERRÃO, Vítor (2017). *A Representação dos Ciganos na Arte Cristã: o caso de um painel da Misericórdia de Santarém*. «Correio do Ribatejo» (4 ago. 2017).
- SILVA, António Manuel Policarpo da [s.d.]. *O Piolho Viajante: Viagens em mil e uma carapuças*. [S.l.]: Luso-Livros.
- SANTA MARIA, Agostinho (1707). *Santuário Mariano e Historia das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora*. Lisboa: na Oficina de Antonio Pedrozo Galvão.
- SANTA RITA, Joaquim de (1762). *Academia dos Humildes, e Ignorantes. Dialogo entre hum Theologo, hum Filosofo, hum Ermitão, e hum Soldado [...]*. Lisboa: na Oficina de Ignacio Nogueira Xisto.
- SORIA, Ana Paula C. B. (2015). *«Juncos ao vento»: literatura e identidade romani (cigana)*. El Alma de los Parias de Jorge Nedich. Brasília: Universidade de Brasília. Tese de doutoramento.
- SOUSA, António Caetano (1744). *Provas Da Historia Genealogica Da Casa Real Portuguesa: Tira-das dos Instrumentos dos Archivos da Torre do Tombo, da Serenissima Casa de Bragança, de diversas Cathedraes, Mosteiros, e outros particulares deste Reyno*. Lisboa: Oficina Sylviana da Academia Real, vol. III.
- SOUSA, Fr. Luís de (1984). *A Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- TEYSSIER, Paul (2005). *A Língua de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- TINHORÃO, José Ramos (2019). *Os Negros em Portugal*. 3.<sup>a</sup> ed. Alfragide: Editorial Caminho.
- VICENTE, Gil [s.d.]a. *Auto de ãas ciganas, representado ao muito alto e poderoso rei dom João, o terceiro deste nome, em a sua cidade d'Évora*. In *Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI - Base de dados textual [on-line]*. Lisboa: Centro de Estudos de Teatro. [Consult. 23 ago. 2021]. Disponível em <<http://www.cet-e-quinientos.com>>.
- VICENTE, Gil [s.d.]b. *Auto da Festa*. In *Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI - Base de dados textual [on-line]*. Lisboa: Centro de Estudos de Teatro. [Consult. 23 ago. 2021]. Disponível em <<http://www.cet-e-quinientos.com>>.
- VIEIRA, Padre António (1744). *Arte de furta, espelho de enganos, teatro de verdades, mostrador de horas minguadas, gazua geral dos Reynos de Portugal*. Amesterdão: na officina de Martinho Schagen.
- VILLANCICOS QUE SE CANTARAM na Cappella Real do muy alto, e muy poderoso Rey D. Pedro II. N. Senhor nas matinas, & festa do Reyes. [Lisboa]: na Officina de Miguel Manescal, 1701.
- VILLANSICOS, QVE SE CANTARAM na Capella Real do muito alto, & muito poderoso Principe Dom Pedro Nosso Senhor nas Matinas, & Festa do Natal. [Lisboa]: por Antonio Craesbeeck de Mello, 1673.



VÁRIA



# INSUBMISSAS LÁGRIMAS MATERNAS: A MATERNIDADE NEGRA EM CONCEIÇÃO EVARISTO

ANA LUIZA DE FIGUEIREDO SOUZA\*

**Resumo:** *O artigo explora de que formas a maternidade é abordada em alguns dos contos que compõem a coletânea Insubmissas Lágrimas de Mulheres, da escritora brasileira Conceição Evaristo. O objetivo é traçar paralelos entre experiências comuns às mulheres negras e como isso se reflete nas suas vivências maternas. Tripla opressão, dororidade e afrobrasilidade são os principais eixos acionados. Conclui-se que os contos situam a maternidade dentro de estruturas e relacionamentos, muitas vezes, opressores. Porém, a partir de soluções elaboradas com base em referenciais próprios, a relação com os filhos configura o elemento capaz de impulsionar as personagens mães a buscarem melhores alternativas para si e para eles. Desse modo, a literatura negra produzida e defendida por Conceição Evaristo apresenta uma maternidade conduzida por mães negras que maternam filhos negros, cuja potência se mostra emancipadora.*

**Palavras-chave:** *maternidade negra; literatura negra; mulheres negras; dororidade; Conceição Evaristo.*

**Abstract:** *This paper explores how motherhood is addressed in some of the stories that make up the collection Insubmissas Lágrimas de Mulheres (Unsubmissive Tears of Women) by Brazilian writer Conceição Evaristo. It aims to draw parallels between experiences common to black women and how they are reflected in their maternal experiences. Triple oppression, sorrowwritry and Afro-Brazilianism are the main axes in action. It is concluded that the stories place motherhood within structures and relationships that are often oppressive. However, based on solutions developed based on their own references, the relationship with their children constitutes the element capable of driving the mother characters to seek better alternatives for themselves and them. In this way, the black literature produced and defended by Conceição Evaristo presents a motherhood led by black mothers mothering black children, with potential to be emancipatory.*

**Keywords:** *black motherhood; black literature; black women; sorrowwritry; Conceição Evaristo.*

## INTRODUÇÃO

Conceição Evaristo ocupa um lugar de destaque cada vez maior na cena literária brasileira. Com narrativa lírica, não linear, marcada por cortes temporais, a escritora conquista crítica e público, presença constante em eventos tanto literários quanto acadêmicos.

---

\* Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense.  
Email: analuizafigueiredosouza@id.uff.br.

A própria trajetória de Evaristo dialoga com o percurso de muitas de suas personagens. Nascida em favela, filha de uma lavadeira que criava as quatro filhas sozinha antes de se casar com quem se tornaria o padrasto da escritora, cresceu em uma família formada por tias, irmãs, avós, primas e outros parentes, na qual o apreço pela leitura, pela escrita e pela contação de histórias era tão presente quanto a necessidade de trabalhar. Fazer comida, faxinar a casa, cuidar de crianças. Essas atividades faziam parte da rotina de Evaristo desde cedo, tanto que com 8 anos de idade arranhou o primeiro emprego doméstico. Ao longo dos anos seguintes, conciliou trabalho, estudos, maternidade e escrita. Tornou-se doutora em Literatura Comparada, tendo como principais objetos de pesquisa o que denomina poética negra, e como a literatura retrata e constrói o que entende por afrobrasilidade. Isto é, a identidade brasileira que nasce entre os negros escravizados e seus descendentes, com influência de costumes derivados da África.

O romance de estreia da autora, *Ponciá Vicêncio*, teve a primeira edição publicada em 2003. Os livros seguintes, *Becos da Memória* e *Poemas de recordação e outros movimentos* mantêm a linha de denúncia sobre as limitações impostas à população negra no Brasil, mas introduzem a sensibilidade e a ternura que passam a ser marcas de seu lirismo, revelando cuidadoso trabalho com a linguagem poética. As relações de gênero, em geral voltadas para personagens femininas negras, se tornam cada vez mais centrais na ficção de Evaristo. É nessa altura que, em 2011, lança a coletânea de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, na qual aborda o universo das relações de gênero em contextos sociais marcados pelo racismo, pelo sexismo e pela desigualdade econômica.

A memória e a experimentação corporal constituem aspectos importantes da produção literária de Evaristo. Segundo ela, «Quando escrevo, quando invento, quando crio minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que, por ser esse “o meu corpo, e não outro” vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta»<sup>1</sup>. Tal concepção a aproxima de autores como Frantz Fanon e Lélia González, para os quais a corporeidade é importante nos processos elucidativos dos sujeitos, no tratamento dado à própria linguagem. Também se relaciona ao fato de que sua escrita, em boa parte, ficcionaliza lembranças da autora. «Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu-agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se (con)fundem, sigo eu nessa escrevivência»<sup>2</sup>.

Escrevivência, para Conceição Evaristo, é não separar as experiências que vivenciou, ouviu, testemunhou ou leu ao longo da vida e da literatura que produz.

---

<sup>1</sup> EVARISTO, 2009.

<sup>2</sup> EVARISTO, 2021.

Não se trata, porém, de autoficção, mas de perceber que as situações abordadas nas obras muitas vezes derivam de algo com que a autora já teve contato, modificadas conforme a intencionalidade de cada texto. Na abertura da segunda edição de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, publicada em 2016 pela editora Malê, a escritora explica:

*Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso<sup>3</sup>.*

A coletânea consiste na reunião de relatos recolhidos por uma narradora que visita diferentes cidades e encontra mulheres — todas elas negras — que aceitam contar sobre os caminhos que percorreram. O título de cada conto corresponde ao nome dessas personagens. Trata-se de narrativas articuladas por meio de uma narradora projetada no presente da enunciação<sup>4</sup> que se mescla às personagens para transmitir seus respectivos pontos de vista, sensações, sentimentos, separando-se delas nos momentos em que evidencia o ato de narrar (ou recontar) suas histórias.

Nessa trama permeada de lirismo, encontram-se redes de solidariedade e apoio entre mulheres, especialmente mulheres negras, diante da violência, do desamparo social, dos imprevistos da vida, da pobreza, da discriminação em seus vários formatos. A maternidade aparece na maioria dos contos, sendo elemento central em boa parte deles. Por meio de modelos maternos e de maternagem que se afastam dos hegemônicos, revelam particularidades na relação entre mulheres negras periféricas e seus filhos.

O presente artigo explora essas relações, que têm despertado interesse no mercado editorial brasileiro<sup>5</sup>. Para isso, o trabalho aqui apresentado parte de três contos nos quais a maternidade e o vínculo com os filhos ganham maior ênfase: «Aramides Florença», «Shirley Paixão» e «Lia Gabriel». Os contos também foram selecionados por apresentarem circunstâncias semelhantes, que costumam integrar as obras de Conceição Evaristo: violência doméstica contra mulheres, abuso sexual, relação entre cônjuges, precariedade financeira. Assim, por meio da

---

<sup>3</sup> EVARISTO, 2016: 7.

<sup>4</sup> FERNANDES, ABRIATA, 2021.

<sup>5</sup> FIGUEIREDO SOUZA, 2020.

articulação de bibliografia transdisciplinar, é possível tecer comparações mais pertinentes entre eles.

## 1. A TRIPLA OPRESSÃO DA MULHER NEGRA

No assim chamado Ocidente, os indivíduos foram historicamente socializados por meio de um processo estrutural de inteligibilidade em pares dicotômicos excludentes e hierarquizados: homem/mulher, branco/não branco, rico/pobre, entre outros. Essas categorias materializam identidades e/ou identificações, viabilizando reconhecimentos, desejos, rejeições e subalternidades<sup>6</sup>.

Diante disso, pensadores<sup>7</sup> da Teoria Social vinculados ao paradigma pós-estruturalista problematizam o status ontológico atribuído às identidades. Buscam desestabilizar essa inteligibilidade que condensa sentidos por meio de categorias dicotômicas nas quais um dos termos (ou condições) é considerado superior ao outro. Homem, por exemplo, seria entendido como superior a mulher, branco seria superior a não branco, e assim por diante. Nesses processos de subjetivação, alguns indivíduos são categorizados enquanto corpos humanos e outros como corpos abjetos, ou seja, entre vidas que importam (homens, brancos, ricos) e vidas sem importância (no caso deste artigo, mulheres, negros e pobres). O desmonte da ontologia das identidades revela que são, nos termos de Judith Butler, ficcionais e performativas<sup>8</sup>. A partir desse movimento, é possível tensionar sentidos essencializados e relações de poder.

Lélia González aponta que a língua portuguesa falada no Brasil traz evidências de como o mito da democracia racial se impregnou com tamanha força no país. Defende que, em suas manifestações mais ou menos conscientes, a chamada cultura brasileira oculta — e, ao fazê-lo, revela — marcas da africanidade que a constituem. Duas noções são caras ao pensamento de González: consciência e memória.

*Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse*

---

<sup>6</sup> OLIVEIRA, PEREIRA, MIRANDA, 2020.

<sup>7</sup> GONZÁLEZ, 1984; BHABHA, 2005; DERRIDA, 2006; BUTLER, 2017; FANON, 2020.

<sup>8</sup> BUTLER, 2017.

*discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas [deslizes] do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar [entender] esse jogo aí, das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioula [negros nascidos no Brasil], a gente saca que a consciência faz tudo pra nossa história ser esquecida, tirada de cena. [...]. Só que isso tá aí... e fala<sup>9</sup>.*

Defensora de uma sociedade solidária e fraterna, González entende que, para alcançá-la, seria preciso que os grupos excluídos do poder, além de se engajarem na luta política mais ampla, produzissem seu próprio conhecimento.

*Estamos cansados de saber que nem na escola nem nos livros onde mandam a gente estudar se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro e do índio [indígena] na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles. E o que é que fica? A impressão de que só os homens, os homens brancos, social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir este país. A essa mentira tripla se dá o nome de: sexismo, racismo e elitismo. E como ainda existe muita mulher que se sente inferiorizada diante do homem, muito negro diante do branco e muito pobre diante do rico, a gente tem mais é que tentar mostrar que a coisa não é bem assim, né<sup>10</sup>?*

Nesse ponto, dialoga com uma das principais argumentações de Conceição Evaristo sobre o movimento de transformação e resistência que a população na qual ela se insere produz, transposto para sua literatura.

*Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interditado em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. Produtos culturais como a música, a dança, o jogo de capoeira, a culinária e certos modos de vivência religiosa são apontados como aspectos peculiares da nação brasileira, distinguindo certa africanidade reinventada no Brasil<sup>11</sup>.*

Tal cenário configura o que Evaristo denomina afrobrasilidade: a identidade engendrada a partir da junção de modos de vida dos africanos trazidos ao Brasil

---

<sup>9</sup> GONZÁLEZ, 1984: 226-227.

<sup>10</sup> GONZÁLEZ, 2020: 186.

<sup>11</sup> EVARISTO, 2009: 18.

na condição de escravos com suas adaptações em território brasileiro, por parte de seus descendentes. A assim chamada literatura negra defendida pela autora abrange produções literárias feitas por escritores negros que se voltam para temáticas relacionadas tanto à discriminação racial quanto a costumes cultivados por aqueles que descendem (mais diretamente) de africanos escravizados.

É possível traçar um paralelo entre a noção de afrobrasilidade sustentada por Conceição Evaristo e a categoria político-cultural de amefricanidade cunhada por Lélia González. Para além de seu caráter geográfico, «ela designa todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (resistência, acomodação, reinterpretção, criação de novas formas) referenciada em modelos africanos e que remete à construção de toda uma identidade étnica». Seria a junção de práticas e pensamentos do continente americano — o que inclui seus povos indígenas, também escravizados e subalternizados — com práticas e pensamentos do continente africano, ocorrida a partir da implementação do sistema escravocrata nas Américas<sup>12</sup>.

Neste ponto, cabe contextualizar melhor a literatura de Conceição Evaristo e como a autora a situa na produção literária no Brasil. A obra de Evaristo se insere no que ela mesma denomina, a partir das pesquisas de Maria Nazareth Fonseca e Eduardo de Assis Duarte<sup>13</sup>, «um grupo representativo de escritores(as) afro-brasileiros(as), assim como algumas vozes críticas acadêmicas» que, desde os últimos anos da década de 1970, especialmente por meio de coletivos negros, vêm afirmando a existência de um *corpus* literário específico na literatura brasileira. Esse *corpus* seria constituído enquanto «uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada e vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira»<sup>14</sup>. Conforme sintetiza Maria Nazareth Fonseca,

*a literatura negra não se configura como um gênero literário nem se mostra a partir de gêneros discursivos específicos. Ora configurada a partir da afirmação étnica ou de marcas de busca de uma identidade negra ou afro-brasileira, ora construindo outros percursos marcados por autores, invenções literárias, temas, situando-se, como assinala Octavio Ianni (1988), por dentro e por fora da literatura brasileira, ela é pauta de discussão em vários momentos entre teóricos, críticos literários, escritores e públicos<sup>15</sup>.*

---

<sup>12</sup> GONZÁLEZ, 2020: 137.

<sup>13</sup> FONSECA, 2002, 2006; DUARTE, *org., ensaio e notas*, 2007.

<sup>14</sup> EVARISTO, 2009: 17.

<sup>15</sup> FONSECA, 2021: [s.p.].

Essa corrente de autores e pesquisadores, entre os quais se insere a própria Conceição Evaristo, considera que a experiência das pessoas negras ou afrodescendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas.

A isto se junta o conceito de escrevivência cunhado pela autora, que marcaria sua produção literária como intrinsecamente negra e feminina, visto que só pode ser produzida a partir do trabalho da escritora que, enquanto mulher negra crescida em contexto periférico, elabora sua narrativa ficcional a partir das experiências que, por terem atravessado sua subjetividade, se refletem no ponto de vista intencionalmente escolhido para seus textos. Ainda sobre o ponto de vista enquanto aspecto preponderante na conformação da escrita afro-brasileira, Conceição Evaristo esclarece:

*As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade — às vezes, só simbolicamente, reconheço — frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influiu e influi em minha subjetividade. E pergunto: será que o ponto de vista veiculado pelo texto se desvencilha totalmente da subjetividade de seu criador ou criadora<sup>16</sup>?*

Mais uma vez, encontra-se o paralelo com o pensamento de Lélia González, que argumenta, com base em dados empíricos, que as mulheres negras no Brasil são alvo de tripla discriminação: por raça, por gênero e por classe social. Sustenta que, junto às ameríndias, estão «subordinadas a uma latinidade que legitima sua inferioridade»<sup>17</sup>. O caráter duplo de sua condição biológica — racial e/ou sexual — torna essas mulheres as mais oprimidas e exploradas em uma região de capitalismo de origem tão patriarcal quanto racista. «Precisamente porque esse

---

<sup>16</sup> EVARISTO, 2009: 18.

<sup>17</sup> GONZÁLEZ, 2020: 127.

sistema transforma diferenças em desigualdades, a discriminação que sofrem assume um caráter triplo, dada a sua posição de classe»<sup>18</sup>. Em sua maioria, as mulheres negras e ameríndias fazem parte do imenso proletariado afro-latino-americano, principalmente daquele que é pior remunerado e trabalha em condições mais precárias.

O duplo fenômeno do racismo e da misoginia<sup>19</sup>, atravessado pela desigualdade econômica, produz efeitos violentos sobre a mulher negra, por meio das noções de: a) «mulata», escancaramento do desejo sexual, exaltação que cobiça corpos negros femininos; b) «doméstica», manifestação cotidiana, mulheres negras encaradas como aquelas que prestam serviços; e c) «mãe preta», quem, de fato, se ocupa da maternagem das crianças de famílias com condições de terem escravos<sup>20</sup>. Não à toa são elas que, até hoje, mais se encarregam de serviços, atreladas ao âmbito doméstico (faxineiras, diaristas, cozinheiras, babás, cuidadoras) ou à hipersexualização de seus corpos (sobretudo no ramo do entretenimento).

Noções estas que, conforme pontuam Evaristo e González, também são reproduzidas dentro da própria população negra, em especial por parte de homens negros que enxergam mulheres da mesma raça como aquelas que devem estar dispostas a servi-los, às quais, não raramente, são negados afeto e respeito. A solidão afetiva da mulher negra caminha junto ao que Vilma Piedade denomina dororidade: sofrimento que marca as experiências de mulheres pretas<sup>21</sup> em afrodiáspora. Ou seja, dor que é cunhada com o sequestro e a escravidão de integrantes de diversas sociedades africanas, cujos direitos no que tange à língua, à cultura, à religião e à própria vida são sistematicamente violados até dias hodiernos. Segundo Piedade, ao reconhecerem opressões especificamente enfrentadas por elas, as mulheres pretas constroem agência, buscam outras referências (sobretudo na cultura iorubá) que não sejam baseadas na lógica ocidental de objetificação de seus corpos<sup>22</sup>.

Tal qual Lélia González, Vilma Piedade aponta que o feminismo criado na Europa e praticado por mulheres brancas, muitas vezes, não dá conta das demandas específicas das mulheres negras/pretas.

*Isso porque, enquanto o estupro colonial foi romantizado e mulheres pretas escravizadas exerciam e ainda exercem múltiplas jornadas, o “mito da mulher*

---

<sup>18</sup> GONZÁLEZ, 2020: 132.

<sup>19</sup> Lélia González se refere a sexismo, mas o desprezo e o ódio às mulheres, que as coloca em posição subalterna, são sintomas da misoginia trazida pelo patriarcado branco. Por isso, usa-se aqui misoginia.

<sup>20</sup> GONZÁLEZ, 1984.

<sup>21</sup> Vilma Piedade utiliza o termo mulheres pretas em vez de mulheres negras. Portanto, ao mobilizar a autora, este termo será empregado.

<sup>22</sup> PIEDADE, 2019.

*forte e resistente” é projetado em suas imagens. Assim, as reivindicações feministas por emprego e pelo fim do mito da fragilidade feminina jamais contemplaram mulheres pretas e, por isso, a construção do conceito proposto por Vilma Piedade<sup>23</sup>.*

Lélia González relaciona o processo de inferiorização da mulher negra por parte, inclusive, de homens que compartilham com ela as agruras de ser negro em um país racista, aos trabalhos de Frantz Fanon. O psiquiatra debate como se dão as formas de subjetivação da dominação. Em outras palavras, quais são os mecanismos psicológicos que induzem o colonizado a se identificar com o colonizador. Incorporar valores que desumanizam pessoas negras, mas, com isso, incidem com maior violência sobre mulheres negras faz parte deles. Permite a manutenção dos privilégios de homens negros em relação às mulheres negras, embora, na prática, tais privilégios venham do mesmo regime fundado na precarização e no descarte de vidas negras, sejam masculinas ou femininas. Para Fanon, a desalienação dos negros se vincula diretamente à tomada de consciência das relações socioeconômicas. Estas, conforme já explicado, estão fortemente ligadas aos marcadores de raça e gênero<sup>24</sup>.

Reflexo de séculos de escravidão somados à misoginia que jamais tiveram a devida reparação histórica, tal cenário se tornou ainda mais visível durante a pandemia de COVID-19. Enquanto as mulheres indígenas tinham seus territórios invadidos, com ameaça à sua existência, as mulheres negras eram a maioria entre as desempregadas e, em 58% dos casos, suas condições de trabalho foram severamente afetadas no início da pandemia. Nesse contexto, as mulheres negras foram as que mais se engajaram nas atividades de economia solidária<sup>25</sup>.

Vê-se, portanto, que mulheres negras precisam constantemente criar maneiras não apenas de sobreviver, mas de triunfar em contextos que as colocam em posição de maior fragilidade social. O que também se aplica à maternidade.

## 2. MATERNIDADES NEGRAS

Em voga nos debates de anos recentes, a maternidade compulsória pode ser definida como um conjunto de práticas socioculturais e políticas que levam as mulheres a se tornarem ou desejarem ser mães de forma compulsória, sem que

---

<sup>23</sup> OLIVEIRA, 2021: 149. Aqui vale apontar que a reivindicação pelo direito ao trabalho e, mais especificamente, à obtenção de renda é uma pauta das mulheres da elite e das camadas médias, sobretudo urbanas, visto que tanto as mulheres pobres quanto as descendentes de escravas e indígenas sempre tiveram que trabalhar, muitas vezes fora de casa.

<sup>24</sup> FANON, 2020.

<sup>25</sup> APIB, [2020-2023]; ARAUJO, GONZÁLEZ, 2021; GÊNERO E NÚMERO, SEMPREVIVA, 2021.

isso represente de fato uma escolha<sup>26</sup>. No entanto, a maneira como a maternidade compulsória foi implementada é notadamente distinta se considerarmos mulheres de diferentes raças no Brasil.

*Embora o trabalho materno seja essencializado e privatizado, logo, atribuído especialmente à mãe e, situado, principalmente, na esfera reprodutiva/doméstica, o seu reconhecimento e sua legitimação passam pelo crivo público/social. Ou seja, implica considerar que a maternidade patriarcal é um discurso normativo que policia, que restringe o poder de transformar e mudar a experiência opressiva da maternidade e patologiza as mães que não podem performar uma maternidade normativa<sup>27</sup>.*

Entre essas mães, se encontram mulheres negras que historicamente tinham filhos — não raro, frutos de violência —, mas, muitas vezes, não podiam ser mães, dada a sua condição de cativas durante o período no qual imperou a escravidão e, nos séculos seguintes, de marginalização tanto econômica quanto social. No regime escravagista, com 7 anos, os filhos de escravas deviam mais obediência aos sinhôs e sinhás do que à mãe. Era comum as mães dessas crianças serem obrigadas a preterir o mamar dos próprios filhos em favor da amamentação dos filhos da classe senhorial ou do exercício do serviço de amas de leite, cujos lucros cabiam àqueles que detinham sua posse.

*Mesmo que costumes e ensinamentos tenham conseguido ser transmitidos entre diferentes gerações de cativos, isso era feito com a interferência constante do patriarcado branco, racista e escravocrata. Mesmo regime que transformava os modelos maternos e de maternagem praticados pelas mulheres escravizadas em alvo de estranheza, preconceito, represálias<sup>28</sup>.*

Ainda assim, é na função materna (no caso, muito mais em relação aos filhos alheios) que as mulheres negras podem (furtiva e paulatinamente) transmitir às crianças brasileiras — que Lélia González relaciona à própria cultura nacional — valores e referências que vão compor sua linguagem. Essa linguagem nacional formulada desde o início da escravidão, por González denominada pretoguês, marca a infância de boa parte dos brasileiros, que crescem nos braços de babás em sua maioria negras. A precariedade das condições de vida das mulheres negras após a abolição da escravidão, desprovidas de políticas

---

<sup>26</sup> FIGUEIREDO SOUZA, 2019, 2022.

<sup>27</sup> O'REILLY, 2016: 19 *apud* OLIVEIRA-CRUZ, CONRAD, 2022: 4.

<sup>28</sup> FIGUEIREDO SOUZA, 2022: 65-66.

públicas que as assistissem, fez que muitas delas continuassem buscando meios de subsistência no papel de babás e cuidadoras. O que não raramente as fazia passar mais tempo com aqueles de quem se ocupavam nessas funções do que com suas famílias<sup>29</sup>.

Conforme aponta Rita Segato, essas mães-babás escravizadas ou contratadas, ainda que se envolvam afetivamente no vínculo contraído com a criança, permanecem divididas pela consciência de um passado de escravidão ou de pobreza. Passado este que impossibilitou que tivessem escolha sobre o papel que passam a ocupar nos lares das famílias (em geral, brancas) que podem arcar com sua maternagem<sup>30</sup>. Enquanto isso, seus filhos muitas vezes crescem sem a oportunidade de desfrutar do tempo e da dedicação que suas mães dedicam aos filhos de outras pessoas, para sua sobrevivência.

Tal processo traz implicações hodiernas. Por um lado,

*nos modelos maternos e de maternagem hegemônicos, nota-se a influência de concepções tradicionais (amor incondicional, vocação materna, afazeres da mãe ligados ao ambiente doméstico, entre outras), aliada a exigências de otimização, respondendo a novas cobranças e definições femininas que, em boa parte, derivam do mercado (pressão estética, carisma dócil, investimento na carreira, assim por diante). [...] Nessa lógica de estimulação intensificada, mães são cobradas (e se cobram) a exercerem suas funções maternas de forma cada vez melhor, sob os imperativos do sucesso e da felicidade<sup>31</sup>.*

Por outro, a maternidade compulsória, por meio de modelos maternos e de maternagem hegemônicos, determina quem é mais ou menos digna como mãe (efetiva ou potencial), e quais mães vale a pena proteger, ouvir, amparar<sup>32</sup>. As mesmas expectativas e parâmetros incidem sobre todas, usados para valorar mulheres e maternagens distintas.

É preciso reconhecer a existência histórica de maternidades e formas de maternar paralelas no Brasil<sup>33</sup>. As escravas e suas descendentes estiveram desde sempre excluídas de referenciais maternos colocados como os melhores a serem seguidos. Mulheres negras e seus filhos não foram prioridade durante a maioria dos regimes de governança do país, desde a época de colônia até a volta da democracia após a ditadura militar. São elas as vítimas frequentes das crises econômicas e sanitárias que marcam a trajetória brasileira. Além de serem alvos constan-

---

<sup>29</sup> GONZÁLEZ, 2020.

<sup>30</sup> SEGATO, 2021.

<sup>31</sup> FIGUEIREDO SOUZA; POLIVANOV, 2021:140.

<sup>32</sup> FIGUEIREDO SOUZA, 2021.

<sup>33</sup> FIGUEIREDO SOUZA, 2022.

tes do que Achille Mbembe denomina necropolítica: o uso do poder social e político que, para garantir os modos de vida de determinados grupos (no caso, pessoas brancas), engendra o extermínio sistemático de grupos menos favorecidos (no caso, pessoas negras)<sup>34</sup>.

Diante disso, verificam-se fenômenos como o número expressivo de mulheres negras que afirmam terem desistido do desejo de ser mães devido à violência e ao abandono social ligados à raça. Somam-se ao quadro os índices de violência obstétrica mais elevados entre mulheres negras, junto à menor taxa de inserção ocupacional por parte daquelas com crianças de até 3 anos em casa<sup>35</sup>.

Contudo, também se encontram iniciativas de mães negras voltadas a criar condições de maternagem mais reconhecidas, justas e emancipadoras. Alguns desses empreendimentos são a criação de coletivos maternos exclusivos para mães negras, pressão por leis que amparem suas necessidades específicas, resgate de práticas de maternagem e modelos maternos trazidos de cosmovisões africanas, entre outros<sup>36</sup>.

*Tanto as dores quanto as vantagens da maternidade, no que diz respeito às mulheres negras, possuem um viés específico, sobretudo se pensarmos que as matrizes da maternidade na concepção ancestral africana não é generificada e não possui um sentido individualista. A maternidade pode ser fonte de redenção, potência e afeto, mas também pode ser fonte de opressão, sobretudo por conta dos efeitos colaterais da precarização das condições de vida que afetam mulheres negras<sup>37</sup>.*

Nesse sentido, é possível interpretar que há mulheres negras mobilizadas para que o pretoguês ao qual González se referia possa construir a linguagem nacional a partir das trocas com suas próprias crianças. Não na posição de cuidadoras invisibilizadas, mas de mães e figuras maternas em busca do fomento a modelos maternos e de maternagem que se adequem às realidades, aos costumes, às demandas e aos valores das mulheres negras, em especial daquelas em contextos periféricos. Essa inventividade, nascida da urgência e da dor compartilhada com outras mulheres pretas no papel de mães, reivindica seu espaço na literatura nacional.

É sabido que protagonistas femininas na literatura brasileira, mães ou sem filhos, são majoritariamente brancas, o que reflete um processo histórico na produção literária do país. Eduardo de Assis Duarte, inclusive, atenta para um

---

<sup>34</sup> MBEMBE, 2018.

<sup>35</sup> LEVY, 2020; GELEDÉS, 2020; FIGUEIREDO SOUZA, 2022.

<sup>36</sup> PIEDADE, 2019; COELHO, 2023.

<sup>37</sup> BORGES, 2021: [s.p.].

importante aspecto na representação da mulher negra em escritores canônicos brasileiros: a esterilidade. Segundo ele, isso se verifica quando aparecem na encarnação da «mulata» (em descrição semelhante à de González), desprovidas de razão ou sensibilidade mais acuradas, restritas aos trejeitos e artimanhas da sedução<sup>38</sup>. Duarte aponta como a infertilidade «parece ser uma constante da caracterização da mulher negra pela literatura brasileira e associa isso à negação, no plano simbólico, da possibilidade da afrodescendência [negra] no Brasil»<sup>39</sup>.

Já Sonia Roncador, ainda no âmbito da literatura canônica brasileira, apresenta as formas pelas quais a «mãe preta» se manifesta enquanto símbolo de fidelidade incondicional e de servilismo absoluto à classe senhorial. Para Fabiana Carneiro da Silva, a «mãe preta» poderia ser descrita como aquela que ama os filhos dos brancos mais do que os próprios filhos<sup>40</sup>.

Embora, com o passar das décadas, novos contornos tenham sido dados a personagens femininas na literatura brasileira, que cada vez mais se distanciam da imagem apaziguada da mãe que a maternidade patriarcal e racista idealiza, mães negras permanecem em minoria nesses retratos<sup>41</sup>. Autoras como Eliane Alves Cruz, Ana Maria Gonçalves, Jarid Arraes e, claro, Conceição Evaristo (todas elas, negras) têm sido importantes nomes na disseminação de personagens literárias que vivenciam o papel de mães a partir — mas não somente — da dorridade e da tripla opressão descritas por Vilma Piedade e Lélia González.

Afinal, suas vivências maternas dialogam com práticas herdadas de diferentes tradições africanas<sup>42</sup>, adaptadas de acordo com as circunstâncias (inclusive geográficas)<sup>43</sup> em que se inscrevem, dentro de uma afrobrasilidade que se revela capaz de transformar entornos.

### 3. O CORPO QUE ABRIGA CICATRIZES E SEMENTES

Aramides Florença, Shirley Paixão e Lia Gabriel são as protagonistas dos contos homônimos nos quais vivenciam diferentes formas do mesmo tipo de violência: o abuso físico e psicológico por parte do pai ou padrasto de seus filhos, sobre elas e as crianças.

Vemos a ficcionalização de aspectos que Evaristo, González e Piedade entendem como comuns ao contingente de mulheres negras no Brasil: fazem

---

<sup>38</sup> DUARTE, 2009.

<sup>39</sup> DUARTE, 2009 *apud* SILVA, 2016: 454.

<sup>40</sup> RONCADOR, 2008; SILVA, 2018.

<sup>41</sup> FIGUEIREDO SOUZA, 2020, 2021.

<sup>42</sup> EVARISTO, 2007.

<sup>43</sup> GONZÁLEZ, 2018.

parte da população menos economicamente favorecida, desde pequenas são responsáveis pelos afazeres domésticos, costumam vir de famílias com alto número de crianças, cujos cuidados recaem sobre elas, têm maior dificuldade para serem tratadas e encaradas como interesse romântico de alguém. Sendo este alguém um homem negro, o fator gênero instaura desigualdades entre o casal e a família compostos por pessoas da mesma raça e classe social. Nessas dinâmicas, a projeção da violência, do controle e do desprezo sobre a figura da companheira — ou, em «Shirley Paixão», da filha — negra reproduz a lógica racista de objetificação e utilitarismo do corpo dessas mulheres. Lógica esta que, conforme explica Fanon, também aprisiona o homem negro no papel de reforçar continuamente estruturas que permitem a manutenção de hierarquias que colocam esse mesmo homem em posição de subalternidade<sup>44</sup>, em comparação a homens brancos.

A agressividade dirigida às mulheres negras dentro de suas casas, por parte dos próprios companheiros, serve de endosso a premissas racistas como a de que pessoas negras são desprovidas de profundidade subjetiva, são guiadas pelas emoções, carecem de discernimento. Estereótipos que, embora aplicados sobre pessoas negras em geral, incidem de modo mais perverso sobre as mulheres negras. Basta retomarmos os exemplos de Duarte, Roncador e Silva sobre a representação majoritária dessas mulheres na literatura brasileira: ou a «mulata» espevitada, buliçosa, ardente, sem vínculos duradouros, incapaz de se comprometer com o amor romântico ou a «mãe preta» que tudo tolera, que não questiona, defensora das hierarquias estabelecidas e cujo trabalho ininterrupto é visto como inerente a sua condição de serviçal. Ambas situadas em relação a parâmetros patriarcais e eurocêntricos do que é ser mulher.

O que a literatura negra de Conceição Evaristo e demais autores escancara é o quanto essas representações são caricatas, pejorativas e ignorantes acerca das diversas manifestações dos brasileiros (sobretudo brasileiras) descendentes de escravizados africanos. A afrobrasilidade descrita por Evaristo, bem como a amefricanidade discutida por González, revela(m) seu potencial inventivo, transformador, mesmo disruptivo. Inclusive diante de circunstâncias adversas, sejam macroestruturas racistas, misóginas e elitistas nas quais essas mulheres se inserem, exacerbadas pelo capitalismo que coloca a elas e seus familiares como mão de obra que sofre maior exploração, sejam dinâmicas cotidianas que as impactam, perpassadas por tais preconceitos que, não raro, são reproduzidos internamente, sejam as próprias relações entre pessoas negras.

---

<sup>44</sup> FANON, 2020.

Por exemplo, o companheiro de Aramides sente ciúmes da relação dela com seu filho bebê, Emildes. Chega a ferir a barriga da companheira em duas ocasiões antes do parto.

*Um medo começou a rondar o coração e o corpo de Aramides. Antes, o olhar caloroso e convidativo do homem, que tanto lhe agradava, e a que ela correspondia de bom grado, com sentimentos de pré-gozo, passou a incomodá-la. Já não era mais um olhar sedutor, como fora inclusive durante quase toda a gravidez, e sim uma mirada de olhos como se quisesse agarrá-la à força. O bebê, ainda na fase de ser o corpo extensivo da mãe, com poucos dias de vida cá fora parecia experimentar a mesma sensação de incômodo; abria-se em pranto, mesmo estando no colo da mãe, quando pressentia a aproximação do pai<sup>45</sup>.*

O entendimento do corpo feminino como posse faz que encare o próprio filho biológico desenvolvido naquele corpo enquanto usurpador. A ele, ao homem, cabe o direito de dispor daquele corpo — e da mulher dona dele — conforme suas necessidades: ora afetivas, sedutoras, polidas, ora violentas, negligentes, exploratórias.

Já o companheiro de Shirley, além de tratar com rispidez a primogênita, Seni, abusa sexualmente dela, em segredo. «Horas depois de ter sido enxotado da sala por Shirley Paixão, o homem retornou à casa e, aproveitando que ela já estava dormindo, se encaminhou devagar para o quarto das meninas. Então, puxou violentamente Seni da cama, modificando naquela noite a maneira silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa, para machucá-la, como acontecendo há anos»<sup>46</sup>. Mais uma vez, o corpo feminino, ainda juvenil, é encarado como território de conquista. Quando as vontades do conquistador não são atendidas, a punição acontece.

Por fim, o companheiro de Lia a espanca. Na surra que antecede seu abandono, agride também Máximo, o filho caçula. «E quando uma das chicotadas pegou o corpo do menino, eu só tive tempo de me envergar sobre o meu filho e oferecer as minhas costas e as minhas nádegas nuas ao homem que me torturava. Meu menino chorava-chorava»<sup>47</sup>.

Este corpo — desumanizado a ponto de ser visto como literal saco de pancadas, sem que ali houvesse uma pessoa com sentimentos, desejos, temores, qualidades e defeitos — também é passível de ser acometido pela fúria das frustrações dos homens negros. Conforme aponta González, há motivos para que estejam revoltados dentro de uma estrutura sociocultural e política que mina até mesmo

---

<sup>45</sup> EVARISTO, 2016: 16.

<sup>46</sup> EVARISTO, 2016: 31.

<sup>47</sup> EVARISTO, 2016: 102.

suas possibilidades de subsistência, quem dirá de ascensão socioeconômica e realização pessoal<sup>48</sup>. Mas muitas vezes essa revolta, até devido aos mecanismos psicológicos enunciados por Fanon, não se dirige aos opressores, mas a quem, dentro dessa hierarquia, se encontra em posição mais oprimida<sup>49</sup>. No caso, as mulheres negras que, quando são mães, veem essa violência se estender a suas crianças e adolescentes.

Ainda de acordo com Fanon, reproduzir as violações a essas mulheres e seus rebentos significaria, nos instantes de agressão, ocultar a própria subalternidade, se distanciar do lugar social de vítima para o daquele que detém poder de oprimir.

Interessante perceber como as figuras masculinas agressoras são referenciadas por «o homem», no máximo chamados de «o pai de meu filho», implicando distanciamento tanto entre as personagens e os parceiros (em vez de «meu homem») quanto entre a narradora e esses agressores. Também não fica evidente se eram maridos das protagonistas. O que interessa é a aliança entre mães e filhos, em um pacto pela vida do qual a narradora, por recontar as histórias, passa a fazer parte. Os principais responsáveis pelo sofrimento doméstico das protagonistas só são referenciados por outros termos — «malacafento», «cão raivoso», «monstro», «animal ruim» — quando contam as situações em que elas ou os filhos foram agredidos por eles. As crianças, ao contrário, são nomeadas, além de referenciadas por termos carinhosos, diminutivos e elogios — «minha menina», «a menorzinha delas», «meu bem-amado» —, reproduzindo o modo como as personagens falam dos filhos à narradora que as escuta.

Também é importante reforçar como, nas narrativas, o corpo se torna receptáculo tanto de prazeres e afetos quanto de ameaças e agressões. É pelo corpo que as protagonistas e suas crianças reagem ao entorno, é nele que experimentam doçura e maldade, é por meio dele que Aramides Florença ensina cantigas ao filho e Shirley Paixão golpeia o estuprador da filha com uma barra de ferro, é a ele que os pequenos se agarram em busca de conforto, é dele que vazam «insubmissas lágrimas»<sup>50</sup>, segundo Lia Gabriel, se referindo ao choro das filhas diante das crises do irmão caçula, diagnosticado com esquizofrenia.

A corporalidade se destaca na produção literária de Conceição Evaristo, que usa seu «corpo-mulher-negra» para inscrever experiências e sentimentos em personagens que também são mulheres negras. Transmite aos leitores as inscrições corporais próprias que integram a literatura — e, por extensão, a vivência —, que chama de negra. Conforme denota a narradora no primeiro parágrafo de «Lia Gabriel»

---

<sup>48</sup> GONZÁLEZ, 2018, 2020.

<sup>49</sup> FANON, 2020.

<sup>50</sup> EVARISTO, 2016: 97.

*Enquanto Lia Gabriel me narrava a história dela, a lembrança de Aramides Florença se intrometeu entre nós duas. Não só de Aramides, mas as de várias outras mulheres que se confundiram em minha mente. Por breves instantes, me veio também a imagem da Mater Dolorosa e do filho de Deus pregado na cruz, ficções bíblicas, a significar a fé de muitos. Outras deusas, mulheres salvadoras, procurando se desvencilhar da cruz, avultaram em minha memória. Aramides, Líbia, Shirley, Isaltina, Da Luz, e mais outras que desfiavam as contas de um infinito rosário de dor. E, depois, elas mesmas, a partir de seus corpos mulheres, concebem a sua própria ressurreição e persistem vivendo<sup>51</sup>.*

Por meio de seus corpos — entendidos por elas e pela narradora como dotados de mente, de espírito, de engenhosidade, de força, em unidade que não se divide — as protagonistas dos contos não vão se conformar ao lugar diminuto que o pensamento hegemônico branco reservou às mulheres negras. Se é nos corpos que as marcas da violência se depositam, também é neles e por meio deles que tais mulheres tomam agência. São corpos que abrigam, por um lado, as cicatrizes de relações e comportamentos pautados pelo racismo, pela misoginia e pela desigualdade social. Por outro, são corpos que abrigam sementes. Não apenas os filhos que as personagens mães carregaram no ventre, descendentes e herdeiros da afrobrasilidade, mas também as ambições, os planejamentos, as redes que são capazes de semear.

#### 4. POTENCIALIDADES MATERNAS

Em contextos que reconhecem como hostis, Aramides, Shirley e Lia têm em si e nos filhos motivação para se reestruturarem. Nas filhas, em especial, encontram a cumplicidade e a parceria necessárias à existência feminina em uma cultura em que, segundo aponta González, ser mulher negra implica enfrentar maior violência. A dororidade<sup>52</sup> transgeracional permite trocas, aprendizados e fortalecimento.

Entre as protagonistas aqui analisadas, Aramides Florença é quem, em princípio, mais se aproximava dos modelos maternos e de maternagem hegemônicos, segundo os quais a maternidade é desejada e planejada, se localiza dentro da família nuclear, conta com a presença de um pai e o casal, unido pelo amor romântico, tem condições emocionais e materiais para suprir as necessidades do filho<sup>53</sup>.

---

<sup>51</sup> EVARISTO, 2016: 95.

<sup>52</sup> PIEDADE, 2019.

<sup>53</sup> FIGUEIREDO SOUZA, 2019, 2022.

*Florença tivera uma gestação feliz. Ter um filho havia sido uma escolha que ela fizera desde mocinha, mas que vinha adiando sempre. Vivia a espera de um encontro, em que o homem certo lhe chegaria, para ser o seu companheiro e pai de seu filho. Um dia, realmente, esse homem apareceu. Foram felizes no namoro. E mais felizes quando decidiram ficar juntos. [...] sem muitas preocupações e apertos econômicos, conseguiram montar um modesto, mas confortável, apartamento. [...]. A gravidez desejada logo aconteceu. [...]. Desde então, os dois grávidos mais felizes prometeram ser, para repartirem a felicidade com a criança que estava por vir<sup>54</sup>.*

A protagonista e seu companheiro contavam com certo conforto material, o que, embora denote que a situação econômica do casal não era abastada, distancia Aramides da faceta mais severa da opressão de classe, tão comum entre mulheres negras. No entanto, é possível deduzir que sua situação financeira sofre um abalo considerável quando o companheiro sai de cena.

Conforme reconta a narradora, Aramides consulta regularmente um pediatra, cujas instruções respeita e considera, ainda que as adapte. Por exemplo, quando o bebê não aceita as papinhas destinadas a substituírem a ingestão de leite, o médico recomenda que a mãe «deixasse a criança padecer um pouco de fome». Aramides «detestou a brutalidade da sabedoria pediátrica», mas cumpriu a recomendação<sup>55</sup>. O leite acumulado nos seios lhe empapava a roupa, enquanto Emildes permanecia calado no berço. «Subversivamente a mãe descumpriu a ciência médica e ofereceu os seios ao bebê»<sup>56</sup>. Nesse ponto, percebem-se algumas tensões na convivência entre as recomendações médico-científicas e a maternagem<sup>57</sup>, permeada de afeto e apego. Desde então, a mãe decide não usar mais a fome como meio de substituir as mamadas do filho, «que essa arma Aramides considerava suja»<sup>58</sup>. Prefere usar dança, música e brincadeiras, em um jogo que permite tanto o zelo materno quanto a astúcia infantil.

A adaptação das instruções recebidas dialoga com práticas maternas descritas nos trabalhos da própria Conceição Evaristo. Nelas, a cultura oral, o ritmo, o contato corporal, heranças da tradição africana, têm importância no estabelecimento de laços afetivos entre mães e crianças, integrando a assim chamada sabe-

---

<sup>54</sup> EVARISTO, 2016: 11.

<sup>55</sup> EVARISTO, 2016.

<sup>56</sup> EVARISTO, 2016: 10.

<sup>57</sup> O que remonta às severas represálias que o saber médico institucionalizado historicamente fez às mulheres negras, desde quando foram consideradas ameaças à saúde pública no papel de amas de leite até dias hodiernos, nos quais o racismo ainda marca presença em hospitais, consultórios e clínicas.

<sup>58</sup> EVARISTO, 2016: 10.

doria popular no que se refere aos cuidados com os pequenos<sup>59</sup>. Aramides, Shirley e Lia, inclusive, se mostram orgulhosas ao falarem dos filhos, os apresentam com encanto à narradora (que dele compartilha), aspectos que Evaristo relaciona à afrobrasilidade<sup>60</sup>. No caso, enxergar a chegada de crianças e a relação com elas como motivo de celebração e orgulho, convite à valorização das origens e à mudança.

É possível aprofundar o sentido de celebração por trás da linguagem afetuosa pela qual a narradora descreve o vínculo entre mães e filhos. Celebrar a chegada de uma vida negra em contextos em que essas vidas são constantemente atacadas e negligenciadas pode ser lido como combate a estruturas forjadas pela necropolítica<sup>61</sup>. Combate que as personagens travam por meio do afeto, da força e da valorização das raízes, em vez de violência, apagamento ou submissão.

O amor profundo e transformador pelas filhas é perceptível na maneira como Shirley Paixão, desde que estabeleceu relacionamento sério com o então companheiro, buscava a convivência afetuosa, justa e compreensiva entre ela, suas filhas biológicas e as enteadas.

*As meninas, filhas dele, se tornaram tão minhas quanto as minhas. Mãe me tornei de todas. E assim seguia a vida cumpliciada entre nós. Eu, feliz, assistindo às minhas cinco meninas crescendo. Uma confraria de mulheres. Às vezes, o homem da casa nos acusava, implicando com nosso estar sempre junto. Nunca me importei com as investidas dele contra a feminina aliança que nos fortalecia. [...]. Uma batalha nos esperava e, no centro do combate, o inimigo seria ele<sup>62</sup>.*

Nos três contos, a saída da figura masculina possessiva e violenta da vida da família não é o início de dias difíceis, mas o começo de dias melhores. A própria narradora reflete, ao reparar a alegria de Emildes. «Teria a criança, tão novinha, [...] se rejubilado também com a ausência do pai? Só a mãe, só a mulher sozinha, lhe bastava?»<sup>63</sup>. Conforme explica Lia Gabriel, ao ser deixada pelo pai dos filhos: «E foi nessa ocasião que tomei, sozinha, a diretriz da minha vida»<sup>64</sup>. Passou a dar aulas particulares, depois a consertar eletrônicos, enquanto manejava as crises do caçula com o apoio das gêmeas mais velhas, Madá e Lená. Em uma sessão de terapia, Máximo Gabriel, então adolescente, relembra de quando foi chicoteado

---

<sup>59</sup> EVARISTO, 2007.

<sup>60</sup> EVARISTO, 1996.

<sup>61</sup> MBEMBE, 2018.

<sup>62</sup> EVARISTO, 2016: 28.

<sup>63</sup> EVARISTO, 2016: 9.

<sup>64</sup> EVARISTO, 2016: 98.

pelo pai. A terapeuta explica que, durante uma das crises, ele disse querer matá-lo. A fala da médica, apesar de causar «um misto de sentimentos» a Lia (culpa, vergonha, remorsos «por ter escolhido tal homem para ser pai de meus filhos»), lhe dá esperança de que o filho «possa conseguir vencer a imagem do monstro que se desenhou na mente dele, quando ele tinha apenas dois anos»<sup>65</sup>. É a morte, ainda que simbólica, dessa figura opressora que se apresenta como solução para o principal problema da família — a saúde mental do caçula — e encerramento do conto.

Desfecho similar ocorre em «Shirley Paixão», após ter sido presa por agredir o então companheiro.

*Hoje, quase trinta anos depois desses dolorosos fatos, continuamos a vida. [...] A nossa irmandade, a confraria de mulheres, é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que desponta. Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. [...] Entretanto, aprofunda, a cada dia, o seu dom de proteger e de cuidar da vida das pessoas. É uma excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria*<sup>66</sup>.

O convívio embasado na dororidade — bem como na sororidade — entre mãe e filhas se expande não apenas dentro da família de Shirley, com a celebração de uma nova geração de meninas, mas para além dela, com os pacientes de Seni.

Também vale destacar a importância que a rede de apoio apresenta, em diálogo com o que Charlene Borges aponta sobre a maternidade, na concepção ancestral africana, não ter sentido individualista<sup>67</sup>. Em seus trabalhos acadêmicos, Conceição Evaristo também aponta como a coletividade é elemento muitas vezes central dentro de famílias e comunidades negras no Brasil.

São os vizinhos que acodem Shirley e as meninas no dia em que o ex-companheiro é pego em flagrante. Uma das vizinhas, inclusive, recomenda que Shirley se esconda para não ser presa por agredi-lo. Também fica subentendido que a vizinhança assiste as meninas durante os 3 anos em que Shirley esteve presa, já que o pai delas permanece na cadeia. Por sua vez, a casa da mãe de Lia vira refúgio para escapar da raiva do companheiro, recebendo cuidados e conselhos. Tem-se um sentido de maternagem comunitária, ainda que os vínculos mais estreitos sejam estabelecidos dentro das famílias nucleares.

---

<sup>65</sup> EVARISTO, 2016: 103.

<sup>66</sup> EVARISTO, 2016: 34.

<sup>67</sup> BORGES, 2021.

## CONCLUSÕES

Por meio do lirismo e do imbricamento entre passado e presente que marcam a escrita de Conceição Evaristo, dessa vez, fazendo uso do artifício ficcional da entrevista, os contos «Aramides Florença», «Shirley Paixão» e «Lia Gabriel» situam especificidades das vivências maternas de mulheres negras interpeladas por conjunturas nas quais o racismo, a misoginia, a vulnerabilidade social, junto às demandas e expectativas em torno da parentalidade, se manifestam de modo concomitante.

A fonte das opressões e problemas que as protagonistas enfrentam não são os filhos. Pelo contrário, representam motivo de força e alegria, parceiros de lutas e bons momentos, sentido perceptível na linguagem afetuosa como a narrativa descreve a cumplicidade entre eles (sobretudo elas) e as mães. Os maiores responsáveis pelas desavenças que a família precisa superar são os companheiros abusadores, que não deixam de ser resultado do cruzamento de práticas misóginas e racistas que agridem com mais força mulheres negras e suas crianças, transforma seus corpos em território a ser apossado, mesmo por aqueles que também se reconhecem negros.

Violência que, apesar de deixar marcas no corpo, não apequena as protagonistas. Na irmandade que denominam família, fazem da função materna semeadora de conquistas, continuidade de uma linhagem ancestral mantida por gestos, toques, abraços e acalantos. A dororidade que as une, ainda que à distância, se relaciona tanto à dor causada pelo racismo sofrido na condição de mulheres quanto a sua capacidade de agência na consolidação de outras possibilidades de mundo.

Se são os parâmetros eurocêntricos, imbuídos de racismo, misoginia e valores capitalistas, que as colocam em posição de inferioridade, como se fossem desprovidas de agência ou mesmo de caráter humano, faz sentido se voltarem às referências construídas por elas próprias na rotina com os filhos, mistura entre concepções africanas e latinas trazidas pela experiência prática. Processo que Conceição Evaristo encara enquanto inerente à afrobrasilidade difundida em suas produções literárias.

É a relação com os filhos que impulsiona as personagens mães a buscarem melhores alternativas para si e para eles. Dentro da literatura negra produzida por mulheres também negras, engendradas à realidade material que tantas como elas vivenciam, são apresentados caminhos possíveis para viver uma maternidade negra que, embora não esteja imune a agressões resultantes da tripla opressão comumente sofrida por mulheres pretas, guarda potência para se tornar emancipada e emancipadora.

## BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Adriene Reis; GONZÁLEZ, Ana Lúcia Stumpf (2021). *A pandemia tem sido ainda pior para as mulheres. É preciso políticas específicas*. «Carta Capital» (07 mar. 2021). [Consult. 29 set. 2023]. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/a-pandemia-tem-sido-ainda-pior-para-as-mulheres-e-preciso-politicas-especificas/>>.
- BERND, Zilá (1988). *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- BHABHA, Homi (2005). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- BORGES, Charlene (2021). *Maternidade negra, ética de cuidado coletivo e políticas públicas*. «Geledes» (26 mar. 2021). [Consult. 30 jan. 2023]. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/charlene-borges-maternidade-negra-etica-de-cuidado-coletivo-e-politicas-publicas/>>.
- BUTLER, Judith (2017). *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica.
- APIB: ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL [2020-2023]. *Dados Covid*. «Emergência Indígena». [Consult. 29 set. 2023]. Disponível em <[https://emergenciaindigena.apiboficial.org/dados\\_covid19/](https://emergenciaindigena.apiboficial.org/dados_covid19/)>.
- DERRIDA, Jacques (2006). *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva.
- DUARTE, Eduardo de Assis, org., *Ensaio e notas* (2007). *Machado de Assis afro-descendente*. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida.
- DUARTE, Eduardo de Assis (2009). *Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade*. «Revista Scripta». 13:25, 63-78.
- COELHO, Ana Carolina (2023). *Talita Michelle de Souza: “Descobrir que seria uma mãe preta no início do doutorado me tirou do chão”*. «Jornal Opção». (28 jan. 2023). [Consult. 30 jan. 2023]. Disponível em <<https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/conversas-de-mae/talita-michelle-de-souza-descobrir-que-seria-uma-mae-preta-no-inicio-do-doutorado-me-tirou-do-chao-461710/>>.
- EVARISTO, Conceição (1996). *Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado.
- EVARISTO, Conceição (2007). *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. In ALEXANDRE, Marcos Antonio, org. *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, pp. 16-21.
- EVARISTO, Conceição (2009). *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. «Revista Scripta». 13:25, 17-31.
- EVARISTO, Conceição (2016). *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Rio de Janeiro: Malê.
- FANON, Frantz (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora.
- FERNANDES, Camilla; ABRIATA, Vera Lúcia Rodella. *A construção de identidade de Aramides Florença: da alienação à conscientização sobre a violência masculina*. «Revista Entreletras». 12:3, 375-395.
- FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de (2019). *“Me deixem decidir se quero ou não ser mãe!”: narrativas pessoais de mulheres sobre a maternidade nas mídias sociais*. Niterói: Universidade Federal Fluminense. Dissertação de mestrado.
- FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de (2020). *Contos da Maternidade: As Novas Dinâmicas Maternas na Literatura Brasileira Contemporânea*. «Revista Cadernos da Escola de Comunicação». 16:1, 96-111.

- FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de (2021). *Maternidade na literatura brasileira contemporânea escrita por mulheres*. In Ciclo de Seminários *MaterClass: Personagens Maternas da Literatura*. Universidade do Porto, 7 a 28 de maio de 2021. Apresentação em Seminário.
- FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de (2022). “Ser mãe é f\*d@!?”: mulheres, (não) maternidade e mídias sociais. Porto Alegre: Zouk.
- FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de; POLIVANOV, Beatriz (2021). *Textão-desabafo no Facebook: categoria discursiva para debates sobre a maternidade*. In OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; MENDONÇA, Maria Collier de, orgs. *Maternidade nas mídias*. Santa Maria: FACOS-UFSM, pp. 133-162.
- FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de (2021). *Maternidade negada*. «Ana Luiza de Figueiredo Souza, site profissional» (18 jun. 2021). [Consult. 29 set. 2023]. Disponível em <<https://www.analizadefigueiredosouza.com.br/post/maternidade-negada>>.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (2002). *Vozes em discordância na literatura afro-brasileira contemporânea*. In FONSECA, Maria Nazareth Soares; FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna, orgs. *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; Mazza Edições, pp. 191-220.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (2006). *Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica*. In SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré, orgs. *Literatura afrobrasileira*. Salvador/Brasília: Centro de estudos afro-orientais/Fundação Cultural Palmares. pp. 9-38.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (2021). *Literatura negra: os sentidos e as ramificações*. «Literafro» (1 jul. 2021). [Consult. 30 jan. 2022]. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/159-maria-nazareth-soares-fonseca-literatura-negra-os-sentidos-e-as-ramificacoes>>.
- GELEDÉS (2020). *Mulheres negras sofrem mais com violência obstétrica; ouça debate*. «Geledés» (4 maio 2020). [Consult. 30 jan. 2022]. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-sofrem-mais-com-a-violencia-obstetrica-ouca-debate/>>.
- GÊNERO E NÚMERO; SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA (2021). *Relatório Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia*. «Mulheres na Pandemia» (sem data de publicação informada, 2021). [Consult. 29 set. 2023]. Disponível em <[https://mulheres-napandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio\\_Pesquisa\\_SemParar.pdf](https://mulheres-napandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf)>.
- GONZÁLEZ, Lélia (1984). *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. «Revista Ciências Sociais Hoje». [s.n.], 223-244.
- GONZÁLEZ, Lélia (2018). *Primavera para as rosas negras*. São Paulo: Editora Filhos da África.
- GONZÁLEZ, Lélia (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LEVY, Clarissa (2020). *Sonhos negados: violência faz mulheres negras desistirem da maternidade*. «TAB UOL» (5 jul. 2020). [Consult. 30 jan. 2022]. Disponível em <<https://bit.ly/3He4QD5>>.
- MBEMBE, Achille (2018). *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições.
- OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim; PEREIRA, Amanda Gomes; MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves de (2020). *A interpelação do indivíduo em sujeito ou a gramática do sujeito: identidades, desejo e racismo em Judith Butler, Lélia González e Grada Kilomba*. «PoliÉtica». 8:2, 338-360.

- OLIVEIRA, Jéssica Cristina Alvaro de (2021). *Dororidade: A união das mulheres pretas através da dor*. «Ayé». 3:1, 148-151.
- OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; CONRAD, Kalliandra Quevedo (2022). *Refletindo maternidades e redes sociais digitais a partir do feminismo matricêntrico*. «Estudos Feministas». 30:2, 1-14, e86996.
- PIEIDADE, Vilma (2019). *Dororidade*. São Paulo: Nós.
- RONCADOR, Sonia (2008). *O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural*. «Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea». 31: *Relações Raciais*, 129-152.
- SEGATO, Rita (2021). *Édipo negro: colonialidade e a forclusão de gênero e raça*. In SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, pp. 211-246.
- SILVA, Fabiana Carneiro da (2016). *Mulher negra entre a maternidade e a violência: a representação rasurada na literatura canônica brasileira*. «Exodus». 13:1, 451-466.
- SILVA, Fabiana Carneiro da (2018). *Maternidade negra em Um defeito de cor: a representação literária como ruptura do nacionalismo*. «Estudos de Literatura Brasileira Comparada». 54, 245-275.

# NOTÍCIAS



# AS OFICINAS DE INVESTIGAÇÃO CITCEM 2023/2024

CARLA SEQUEIRA\*

JOANA LENCART\*\*

As Oficinas de Investigação CITCEM (OIC) constituem, desde 2011, um espaço de divulgação e discussão regular de projetos de investigação individuais (dissertações de mestrado, teses de doutoramento, projetos de pós-doc, etc.) ou coletivos, dos investigadores e colaboradores do CITCEM, podendo associar investigadores convidados de outros centros ou universidades nacionais e/ou estrangeiras. As sessões assumem um carácter laboratorial, devendo as comunicações incidir na apresentação/discussão de temas de investigação, fontes, metodologias e resultados.

As sessões das OIC deste novo ano letivo realizar-se-ão às quintas-feiras, da parte da tarde, no auditório do CITCEM, na FLUP, entre setembro de 2023 e junho de 2024. Cada sessão abrange um tema, integrado nos grupos e linhas de investigação do CITCEM, e inclui três a cinco comunicações. A edição de 2023/24 apresenta como principal novidade a inclusão de dois moderadores-comentadores das sessões, um sugerido pelo(s) proponente(s) das sessões e outro pelo coordenador do Grupo de Investigação em que a proposta se insere. Procurou-se que os moderadores fossem académicos e investigadores conceituados nas matérias em debate e

provenientes de instituições exteriores à Universidade do Porto com vista a uma discussão mais enriquecida e a um maior rigor científico.

Ao longo do ano de 2023/2024 serão apresentadas 16 sessões, cujas temáticas variadas procurarão promover o debate académico e incentivar a investigação científica.

A primeira sessão, que terá lugar em novembro, é proposta por Marisa Pereira Santos<sup>1</sup> e prevê cinco intervenções dedicadas à importância da participação das comunidades locais enquanto agentes de valorização e preservação do património.

Em dezembro, Antero Ferreira<sup>2</sup> propõe uma sessão orientada para o tratamento de bases de dados genealógicos, com base no projeto Repositório Genealógico Nacional, e será acompanhado por mais quatro intervenientes.

As sessões de fevereiro prometem uma discussão profícua, assumindo-se como um importante incentivo à investigação. No início do mês, Paulo Vasconcelos<sup>3</sup> propõe o tema *Da pesquisa documental à sua análise crítica: uma história ambiental a nível regional (sécs. XVIII-XX)*, visando, com outros três intervenientes, alertar para questões prementes, nomeadamente as

---

\* CITCEM/FLUP.

\*\* CITCEM/FLUP.

<sup>1</sup> Marisa Pereira Santos, Doutora em Estudos do Património – História da Arte/CITCEM. Grupo de Investigação CITCEM: Património Material e Imaterial.

<sup>2</sup> Antero Ferreira, Diretor da Casa de Sarmento – Centro de Estudos do Património (UMinho) e CITCEM/ Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Grupo de Investigação CITCEM: Populações e Saúde.

<sup>3</sup> Paulo Vasconcelos, Bolseiro de Doutoramento em História FLUP/CITCEM. Grupo de Investigação CITCEM: Territórios e Paisagens.

problemáticas ambientais a nível regional entre os séculos XVIII e XX. Na sessão seguinte, Rodrigo Christofoletti<sup>4</sup> aborda a questão do património internacional, do local ao global, acompanhado por mais três colegas. Ainda durante o mês de fevereiro, André Filipe Oliveira e Silva<sup>5</sup> e Antero Ferreira propõem, com mais quatro oradores, uma abordagem sobre a saúde e a mortalidade através de uma perspetiva metodológica. No mês de fevereiro ainda teremos a oportunidade de assistir à sessão proposta por Manuel Joaquim Moreira da Rocha<sup>6</sup>, intitulada *Território, Cidade e Arquiteturas*, numa perspetiva transversal recuperando ensinamentos do passado, aplicando-os ao presente e projetando-os para o futuro. Esta sessão terá a presença de cinco intervenientes.

O mês de março inicia com a sessão de Louise Palma<sup>7</sup> e Fabiana Dicuonzo<sup>8</sup> que propõem estabelecer ligações entre as práticas arquitetónicas, artísticas e musi-

cais em ambiente de museu. Ainda em março, Hugo Daniel da Silva Barreira<sup>9</sup> traz-nos a sessão *Água, Arquitetura e Património*, cujos cinco oradores irão apresentar investigação sobre a presença da água na história urbana. O mês termina com a sessão de Cláudia Garradas<sup>10</sup> e Sofia Alexandre Carvalho<sup>11</sup> que, com mais dois oradores, procuram promover o debate sobre como o lugar de fala do investigador condiciona projetos de investigação no âmbito da museologia e suas interseções com colonialismo e racismo.

Em abril, Jonas Ferrigolo Melo<sup>12</sup> propõe uma sessão sobre o «gerenciador de consentimento para acesso a dados pessoais» na internet, com a colaboração de dois colegas. Segue-se a sessão de Ivan Luis Lima Cavalcanti<sup>13</sup> e Isabella Pimentel<sup>14</sup> sobre «caminhos e perspetivas no ensino da História», apresentando, com mais dois oradores, reflexões teóricas e experiências práticas de projetos de investigação. Por

4 Rodrigo Christofoletti, Doutor em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas (2010). Grupo de Investigação CITCEM: Património Material e Imaterial.

5 André Filipe Oliveira e Silva, Doutor em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Grupo de Investigação CITCEM: Populações e Saúde.

6 Manuel Joaquim Moreira da Rocha, Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Grupo de Investigação CITCEM: Património Material e Imaterial.

7 Louise Palma, Mestre em Museologia pela Faculdade de Letras do Porto. Grupo de Investigação CITCEM: Educação e Desafios Societais.

8 Fabiana Dicuonzo, Arquiteta pela Ordine degli Architetti Pianificatori Paesaggisti e Conservatori di Roma e provincia. Grupo de Investigação CITCEM: Educação e Desafios Societais.

9 Hugo Daniel da Silva Barreira, Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Grupo de Investigação CITCEM: Património Material e Imaterial.

10 Cláudia Garradas, Mestre em Art Studies – Museum and Curatorial Studies pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Grupo de Investigação CITCEM: Educação e Desafios Societais.

11 Sofia Alexandre Carvalho, Doutoranda em Estudos do Património – especialização em Museologia, pela Universidade do Porto. Grupo de Investigação CITCEM: Educação e Desafios Societais.

12 Jonas Ferrigolo Melo, Doutorando em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais pela Universidade do Porto/Universidade de Aveiro. Grupo de Investigação CITCEM: Informação, Comunicação e Cultura Digital.

13 Ivan Luis Lima Cavalcanti, Doutorando em História Contemporânea pela Universidade do Porto. Grupo de Investigação CITCEM: Educação e Desafios Societais.

14 Isabella Pimentel, Doutoranda em História Contemporânea pela Universidade do Porto. Grupo de Investigação CITCEM: Educação e Desafios Societais.

fim, Mirta dos Santos<sup>15</sup> traz uma sessão apresentando, com quatro colegas, os resultados de investigação sobre confluências culturais literárias transatlânticas.

O mês de maio abre com uma sessão dedicada à numismática em Portugal, proposta por Alice Baeta<sup>16</sup>, acompanhada por mais três mestrandos em Arqueologia que apresentarão os seus trabalhos de investigação. A sessão seguinte é proposta por Edilece Souza Couto<sup>17</sup> e Nuno de Pinho Falcão<sup>18</sup> e terá como mote *Irmandades e Ordens Terceiras, sociabilidade e vivência da Fé* em contexto de São Salvador da Baía.

A última sessão deste ano letivo inti-

tula-se *Observações sobre o Papado e Portugal na Idade Média* e será apresentada por Enrico Veneziani<sup>19</sup> e Francesco Renzi<sup>20</sup>. As intervenções dos quatros participantes irão focar-se em alguns dos aspetos mais relevantes das relações entre o Papado e o reino de Portugal na Idade Média.

Esperamos uma ampla adesão a estas oficinas enquanto lugares privilegiados de divulgação e discussão de investigação.

Para qualquer esclarecimento adicional, sugerimos a consulta da página das OIC em <https://oficinascitcem.wixsite.com/oiccitcem>, ou o contacto através do email [oic.citcem@gmail.com](mailto:oic.citcem@gmail.com).

---

<sup>15</sup> Mirta dos Santos, Docente da Faculdade de Letras do Porto; Doutora em Filologia (Estudos Linguísticos e Literários, Teoria e Aplicações) pela Faculdade de Filologia da UNED. Grupo de Investigação CITCEM: Representações Locais e Globais.

<sup>16</sup> Alice Baeta, Bolseira de doutoramento pela UNIARQ. Grupo de Investigação CITCEM: Património Material e Imaterial.

<sup>17</sup> Edilece Souza Couto, Professora Catedrática da Universidade Federal da Baía. Grupo de Investigação CITCEM: Sociabilidades e Práticas Religiosas.

<sup>18</sup> Nuno de Pinho Falcão, Professor Adjunto do Instituto de Humanidades e Letras (Campus Malês) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Grupo de Investigação CITCEM: Sociabilidades e Práticas Religiosas.

<sup>19</sup> Enrico Veneziani, Doutor pela University of St. Andrews Reino Unido. Grupo de Investigação CITCEM: Sociabilidades e Práticas Religiosas.

<sup>20</sup> Francesco Renzi, Doutor em História pela Universidade de Bologna «Alma Mater Studiorum». Grupo de Investigação CITCEM: Sociabilidades e Práticas Religiosas.

## REFEREES

Alva Martinez Teixeira (FLUL)

Ana Paula Castello Branco Soria (Universidad Nacional de La Patagonia Austral – UNPA, Argentina)

Andrea Guerrero Mosquera (Universidad Autónoma de México – UNAM)

Julianna Morcelli Oliveros (Centre d’Història de la Ciència – CEHIC, da Universitat Autònoma de Barcelona – UAB)

Luana Giurgevich (CIUHCT, Universidade de Lisboa – UL)

Milena Viceconte (Università di Napoli Federico II)

Monique Palma (CIUHCT, Universidade de Lisboa – UL)

Natally Chris da Rocha Menini (Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro)

Vanessa Rimbau Pinheiro (Universidade Federal da Paraíba)

Wellington Bernardelli Silva Filho (Universidade Federal do Amazonas – UFAM)

